

Brigada hum testemunho publico e completo da sua approvação, pela bizzarria com que se houve nas duas primeiras acçoens defronte de Ordaz, em que ostentou hum valor, verdadeiramente digno da Nação Portugueza.

O Batalhão de Caçadores No. 9. soube merecer a estimação dos seus commandantes.

S. Ex. reconhece as obrigaçoens em que está ao Regimento de Infantaria No. 17., e aos Batalhoens de Caçadores Nos. 1 e 3, que formavaõ parte da Divizaõ Ligeira, pelo bem que se comportáraõ nesta batalha.

O Senhor Marechal elogia a actividade e as boas disposiçoens, que o Dr. Lagum, Cirurgiaõ em chefe da 9 Brigada, manifestou pela sua prontidaõ e zelo para com todos os feridos, que sobre o mesmo campo de batalha foraõ soccorridos e curados.

Nas actuaes circumstancias, o Senhor Marechal não pode concluir a sua ordem do dia sem dar os seus agradecimentos ao Exercito Portuguez não so pelo seu comportamento nas batalhas, mas taõbem por não lhe dar o mais pequeno motivo para exhorta-lo, a vista do bem com que sempre se ha portado tanto nos seus acantonamentos como no que dis respeito aos habitantes. Os soldados Portuguezes não so tem mostrado ao exercito Francez que este lhes he inferior no campo de batalha e em todas as virtudes militares, mas devem ter convencido a nação franceza quanto elles são superiores as suas tropas em principios de moral, humanidade, e boa disciplina. Por estas qualidades assim como pelo seu brio e valor tem consequentemente as tropas Portuguezas augmentado por extremo a gloria da sua Patria, e merecido com isto os mui particulares e positivos agradecimentos do seu Augusto Soberano, que ao mesmo tempo he o exemplo e o remunerador de todas as virtudes.

A Europa taõbem vera e honrara as virtudes da Nação Portugueza. contemplando em todas aquellas que o seu Exercito tem manifestado.

POSTSCRIPTUM.

Recebemos hoje (31 de Dezembro) mais dois Bulletins do Principe da Coroa datados hum de Neumunster a 12 de Dezembro; e outro datado de Kiel a 16, que por falta de lugar deixamos para o seguinte No. Por elles consta que o Principe de Hesse commandante das tropas Dinamarquezes pedio hum armisticio, que o Principe da Coroa lhe concedeo, e que principiou no dia 15, e deve acabar no dia 29. He mui provavel que a Dinanamarca abandonando a alliança da França, que taõ funesta lhe tem sido, se una aos Alliados.

REFLEXOENS

Sobre os ultimos acontecimentos, e seos consequentes resultados.

O estrondo, com que rematou a celebridade do anno de 1813, vai levar ao futuro o annuncio de huma nova éra, que pelos alicerses, que estão ja lançados, indica huma base mais segura no edificio social, e nos interesses do genero humano. O equilibrio das funçoens no corpo moral e politico, interrompido a vinte annos pelo mais violento e destructivo abalo, que experimentara desde a sua origem, começa a reproduzir-se. Os elementos da ordem, que hum novo cahos parecia ter confundido, re-apparecem; e a liberdade, este principio vital das naçoens, vai extrahir-lhes a paz do longo, e pavoroso conflicto, que as desolava. Para determinar-mos o futuro que nos espera, não temos mais que lançar huma vista retrograda sobre os principios da calamidade, que tem soffrido a geração presente; e sobre a re-ação que lhe succedera. A historia do mundo convence o homem da sua innata disposição para a guerra, e para os crimes — mas a historia recente da-lhe idea de huma originalidade perversa, que ainda se nao tinha achado na sua estrutura.

A revolução Franceza, como as outras revoluçoens, que tem apparecido sobre a face da terra, levou a violencia, a devastação, e a morte aos paizes que a commetteo; mas no progresso de seos horrores exhibio, como principio motor de sua marcha rapida, hum symptoma novo na historia das revoluçoens politicas e moraes, a irreligião. Em todos os tempos o enthusiasmo religioso influio nas batalhas; e os homens impellidos por huma potencia, que tem o seu ponto de apoio no infinito, fizeram sempre prodigios de valor, e de acção, desconhecidos na rotina precaria de hum interesse passageiro. O Atheismo, proclamado pala vez primeira no meio de hum povo revoltado, arvorou o seu estendarte a frente de tropas revolucionarias, e infestadoras; e ao passo que refinava no soldado o ardor pelo sangue, pelo roubo, e pelo insulto, e preparava antecipadamente a ruina dos estados, e das naçoens,

hã devassando a mola real daquella energia efficaç e duradoura ; para lhe substituir outra, que posto violenta, e destruidora, não podia sobre viver a saciedade, ou escassez da preza--Semelhante ao abutre, o governo do Atheismo so se nutre do cadaver das naçoens ; mas a sua sede matadora se torna o seu mesmo estrago, na solidaõ sepulchral, que estabelece a roda de si. Desta maneira, os principios activos da revolução Franceza, devorando os homens, traziaõ com sigo o germe da sua defeçaõ, que tarde ou cedo devia manifestar-se.

Em quanto porẽm a lava revolucionaria se espalhava nos paizes contiguos, arrojada pela impetuosidade expansivel daquelle vulcaõ abrazador, seu espirito contagioso se apossava de tudo o que encontrava homogeneo na sua esphera de acçaõ. Os Governos da Europa continental desconhecendo o genio da nova potencia, que os atacava, e contando erradamente so a força numerica dos seos estados, vieraõ a campo ; e bem depressa provaraõ no revez a incerteza de seos calculos, e a ineptidaõ da sua rezistencia.—O governo do Atheismo, ou por deixar-mos figuras, o governo exicial, e devorante da revolução Franceza, ou do seu chefe Napoleaõ, teria consumado a infernal obra de suas vistas ; a escravidã do continente, e a degeneraçã do espirito humano ; se elle podesse refrear hum pouco a sua avidez d'estrago, e de rapina. Tendo podido halucinar os Gabinetes por huma serie de victorias, que assombravaõ somente o egoismo diplomatico, cuidou que os povos seguiriaõ a indifferença de seos governos, e recorressem taobem ao sophisma para encobrir huma fraqueza, que so provinhado izolamento.

Com effeito, os governos não se achavaõ identificados com os povos. O pacto social, que so pode unilos, huma constituiaõ, que mantenha seos reciprocos direitos, e interesses, estava interrompido ou se não tinha formado. A cauza de huns e de outros por si mesma se dividia. Os Governos não querendo povos livres, e so assim potentes para mantelos, mas sim authomatos, que lhes obedecessem, excluiraõ o saber, e a integridade experimentada de seos conselhos, e so deraõ lugar, e confiaraõ no predominio da intriga, e da venalidade. Ja se ve, quam precaria devia ser a sua

segurança. Os Governos foram sorprendidos, e esmagados pelo inimigo, que conhecia a deviação de seus eixos, e que por secretas operaçoens havia anticipado a sua queda.

O systema regrador e atheistico da França achava nesta defeciencia largo campo para o seu engradecimento. Mas era preciso enxerta-lo nos povos. Era preciso enbrutecelos, e debclitalos, para os costumar a hum jugo de violencia, e de roubo. Era preciso, n'huma palavra, para arraigar-se aquelle systema, fazer de cada homem hum perfido, ou assassino, e de cada mulher huma prostituta. Tal estado de couzas, bem que desconcertasse os Governos, dezafiava a reacção dos povos, que ainda não estavaõ totalmente prevaticados, ou que se achavaõ perto da natureza. Desde o momento pois, em que a revolução invasora dos Francezes mostrou practicamente aos povos, que a inviolabilidade da innocencia, e a pureza da fé conjugal, bases de toda a virtude publica, e privada, não estavaõ resguardadas do insulto; a lucta se tornou complexa, e mais ampla. O espirito, que a reforçava, não era so de reacção entre a independencia, e o despotismo, mas tambem entre a impiedade, e a religião. Taes elementos em guerra não podem nunca ceder para equilibrar-se. He preciso, que os oppostos se aniquilem, para ter lugar a quietação. Deste modo olhando para a natureza do actual conflicto; hum dos dous estados deve succeder-lhes ou o triumpho combinado da impiedade, e despotismo, ou o da religião, e independencia. Nenhum destes elementos podem agora izolar-se entre si, visto que as suas affinidades entraraõ em acção; e he problematico ainda qual daquelles principios heterogeneos será o predominante.

Mal que a torrente invazora, e revolucionaria ganhou hum movimento aparentemente uniforme, pela influencia da astro maligno, que a regia; o seu fluxo e refluxo parceo ameaçar gradualmente a total subversão da Europa.—Ella correo impetuoza, e progressiva a proporção dos vazios, que encontrava. Mas semelhante ás vagas tempestuosas do oceano, que se quebraõ nos rochedos da costa, chegando ás extremidades da Europa, ella encontrou as barreiras, que a fizeraõ retroceder—Portugal, e a Russia. Eisaqui os

dous pontos, donde começamos a ver, o movimento retrogrado, e decrescente do poder collossal, que pertendia subjugar o mundo. — Foraõ os valerosos povos de Portugal, foraõ os povos da Russia, inflamados de igual ardor, que deraõ aos outros povos o exemplo de pelejar, naõ so contra os seos tyranos, mas de pelejar pela sua religiaõ, e dignidade da natureza humana, a liberdade; e que efficazmente mostraraõ pelos seos heroicos esforços, e nunca vistos sacrificios, como se podia triumphar de taes inimigos. Naõ era o objecto salvar unicamente as vidas, ou os estados; era salvar a honra dos povos, cimentada pelos costumes, que se achavaõ acomettidos pelas irrupçoens da immoralidade. Saõ os costumes que fornaõ a energia das naçoens; he a religiaõ que os conserva illezos. Se os Portuguezes, e os Russos naõ tivessem aquelles, nem esta consequentemente, que motivo teriaõ para taõ energica reacção? Se a Germania estivesse destituida destes principios, que exaltaõ a coragem, e a perseverança, como seguiria taõ heroicamente aquelle exemplo? Fica pois claro, que sem religiaõ, sem costumes nenhuma reacção feliz teria lugar contra hum systema de atheismo, e immoralidade, qual he o do Governo Francez na sua organizaçãõ e nos seos movimentos.

Debalde a politica pertende arrogar a sí o exito dos acontecimentos actuaes; debalde calcula ella sobre dados imaginarios, ou se limita a operaçoens meramente conservadoras. Os rezultados gloriozos, que ja vemos pela cauza justa, naõ lhe pertencem. Saõ filhos da energia dos povos. Se a magnanimidade, saber, e co-operaçãõ dos Principes Alliados figuraõ neles; he porque se lançaraõ naquelle vehiculo do publico enthusiasmo pela liberdade; sem o qual nada effeituariaõ.—Hum systema de balança politica, de que tanto fallaraõ, e fallaõ ainda hoje alguns estadistas, como necessario para o equilibrio das Potencias da Europa; he, quanto a nos, o delirio de huma imaginaçãõ desordenada, ou o suterfugio de hum poder aspirante. Onde estavaõ os braços desta balança nos antigos governos, antes que se formassem os dous imperios passados, Grego, e Romano? Onde se achãõ ainda hoje entre os povos d'Azia, Africa, e America,

onde há guerras, e paz alternadamente? Regeitemos pois huma denominação, que nada exprime, ou induz a falsas concepções. A verdadeira balança politica, que sustenta o equilibrio das potencias, he a moralidade dos governos, e consequente liberdade das nações. Nos desconfiaremos da philantropia de huma potencia conservadora, que sendo livre, se oppozer a liberdade de qualquer outra. Sejaõ os Governos justos, e os povos livres, que os direitos, e verdadeiros interesses de huns e de outros seraõ mantidos. Não he preciso grande sciencia nem revelações, para dar a cada hum o que lhe pertence, o uzo da sua propriedade, e liberdade; e os deveres tanto dos individuos, como das nações se fundaõ nestes dictames de huma justiça universal.

A França invadindo as nações para subjuga-las, não so atropelou aquelles direitos; mas reforçando entre ellas o seo systema de corrupção, e perversidade, tentou *desmoraliza-las*, para lhes tirar o vigor, e confundilas.—Graças porem a salutar e feliz ignorancia, (se foi ella) que manteve incorrupto nos povos o sentimento da immortalidade, principio de toda a moral; e tirou d'elle o rancor, e opposição contra o poder, que ameaçava o seu aniquilamento. Povos generozos podem com resignação ser despojados dos bens, e ateadas vidas; mas insoffridos do ataque feito a huma religião, fiadora da sua honra, faraõ os ultimos esforços para sustenta-la.—Ella he o *sancta sanctorum*, que não pode ser tocado por maons profanas, sem dezafiar a colera des ceos? Edificando pois o imperio dos crimes, pelo meio dos quaes reinava, a França não podia conseguir senão hum engrandecimento monstruozo, e precario. Chegando com tudo ao cume da mais perversa grandeza; ella cahio sobre a sua propria molle; e o cahos, que estendeo ás extremidades da Europa, está hoje limitado ao seu territorio.—Esta redução he devida, como temos visto, ao valor, ao entusiasmo dos povos pela independencia, e a coarctação dos meios do systema revolucionario Francez, tendente, não so a subjugar, mas a contagiar, e destruir as nações. Todavia, este systema corruptor, e homicidico existe ainda, e o mesmo; posto que menos forte pela collizaõ, e dezastres, que tem soffri-

do. Mas governado por leis, semelhantes ás da fermentação putrida, em quanto existirem unidos os seus elementos, ha de apresentar sempre, como necessario resultado, a desorganização, e transtorno geral das formas pre-existentes.—Assim não vemos a paz, e a segurança das naçoens (quaesquer que sejaõ os sonhos, ou as vistas da politica) senão na completa extinção daquelle systema, que tem perturbado o universo.

POSTSCRIPTUM.

Nos differimos ate o ultimo instante da publicação deste No o fallar da partida de My Lord Castlereagh, Ministro dos Negocios Estrangeiros, para o Continente, a ver se podiamos fallar com mais alguma exactidão do objecto, que leva My Lord Castlereagh a Francfort: pois logo conhecemos, que a exageração, ordinaria neste paiz, assim que se dá alguma noticia de paz, ou de guerra, não era fundada em factos notorios; e com effeito os fundos publicos que tinhaõ subido ate 18, no dia 23, descerão logo nos dias seguintes; ainda que se conservaõ altos: por que prevalece em muitos animos a opiniaõ de que ha grande probabilidade de paz.

Nos não temos ouvido coiza que nos faça assentar em huma opiniaõ fixa; e tudo o que podemos averiguar, e que d'algum modo combina assaz com a falla que Napoleão fez ao seu corpo Legislativo he que depois da declaração que apparece nas Gazetas de Francfort, os dois Imperadores aproveitaraõ a occasiaõ de hum prizioneiro Francez de distincção voltar para França; e o encarregáraõ de levar ao Governo Francez as condiçoens com que os Alliados estavaõ promptos a fazer a paz; as quaes, em termos geraes, vem a ser a independencia absoluta da Hollanda, da Allemanha, da Hespanha, com a dynastia dos Bourboens, bem

como a absoluta independencia da Italia com a barreira dos Alpes. Estas são as condiçoens a que Napoleão diz que accedeo; e propoz hum Congresso, e talvez quereria hum armisticio. Mas como os Alliados tinhão dado este passo, sem previo accordo da Gram-Bretanha, assentamos nos que esta he a razão, porque elles não poderaõ consentir na immediata convocação do Congresso, e quizeraõ consultar esta Corte: e estas são provavelmente as demoras ao Congresso de Manheim de que Napoleão se queixa.

He voz constante que o General Pozzo di Borgo veio encarregado desta Commissão ao Governo Britannico, e pedir-lhe o seu concurso para o Congresso, ajuntando fortes seguranças dos soberanos Alliados de obrarem de accordo em tudo com este Governo; nem admitir negociação, ou proposição alguma que directa, ou insidiosamente tendesse a separa-los: e esta informação, que temos de boa fonte, concorda muito com as expressoens, que se lem na falla ao Corpo Legislativo—"Fazei com que ellas, (as geraçoens futuras) não digaõ—Elles sacrificáraõ os melhores interesses do seu paiz! Elles reconhecerãõ as leis que a Inglaterra tem, durante quatro centos annos, procurado, mas de balde, impor á França."

Donde se pode inferir com bastante fundamento, que Napoleão quiz introduzir as discussoens, que tantas vezes tem annunciado no seu *Moniteur* sobre o Direito Maritimo do Tratado de Utretcht, &c.: discussoens em que o Governo Inglez provavelmente não quereria jamais entrar; e em que Napoleão não podia ter outro objecto, senão o de desumir os Alliados; pois salta aos olhos da pessoa a menos instruida nestes assumptos, que havendo huma paz geral, não tem exercicio o Direito Maritimo.

Certo destas disposiçoens dos Alliados, tomou o Governo Inglez a resolução, a mais acertada, que, em nossa opiniaõ, podia tomar, qual foi a de mandar a Francfort o Ministro do Gabinete, tão conspicuo, qual o principal Secretario dos Negocios Estrangeiros, e tão importante na estimacão publica, qual he hoje

My Lord Castlereagh.—Pela forma deste Governo se sabe, que hum Membro do Gabinete he todo o Gabinete, e todo o Gabinete he o Soberano. Consequentemente, per este acto, collocou-se a Gram-Bretanha em pessoa na Cidade de Francfort, como o estaõ os tres Soberanos de Austria, Russia, e Prussia.

Qual he a resposta que aos Alliados vai dar My Lord Castlereagh não podemos nos averiguar, nem admira que nos não chegasse hum segredo de Gabinete : temos porem muitas razoens de crer que as proposiçoens dos Alliados, e a aceitaçaõ de Bonaparte parecêraõ ao Governo Britanico mui genericas para justificarem a convocaçaõ de hum Congresso ; e que lhe pareceo necessaria alguma explicação circumstanciada destas bazes, antes de consentir naquella convocaçaõ.—Esta discussaõ preliminar hé, quanto a nos, o primario objecto da viagem de Castlereagh. Nada querendo anticipar sobre o futuro, nós contentamo-nos, por ora, com inserir alguns artigos extrahidos das gazetas Inglezas, sobre a balança do poder na Europa ; e voltaremos ao assumpto em os Nos. seguintes : porque de facto nos parecem bazes mui genericas ; e na boca de Napoleaõ promessas muito illuzorias, a independencia da Italia, e da Hespanha, no estado em que estes dois paizes se achaõ.

APPENDICE.

Hum Portuguez rezidente em Londres; mas que apesar disso he taõ bom Portuguez como se rezidisse em Portugal, dezejando concorrer quanto está da sua parte para augmentar a gloria da Sua Patria, e dar-lhe tanto lustre pelas letras quanto ella tem adquirido pelas armas; tem a honra de lhe offerecer a *primeira* traducção dos Annaes de Cornelio Tacito, que tem apparecido em a nossa lingoagem. Libertando-a por assim dizer do oprobrio em que estava por ser talvez a unica nação da Europa que não tenha naturalizado no seo paiz hum dos mais celebres Historiadores de Roma, parece que deve ter adquirido direito á publica estima, e aos auxilios de todos os homens iustruidos, que se interessão pelo augmento e pelo esplendor da nossa literatura. O traductor não só ja tem prontos para á impressão todos os livros dos Annaes, mas huma grande parte das Historias. Com tudo principiará por dar taõ somente á luz os Annaes, e depois destes impressos, hira dando as outras obras do mesmo auctor. Mas como as despezas para huma tal empreza são excessivas, particularmente em Londres, convida a todos os Portuguezes, amigos das letras, e da gloria scientifica da sua patria, queiraõ concorrer por huma subscripção para o desempenho de huma obra, que ao menos por ser a primeira em Portugal, deve ter o indisputavel merecimento da novidade.

As condiçoens da Subscripção são as seguintes.

1. Os Annaes, de que se devem extrahir mil exemplares, quando houverem subscripçoens sufficientes para pagamento das despezas typographicas, serãõ impressos em 2 vol. 8vo. de 400 pag. pouco mais ou menos cada hum.

2. O seo preço para os Senhores subscriptores nos dominios Portuguezes será 2,400 reis
 E para os não subscriptores nos mesmos dominios - - - - - 2,880 reis
3. Para os Senhores subscriptores em Inglaterra - - - - - 14 xellins.
 E para os não subscriptores no mesmo paiz 16 dos.

4. Tanto huns como outros dos Senhores subscriptores só devem pagar as suas subscripçoens no acto da entrega.

5. As subscripçoens se farão em Londres, 17, Northampton-square.

Lisboa, em casa do Senhor Francisco Xavier de Carvalho, ao Chiado.

Coimbra, em casa da Senhora Viuva Aillaud.

Porto, em casa do Senhor Pedro Francisco Emery.

Nos dominios ultramarinos, nas cazas de todos os Senhores correspondentes do *Investigador Portuguez em Londres*.

E para que o publico possa fazer alguma, ainda que pequena, idea do nosso modo e estilo de traduzir, offerecemos-lhe ja a seguinte passagem de Tacito, relativa á morte de Seneca.

EXTRACTO

Do L.^o XV. dos Annaes de C. Cornelio Tacito, traduzidos em Lingoagem Portugueza.

MORTE DE SENECA.

Cap. LX. Segue-se a morte de Anneo Seneca, de que o Principe muito folgou, não porque o julgasse manifestamente envolvido na conjuraçãõ, mas para que fizesse o ferro o que não pôde o Veneno*. Hé certo, que athe entãõ só Natal havia denunciado, que estando Seneca doente, fôra por ordem de Pison visita-lo, e queixar-se de o não querer receber em sua caza, rogando-lhe ao mesmo tempo, que seria bom estreitar a amizade com algumas visitas e conversaçõens familiares. Que Seneca lhe respondera:—“que á

* Veja-se o Cap. 45. deste Livro.

nenhum dos dois convinhaõ mutuas communicaçoes ou praticas frequentes; mas que podia estar seguro que não teria alguma duvida em sacrificar a sua vida por elle.”—Tudo isto se mandou perguntar a Seneca por Granio Silvano, Tribuno de huma cohorte Pretoriana, para ver se reconhecia as expressoes de Natal, assim como a sua propria resposta. Seneca, casualmente ou muito de proposito se recolhia entãõ da Campania, e se havia deixado ficar em huma quinta, quatro milhas distante de Roma. Ali se derigio o Tribuno logo na tarde seguinte, e a cercou com patrulhas de soldados: depois lhe intimou as ordens do Imperador a tempo que estava ceando com sua mulher Pompeia Paulina, e mais dois amigos.

LXI. Seneca deo em resposta:—ser verdade que Natal estivera em sua caza, e da parte de Pison se havia queixado de lhe não consentir suas visitas; mas que se lhe desculpara com razoens de doença, e com o seo amor do socego. De resto, que nada podia haver no mundo que fosse capaz de o obrigar a fazer o sacrificio da sua vida por hum homem que não era seo Soberano: (1) o que não referia por espirito de adulação ou lizonja, porque ninguem melhor do que Nero por experiencia tinha conhecido, quanto o seo coração era livre, e pouco proprio para representar a pessoa de hum escravo.—Tanto que o Tribuno lhe deo esta resposta na presença de Poppea e Tigelino, ambos os mais intimos confidentes das ferocidades do Principe, perguntou-lhe este logo, se havia notado que Seneca estivesse preparado para huma morte voluntaria. Respondendo-lhe porem o Tribuno, que nenhuns indicios dava de pavor, e que nem no parecer ou nas palavras mostrava tristeza, ordenou-lhe em consequencia Nero, que immediatamente voltasse, e fosse annunciar-lhe a morte. Conta Favio Rustico, que o Tribuno não fõra pelo mesmo caminho por onde viera, mas que rodeando para hir ter com o Prefeito Fennio, e perguntar-lhe se devia obedecer ás ordens do Cesar, elle o aconselhara corresse á executa-las. Tal era entãõ a fatal cobardia de todos, que sendo Silvano hum dos conjurados, agravava ainda as mesmas maldades, que tinha jurado vingar! Ao menos porem não quiz passar pela vergonha de o ver e de fallar-lhe,

e mandou a hum Centuriaõ, que lhe notificasse a sentença de morte.

LXII. Ao ouvir isso Seneca, pedio com ar animozo o seo testamento; e porque o Centuriaõ lho recuzou, volta-se entaõ para os seos amigos, e mostrando-lhes a impossibilidade em que estava de poder recompensar seos obsequiosos serviços, deixa-lhes a unica e mais precioza couza que tinha—a imagem de toda a sua vida.—(II) Alem destas razoens ainda lhes recommenda, que nunca delle se esqueçaõ, porque huma taõ constante amizade lhes faria muita honra. Mas vendo que choravaõ, entrou a conforta-los ora com doçura, ora com vehemencia, e athe com huma certa severidade perguntando-lhes: para quando guardavaõ a sua filosofia, e aonde estavaõ todas as suas antigas meditaçoens sobre o náda das desgraças da vida? A quem não era conhecida a ferocidade de Nero? Depois de ter assassinado sua maim e seo irmaõ, que muito era se manchasse com o sangue de seo aio e de seo mestre?

LXIII. Assim que praticou estas e outras razoens, como dirigidas á todos os circumstantes, abraça sua mulher, e procurando animar-se neste dolorozo estado em que a via, encarecidamente lhe roga, modere a intensidade da sua dor, e que na contemplaçãõ de quantas bellas acçoens tem illustrado a sua vida, suporte as saudades do marido com o soccorro de consolaçoens virtuozas. Ella porem lhe responde; que está igualmente determinada á morrer; e ja pergunta por quem lhe há de abrir as feridas. Seneca entaõ, sem querer roubar-lhe esta gloria, e muito mais por não lhe consentir o amor deixar exposto ás afrontas este unico objecto da sua predilecçãõ e ternura, replicou-lhe desta maneira.—Athe aqui eu te havia figurado todas as doçuras e delicias da vida; mas ja que lhe preferes as honras da morte não me oponho a tua resolução; pois ainda que no mesmo lance fatal mostrânos ambos a mesma coragem, o teo motivo he mais nobre. Acabado isto, o mesmo golpe cortou as veias dos braços de ambos os consortes. Seneca, por velho, e definhado com a demasiada abstinencia vertendo pouco sangue, manda taobem abrir as veias das pernas e das curvas. Fatigado porem com dores hor-

riveis, e para não desanimar sua mulher com o espectáculo de seus soffrimentos, nem mesmo dar-lhe os mais leves indícios de alguma impaciencia, vendo-a tão cruelmente soffrer, faz com seus rogos, que se retire a outro quarto. Então sentindo-se ainda nos ultimos momentos com bastantes forças de espirito, chamou os seus amanuenses, e lhes dictou varias couzas, que não quero desfigurar, escrevendo-as; porque athe agora se tem conservado na tradicção vulgar, e pelas mesmas palavras.

LXIV. A' este tempo Nero, aquem nenhuma pessoal indisposição animava contra Paulina, e talvez para ver se com isto diminuia o horror das suas crueldades, deo ordem para que a não deixassem morrer. Assim que chegáram pois os soldados, fizeraõ com que os escravos e libertos lhe ligassem as feridas dos braços, e lhe vedassem o sangue. Não he ainda hoje couza bem averiguada, se isto se fez ou não por seu consentimento; mas costumando o vulgo tomar sempre tudo no sentido peor, nao faltou quem accreditasse, que em quanto se receõ das vinganças de Nero, desejou ter parte na gloria da morte do marido, porem que apenas lhe raiáraõ vislumbres de esperanza, com gosto lhe havia preferido o viver. Hé certo com tudo, que viveo poucos annos, e constantemente os passou em huma louvavel recordação das virtudes do espozó, mostrando sempre na fisionomia e no corpo aquella palidez mortal, que assas indicava a grande porção de vida que tinha derramado. Seneca, durante as ultimas agonias, vendo os vagares da morte, rogou a Stacio Anneo seu amigo antigo, e medico de muita reputação, lhe administrasse hum veneno que de prevenção conservava, e era o mesmo em qualidade, que servia entre os Athenienses para dar a morte aos réos de pena capital. Com effeito o bebeo, porem tarde; porque o corpo ja frio e sem movimento taõbem ja não podia dar pasto á peçonha. Entrou por fim em hum banho de agoa quente, e espargindo com ella os escravos, que estavaõ de frente, lhes dice: —Eu offereço esta libação a Jupiter Libertador.— Mergulhado no banho, o mesmo vapor d'agoa o sufocou; e sem funeral e sem pompa foi queimado con-

forme as vontades do seo testamento, que ainda havia feito em tempos da sua maior riqueza e fortuna.

NOTAS.

(I) *Privati hominis*; por hum homem que não era seo Soberano. Deve-se notar o sentido de *privati hominis*. No tempo dos Imperadores todo o homem, que nao era Imperador, denominava-se *privatus homo*. Tacito no principio do 5. l. das Hist. chama Vespasiano *privatus*, hum homem particular; e Vespasiano era neste tempo Proconsul, Governador de provincia, e General de hum grande exercito.

(II) *Quod unum jam et tamen pulcherrimum habeat, imaginem vitæ suæ relinquere testatur: cujus si memores essent bonarum artium, famam tam constantis amicitiae laturos.* Ernesti LÊ: *quod unum jam et pulcherrimum habebat*; substituindo *habebat* á *habeat*; suprimindo *tamen*, que lhe parece não dizer nada; e fazendo antes destas palavras huma reflexão do Tacito do que huma parte do discurso de Seneca. Todas estas correccoens mostraõ muita exactidaõ e muito gosto, e eu não duvidei adopta-las com Duran de la Malle. Com effeito este elogio de Seneca tem maior graça, e he mais bello na boca de Tacito do que seria na de Seneca. Eu taobem suprimo aqui, com Ernesti e Durau, *bonarum artium*.

ANNUNCIO

Acaba de publicar-se em Londres a Obra seguinte.

FABULAS

Escolhidas entre as de J. La Fontaine, e traduzidas em Verso Portuguez, Pelo nosso insigne Poeta Francisco Manoel do Nascimento. 2 vol. seo preço 12 xelins.

Os motivos que houve para a impressaõ desta obra estaõ no pequeno Prologo do Editor, que nós vamos transcrever.

O EDITOR

Desta Obra aos que se dignarem compra-la.

O merecimento das Fabulas de La Fontaine he tao conhecido, como a utilidade que da leitura dellas pode resultar. He mui conhecido taobem o transcendente merito do sabio traductor de La Fontaine. Motivos tao ponderozos, e outro mais forte ainda,—a falta de meios de subsistencia que o illustre Vate Portuguez ha tempos experimenta—moveo hum Portuguez a imprimir esta Obra, cujo producto será fielmente enviado ao desvalido e benemerito compatriota, amigo do seo Soberano e da Sua Patria, que elle tem honrado com obras immortaes. O Editor, que tem sido ora felis ora desgraçado, tem aprendido a condoer-se dos males alheios, a que nunca foi insensivel, e a minora-los todas as vezes que tem podido.

Non ignara mali miseris succurrere disco.

Londres, 18 de Dezembro, 1813.

ERRATAS MAIS NOTAVEIS DO No. XXX.

- Pag. 230, Catervos, lea-se Caterva.
 231, o remete, lea-se, o remate.
 — no seo, lea-se, no seio.
 232, tervas, lea-se, trevas.
 265, tao pequeno paiz, lea-se, tao pequeno, poi, &c.
 268, Com o Commercio de Portugal, lea-se, com o Commercio do Brazil.
 288, Ephemeria, lea-se, ephemerica.
 — Divizoens Austriacas, lea-se, Divizoens Russas.
 — Carroças, lea-se, carretas.
 — Polacos, lea-se, Westphalianos.
 — se seraõ, lea-se, se leraõ.
 290, *quam mutatus*, lea-se, *quantum mutatus*, &c.
 391, Perponcier, lea-se, Perponcher.

O

INVESTIGADOR PORTUGUEZ

EM INGLATERRA,

OU

JORNAL LITERARIO, POLITICO, &c.

FEVREIRO, de 1814.

Condo et compono, quæ mox depromere possim....HOR.

LITERATURA.

MEMORIA ECONOMICA

Sobre a utilidade de applicar as Manufacturas das nossas materias primeiras aos progressos da Agricultura. Por D. Antonio da Vezitação Freire de Carvalho.

Non satis est terris fortes quæsisse movendis
Agricolas.....

Vanierii Prædium Rusticum, lib. iii.

TEM-SE escripto muitas vezes sobre o atrazamento da
nossa agricultura; tem-se publicado vantajozos metho-

dos de melhorar; esta mesma Real Academia tem consagrado huma grande parte dos seus disvellos a hum tão importante objecto, e tem merecido este glorioso empenho ser coroado de grandes successos; mas restão ainda muitas fadigas, para se colherem todos os fructos de que he susceptivel huma tão relevante empreza. Eu julguei pois, que não poderia trazer a Academia hum testemunho mais respeituozo da minha gratidão, por me haver associado aos seus sublimes trabalhos, do que algumas observaçoens sobre hum objecto, por que a nação inteira tanto reconhecimento deve a esta Real Sociedade.

Serão estas observaçoens dirigidas a mostrar, que nas circumstancias actuaes nenhum methodo sera mais vantajozo para fazer prosperar a agricultura do que estabelecer, e animar as manufacturas das nossas materias primeiras.

O tratado de alliança entre a agricultura e as artes remonta ao berço das Sociedades Humanas. O exercicio das manufacturas tão estreitamente anda ligado aos progressos da agricultura; os mesmos pontos que as dividem de tal modo se achão unidos aos que as confundem, que jamais podemos, relativamente ás nossas necessidades, considerar-lhes interesses oppostos.

Todavia Economistas celebres pensáráo, que as artes nunca se augmentavao sem detrimento da agricultura, e que os braços occupados na industria erao perdidos para a Lavoura. Assim foi arguida a administração de Colbert por haver sacrificado a agricultura ás artes com grave damno do estado.

Porem quando em Portugal se reflecte sobre as muitas causas que se opoem aos progressos da agricultura, eu penso que nas actuaes circumstancias a falta de braços não pode ser contemplada como huma delias.

He manifesto, que a povoação de Portugal he muito inferior ao que exigem a extensão e a natureza do seu terreno, mas he superior todavia a quantidade de producçoens territoriaes necessarias ao seu consumo; isto he; Portugal não tem dentro de si com que alimente as precizoens naturaes dos individuos que o habitão. Verdade triste, mas he huma verdade!

Na hypothese que Portugal possua tres milhoens de habitantes, e que as suas producçoens territoriaes sejam só sufficientes para oito mezes de hum anno fertil, de maneira, que hum terço do anno se sustente de producçoens estrangeiras; hum terço da povoação virá a ser alimentada por fructos alheios, ou hum milhaõ de habitantes virá a ser sobejo a sua patria, se Portugal por hum accidente extraordinario se achasse isolado do manancial dos seus soccorros, e se dois terços dos habitantes se quizessem negar a fazer sacrificios pelo resto dos seus compatriotas, não diminuindo a ordinaria quantidade do seu consumo.

Nesta hypothese, que não deve afastar-se muito da realidade, se hum milhaõ de homens necessita tirar dos estrangeiros os objectos que o terreno proprio nega ás suas precisoens, a povoação fica sendo sobeja ao terreno, e não vem da falta de homens o damno da agricultura, mas sim da impossibilidade de empregar na cultura da terra aquelles que lhes parecem sobejos.

Convem pois reflectir, que a soma dos habitantes, que não pode haver da fraqueza da nossa agricultura o seu sustento, o recebe necessariamente dos estrangeiros; sustento, que elles trocã pelo nosso numerario, o qual, por falta de ser empregado em os nossos campos, vai servir a reproducção dos campos estrangeiros. Numerario, que applicado ao nosso terreno, serviria igualmente para augmentar as producçoens das nossas terras, ou para proporcionar o sustento a povoação.

Mas como quasi todo o producto liquido da nossa agricultura corre á capital ou pela dependencia dos negocios, ou pela morada dos maiores proprietarios do estado; e como o proprietario que vive das rendas das provincias, dezejando adquirir com ellas o maior numero de fruiçoens possibile, procura os generos mais baratos, indifferente á que elles sejam nacionaes ou estrangeiros; e sendo na concurrencia os estrangeiros quasi sempre preferidos pela commodidade do preço, em razão da facilidade dos transportes maritimos; segue se, que quasi nenhuns motivos existem, que fação voltar á reproducção dos campos as rendas que elles produzirão.

Desta sorte a agricultura desfalece, e por mais diminuta que seja a povoação, cada dia se torna sobeja aos campos. Os homens correm incessantemente á capital apoz aquelle mesmo sustento que as suas terras produzirão. Neste desamparo da morada paternal começaõ a afrouxar-se os sanctos laços do amor da familia, amortece hum dos primeiros estimulos da moral publica, augmentaõ-se os vadios, e preparam-se mil crimes.

Porem nenhum estado possui talvez tamanhos meios de impedir tantos males, vivificando a agricultura, como Portugal. O nosso feliz clima, a prodigiosa fertilidade, e extensaõ das nossas colonias fornecem grandes meios de ligar os homens ao trabalho da terra.

Nós possuímos huma consideravel quantidade de materias primeiras, temos grandes facilidades para augmenta-las no reino, gozamos pois de todas as vantagens proprias aos paizes aonde a agricultura florece pelas artes.

As manufacturas das nossas materias primeiras, sabiamente distribuidas pelas provincias, convidarão sem violencia os proprietarios da capital e das grandes povoações, a que enviem aos nossos campos aquelle mesmo numerario, que elles enviaõ aos campos das naçoens estrangeiras em troco das suas manufacturas.

O Lavrador verá entãõ augmentar o consumo no mesmo lugar da producção, reconhecerá immediatamente o valor do seo trabalho; e dos lucros, que resultaõ da concurrencia dos compradores entenderá, que as suas terras valem bem os cuidados da cultura.

Com o augmento dos trabalhos ruraes torna-se necessario maior numero de braços; e os camponezes, que com saudade do sitio que os vio nascer, se sacrificãõ á necessidade de hir procurar subsistencia em terra estranha, de vontade haõ de preferir o trabalho junto das suas familias ainda por mais diminutos preços.

Daqui nascerá subir o valor das terras no melhoramento da agricultura, e os proprietarios das cidades subirem igualmente os preços dos arrendamentos, e os meios de melhorar as suas fortunas. Interessãõ

pois os ricos e os pobres no estabelecimento das manufacturas.

Mas ainda que a agricultura possa tirar partido de todas as manufacturas, como a experiencia o mostra nas estabelecidas pelas pequenas povoaçoens das provincias, e principalmente na do vidro da Marinha-grande, convertendo hum terreno difficil e inculto em terras productivas e povoadas, todavia nenhumas manufacturas contribuem mais vantajozamente aos progressos rapidos da agricultura doque as das materias primeiras.

Assim as naçoens civilisadas procuraõ com a mais escrupuloza attençaõ, que as suas materias primeiras não sejaõ exportadas antes da manufacturaçaõ, para que o preço da mão d'obra, que ordinariamente excede $\frac{2}{3}$ ao valor intrinseco da materia bruta, não vá enriquecer os estrangeiros com damno e vergonha dos nacionaes.

Portugal possui huma tamanha quantidade de materias primeiras, que a industria da sua manufacturaçaõ he bastante para dar á agricultura todo o melhoramento de que ella he susceptivel.

As materias primeiras mais importantes de Portugal são as lans, o linho, e o algodão.

As lans foraõ em outro tempo hum importante objecto da nossa industria, e animáraõ consideravelmente a povoação e a agricultura de huma parte da Beira nas commarcas de Castello Branco, e de Trancozo; porém motivos, que na rectidaõ do zelo e nas circumstancias do tempo acháraõ desculpa, fizeraõ dezertar os artistas da provincia, que passaraõ a Holanda e a outros paizes, deixando a terra despovoado e inculta. Assim se viraõ em pouco tempo 42 villas arruinadas, entre as quaes Mesquitella, Cabra, Trancozo, e Castro-Verde, á que não resta hoje huma só caza.

O restabelecimento das manufacturas da Covilham, do Fundaõ, e Celorico tem servido para melhorar notavelmente aquelles dstrictos; porem os poucos conhecimentos da arte veterinaria, e maior atrazamento ainda em conhecimentos quimicos na maior parte das provincias impedem, que os nossos pannos sustentem a concurrencia dos estrangeiros assim na qualidade da materia primeira, como na fixação, e no lustre das cores.

Com tudo se entre nos se manufacturasse toda a lan, que provem dos gados do reino, ella serviria para fomentar huma grande parte da cultura e povoação do Alentejo e da Beira, e para equilibrar com alguns povos a balança do commercio.

O linho porem, ainda que a sua cultura não seja assaz propagada, e que para as manufacturas recebamos huma grande quantidade de materia primeira dos estrangeiros he com tudo o objecto de que a agricultura adquire maior proveito. O que convem observar na Provincia do Minho.

Nesta pequena provincia, cuja extensão sera para a totalidade do reino como—1 : 10; os productos da agricultura de tal maneira correspondem á propagação da especie, que nella pode sustentar-se $\frac{1}{4}$ da povoação do reino, apezar dos embaraços conhecidos da nossa agricultura. Mas este extraordinario successo deixará de surprehender, considerando-se, que d'aquelle paiz se exportaão annualmente quasi 5 milhoens de varas de pano de linho, e quarenta mil de estopa, cujo va.or minimo deve reputar-se—tres milhoens, setecentos, cincoenta e sete mil, e nove centos cruzados. Quando porem se repute em $\frac{2}{3}$ deste valor o que serve para o consumo interno das provincias, provem deste unico artigo á circulação interior quasi 6 milhoens de cruzados, que pelas circumstancias da manufacturação se empregaão em beneficio da cultura.

Se por todo o reino se empregasse proporcionalmente a industria na mesma manufacturação do linho, não seria extraordinario, que Portugal lucrasse neste artigo 18 milhoens de cruzados. Soma assaz consideravel para favorecer com actividade a nossa agricultura.

Porem as nossas colonias fornecem hoje huma materia primeira mais propria talvez aos progressos da agricultura. He o algodão este objecto interessante. Portugal recebe annualmente do Brazil 50 mil sacas, que podem avaliar-se em quatro milhoens, oito centos, e oitenta mil cruzados, e que o beneficio da manufacturação poderia fazer subir a 12 milhoens. Alem desta importante soma, que em grande parte se repartiria pelos campos, que servissem para pro-

duzir o sustento do artista, o reino pouparia 9 milhoens de cruzados, que nos vamos levar a India por 7 mil fardos de fazendas de algodão, que de Bengala trazemos a Lisboa; e 2 mil que da Costa do Malabar são annualmente importados em as nossas colonias d'Africa e do Brazil para vestido dos escravos.

Desta sorte quando por meio de maquinas simples, distribuidas nas mais pobres e nas mais incultas povoaçoens do reino, as mulheres e as pessoas, incapazes de trabalhos violentos, fossem empregadas na fiação desta materia primeira; quando ali se formassem teares proprios para os tecidos de algodão, que nos recebermos da India assim para os vestidos dos escravos com o para as nossas fabricas de estamparia; não seriaõ hum manifesto avanço a nossa agricultura as somas que vaõ dar subsistencia a muitos milhares de Indios?

Com este melhoramento da agricultura a povoação veria crescer no seo seo todos os annos meios seguros de reproduzir-se. A abundancia da terra daria facilidade aos cazamentos, não a estes cazamentos infelizes, formados unicamente pelas leis mecanicas do instincto animal, mas sim unioens fundadas na reciprocidade da subsistencia individual.

A classe agricultora veria no augmento da povoação fabricante consumidores seguros dos fructos da terra, que pagassem as fadigas da lavoura sem temor de empates, nem de conducçoens difficeis, pois que o preço do transporte abafa entre nos o estímulo da cultura.

Assim o nosso oiro, em vez de ser destinado ao fabricante de Bengala e de Surate, que o reparte com o lavrador que o sustenta, se tornaria em utilidade da nossa patria, pagandõ a industria e a Lavoura das nossas incultas provincias.

Assim as escarpadas montanhas de Tras os Montes e da Beira conseguiriaõ a cultura e a fertilidade, que as Artes deraõ as escabrozas serranias da Suissa e da Irlanda; e os nossos baldios de Alem-tejo se converteriaõ em tão abundantes producçoens como as da Marca de Brandebourg, e da Baixa Alemanha, que artistas estrangeiros foraõ enriquecer.

Mas determinar com exactidão as localidades competentes para estas manufacturas, excitando a concorrência e a emulação, facilitando ao commercio circulações promptas, e preparando por huma influencia continua huma conveniente distribuição de riquezas a cada especie de terreno, pertence a pessoas, cujos conhecimentos topographicos possam dar-nos huma *Geographia Statistica* necessaria a todos os Estados civilizados.

He pois pela vicioza repartição das artes que algumas vezes ellas tem sido julgadas contrarias á agricultura: porem quando a industria, em vez de concentrar-se entre alguns individuos, e de enriquecer hum paiz pela ruina do outro, he obrigada a espriar-se por todas as partes que ella não tem vivificado, e a levar os recursos do trabalho por todo o lugar aonde existem homens, o terreno mais inculto se tornará fructifero.

Alem da conveniencia das localidades, convem ainda regular nestas manufacturas das materias primeiras a divizaõ do trabalho. A divizaõ do trabalho consiste em facilitar a cada individuo meios de exercer independentemente a sua industria.

Se esta economia não pode ter lugar nas manufacturas de difficeis e complicadas operações, aonde são indispensaveis a reuniao de muita intelligencia, de muitos braços, e de huma co-ordenação individual de systema, e aonde as emprezas são arriscadas, e os lucros precarios; a divizaõ do trabalho deve ser a baze das manufacturas de facil execução, como se pratica na fiação e tecidos de linho; pois que de ordinario as grandes fabricas, estabelecidas com o favor dos privilegios, que servem ao emprehendedor como hypotheca das despezas que avança, se empregão muitos braços, taobem servem muitas vezes para deixar huma numeroza multidaõ de artistas desoccupados, se por hum accidente da fortuna, o emprehendedor perde os meios de sustentar a manufactura; ou sendo estrangeiro, que não possua bens territoriaes no Estado, achando-se ja sufficientemente rico, vai transportar a beneficio da cultura estranha os lucros que tirou das nossas manufacturas. Assim em hum

instante huma multidão de artistas desoccupados se convertem em bandos de salteadores ou mendigos.

Não succede o mesmo ao artista costumado a trabalhar particularmente na sua propria caza, e ao proprio risco, interessado em aproveitar economicamente o seo tempo, tendo na sua mão os meios de trocar com independencia os effeitos da sua industria pelos objectos necessarios ás suas precisoens, ou de cunhar, por assim dizer, cada dia huma especie de moeda nos effeitos do seo trabalho. Este he o artista verdadeiramente util a lavoira; he o solido fiador dos ganhos da agricultura, e hum dos primeiros agentes da riqueza publica.

Quando hum Estado facilita assim aos homens meios de suprirem as suas despezas pela sua industria individual, observa-se crescer e desenvolver-se rapidamente o germen da prosperidade commum; augmentar-se o consumo dos productos da terra; os bens territoriaes subirem de valor; os juros do dinheiro decrescerem; suscitar-se o estimulo de rotear novas terras, e de abrir communicaçoes novas ao trafico das provincias; ampliarem-se as reproducçoes da agricultura não so ao ponto de não deixarem habitantes sobejos ao terreno, mas de fazerem da abundancia dos seus fructos hum objecto de commercio estrangeiro. Taes são as vantagens, que a manufacturação das materias primeiras pode dar a Portugal!

Taes em outro tempo foraõ os fructos, que do Oriente trouxeraõ as manufacturas transplantadas á Grecia; da Grecia por quatro vezes trazidas a Italia; e pela Italia da Europa moderna communicadas á França, á Hollanda, e a Inglaterra. Hoje, a Inglaterra, o alvo e o exemplo das naçoens industrias, e opulentas, não cessou desde a paz de Ryswick de applicar as suas manufacturas á lavoira; e principalmente desde 1696 de publicar as mais saudaveis leis economicas para melhorar a agricultura pela manufacturação das fazendas brancas. Apezar das consideraveis guerras de Guilherme III. acabarão-se as carestias excessivas de pão em Inglaterra; fixou-se a inconstancia excessiva da variação dos preços nos generos da primeira necessidade; o interesse do dinheiro desceo a 3 por $\frac{2}{100}$; e o papel tornou-se ao par.

Assim se vio realizado o que o Cavalheiro Child escrevia no anno de 1680:—*Multipicai as vossas manufacturas de fiação e de tecidos, e nunca vos fallará nem pão, nem homens.*—Quazi o mesmo uos recomendava em 1675 Duarte Ribeiro de Macedo no Discurso sobre a Introducção das Artes no Reino. Estes são ainda hoje os votos de todos os Portuguezes, que nada mais dezejaõ do que promover a prosperidade e a gloria do Estado.

CONTINUAÇÃO

Da Carta Politica sobre o melhoramento da Agricultura Portugueza.

(Continuada de pag. 418.)

Se quizermos comparar o agricultor com o obreiro de luxo, que tiraremos? Huma solida riqueza em a nação, pois que o braço do Lavrador entretém creados, trabalhadores, e animaes uteis; cria gados, sustenta familias, que sem elle não habitariaõ o campo; quando o Artista só fabrica couzas superfluas, e adornos pueris de que se veste a ouca ignorancia, cuja utilidade he somente satisfazer imaginarios dezejos, appetites fantasticos, que só dá ás Naçoens huma renda móvel furtiva, e passageira, quando pelo contrario a venda dos fructos he annual, e valioza.

Que succede a toda aquella Nação; que consulta mais seu gosto nas obras de luxo, e nas producçoens accidentaes do tempo, e da moda do que no seu proprio interesse, e nas producçoens de seus terrenos? Ella attrahe ás suas manufacturas huma multidaõ, que a seu exemplo, e modo de vida convidaõ outros muitos para abraçarem sua profissão; e como nisso achaõ menos trabalho, e mais lucro, ainda, que este dure pouco, os homens todos julgaõ, que lhes será eterno: porein quando mais esperançados a fortuna

os deixára; crescem as ridicularias*, extinguem-se os officios necessarios, e os campos ficão desguarnecidos: os fructos encarecem excessivamente, sobrevem o desprezo filho do aborrecimento, e as continuas occupaçoens campestres ficão abandonadas como peniveis, trabalhosas, rusticas, e não lucrosas.

Porem de que procedem tantos juizos falsos? Por ventura será necessario repetir novamente a utilidade da cultura? A cazo he duvidozo seu influxo, ou não são viziveis os beneficios, que ella nos outhorga? Sim amigo eu não duvido, nem pessoa alguma, da sua intrinseca bondade; attendendo, que eu não escrevi para os sabios, que criticaõ por Mathematica; escrevi para hum amigo, cuja principal occupaçoão he a Agricultura, e a quem os prejuizos não tem esmorecido, nem afrouxado. Todavia isto não tem sido bastante pretexto para desanimar, antes para proseguir; muito mais depois de conhecer as vantagens, que os agricultores dão a sua Patria.

Por tanto direi só a final quaes são os meios, que me lembraõ para remediar, ou afugentar os males, que nos perseguem e affligem, ainda que minhas vozes já estão roucas de todo pelo muito, que tenho gritado, e do que só tenho tirado não ser ouvido, e se proseguir ser reputado doido: porem confesso-vos, que o *Helleboro* a este respeito não se creou para mim, nem para os que são Patriotas sem utilidade real: com effeito a efficacia deste remedio n'outro tempo, ou foi privativa, ou ja perdeu a virtude; o que não deve causar admiraçoão, porque a *Philosophia* moderna he

* Ninguem pôde duvidar de quanto o Povo se entrega hoje ás ridicularias apezar da sua preconizada pobreza. Entre as innumeraveis cazas de pasto, e caffè, que povoão Lisboa das quaes nenhuma se acha dezerta—viraõ-se a mesmo tempo cheios sempre de gente os 4 Theatros vulgõ S. Carlos, ou da Princeza, o da rua dos Condes, Salitre, e Belem: abicharia, ou acaza publica em que se mostravaõ varios animaes ferozes, e domesticos no Rocio: as sombrinhas na rua dos ourives do ouro: as tardes de touros, arlequins, e cavallinhos na Praça do Salitre: o *Systema Planetario* segundo Copernico na rua Augusta: os regimentos dos Austriacos ao Corpo Santo: os bustos de cera do chiado: a Maquina de Pedro Schiopeta na Sala Nobre do Theatro de S. Carlos: e a Minima invizivel a S. Paulo que de todas estas ridiculas imaginaçoens era a que melhor dezempenhava o titulo: alem de muitas cazas de sortes para alimento dos Theatros, e outros objectos, que senão encobrem a curiozidade Politica do verdadeiro observador.

loucura de hum genero novo, que senao extingue pelos remedios conhecidos.

1. Em primeiro lugar parecia-me justissimo, e necessario reduzir a cultura á sua maior perfeição concertando as estradas para facilidade das communicações, levantando as Pontes, que depois, que o tempo as derrubou nunca mais s'erguêrao; encanando os rios, que espraiaados, e fora de seus leitos inundão os montes, alagaão os valles, levaão as sementes, e destroem as terras misticas; concertando as vallas, e não poupando para isto despeza alguma por serem assaz conhecidas as utilidades, e os beneficios, que de tal administração nos rezultariao muito principalmente aos Lavradores, e ao Estado mais do que a ninguem, pois que seu unico interesse deve ser ter vassallos contentes, ricos, e abundantes, quando para isso pagaõ exactamente as contribuiçoens pelas quaes deviaõ gozar os indultos, que se lhes negaõ.

2. Em segundo lugar a exacta repartição dos tributos, e a sua determinada applicação para os objectos da agricultura, que se determinárao quando se impozêrao: logo reinará a igualdade, porque vendo todos o que devem pagar, e que ninguem ha izento, não procuraraõ fugir de taes stipendios, antes os pagaraõ contentes olhando para a sua applicação.

3. Nada de tributos novos sobre a cultura, como todos os dias vemos extorquir para diversos subsidios, os quaes se encaminhaõ todos directamente para ruina dos Lavradores, destruição das lavouras, e abatimento da cultura, pois que sendo impostos para seu beneficio tem diversa passagem, e extravio. Esta prepozição he taõ evidente, que a maior parte do nosso terreno, que fica inculto he porque o 4, o 5, e o 8, e os dizimos a Deos, que muitas vezes se pagaõ triplicadamente reduzem o Lavrador a huma mizeria irremediavel. Eu quereria, que huma Lei Agraria abolisse para sempre taes abuzos sem perda da Real Fazenda, ou dos particulares que tiraõ seu sustento dos trabalhos do Agricola. Isto não he enigma, he hum remedio uzado com proveito pelas Naçoens mais cultas. Na Inglaterra se tem considerado, que quanto menos as lavouras se sobrecarregaõ de impostos tanto mais se augmentaõ, e tanto mais cresce o rendi-

mento, e as utilidades do Estado; sim porque a terra se divide em geiras, e cada geira tem huma contribuição só, que equivale a muitas, que por tempos lhe pozessem de novo: logo o dono, o proprietario do terreno sempre paga o tributo, quer a terra seja, ou não cultivada, e então o imposto recahe sobre o descuido, e sobre a negligencia do Lavrador, que para não pagar infructuosamente o tributo, ou cultiva, ou arrenda; quando nossos colonos a deixão abandonada para se eximirem de pagar; rezultando deste abandono o alluviaõ de males, que a Politica considera como a morte de hum Estado. Alem de que se o lançar tributos a hum Povo he hum remedio muitas vezes necessario, não o he menos a consideração dos objectos em que elles devem recahir: a força, fraqueza, costumes, vicios, pobreza, e abundancia de hum povo procedeo sempre do estabelecimento dos impostos, e das izençoens criminozas, que motivaõ a dezigualdade. As Naçoens economicas, industriozas, e vigilantes nos seus interesses tem impostos de que se nutrem, mas nunca estes são postos sobre os generos principaes, porque o sustento he necessidade, e não appetite. Sobre o luxo he que sempre os Politicos insistem, e sobre que os lançaõ, e quanto elles são mais fortes tanto mais luxo, e por consequencia maior rendimento. Não devem ser considerados os objectos por si somente, he necessario attender ás relaçãoens. A Leis, ou a nossa pragmatica determinava objectos que eraõ só obra da soberba, porque izentava gerarchias de certos habitos com os quaes se não inculca character perante o sabio; tragaõ os homens muito embora galoens, vistaõ sedas, joguem, campeiem em magnificos coches mas paguem o excesso da sua loucura. Pague a sege mais do que vale, mas seja izento o carro; este, porque serve a necessidades, e he util tanto no campo, como na cidade; e aquella, porque não tem hum prestimo senão relativo. Não deve ninguem ser izento em materias de impostos como entre nós succede com desfalque, e baque da culturaõ. Se os cidadaõs tivessem contribuido o que a Lei lhes determinou sem excepção, e se estivessem contentes e os tivessem pagos, não se teriaõ augmentado as dividas do Estado, sua recepção seria

menos oneroza, e os campos teriaõ sido menos talados, nem haveria tanta terra inculta pela pobreza de seus possuidores. Isto he evidente pois no fim desta nossa campanha ultima, que tivemos com Hespanha em que o capricho foi o maior inimigo; naõ foraõ as terras dos Izentos, ou Privilegiados* as que mais padecêraõ: as herdades, que ficáraõ mais derrotadas, e quasi perdidas foraõ as daquelles homens, que sacrificáraõ seus bens pela Patria, e as daquelles, que se acharaõ arrastados pela dezigual repartiçaõ dos tributos, e subsidios sem ter com que reparar a ruina de seus bens como as mesmas ruinas ainda hoje o testificaõ. Nenhuma Pessoa por consequencia deve ser izentada, porque o Estado, e o bem commum saõ hum geral thezouro em que todos devem depozitar seus talentos, serviços, contribuiçoens, e trabalhos pela rezaõ de nelle acharem sua defeza, segurança, e felicidade: consequentemente tudo quanto disto se desvia origina destruiçaõ, descontentamento, e ruina. As izençoens sempre foraõ damnozas aos Estados. Que lei ha que possa exceptuar Particular, Ordem, Gerarchia, Titulo, Dignidade, ou bens daquellas obrigaçoens primeiras, que saõ o laço natural da Sociedade? Se o abuzo naõ tivera introduzido tantos privilegios haveriaõ menos pobres: paguem todos a parte dos subsidios a que saõ obrigados, que lhes competem; sejaõ os nomes de Donatarios, Feudatarios, Senhores de Terra, nomes, que utilizem os outros homens, e naõ os vexem, logo diminuirá o numero dos mendigos, nem teremos pelas portas tantos necessitados, que nos incommodem, e aquem a humanidade nos manda estreitamente acudir; estes homens, que engrossaõ o numero dos mendigos, e miseraveis mascarados com o rotulo da pobreza saõ homens roubados á agricultura

* Hum facto, que testemunha bem esta dezordem foi, que devendo os Negociantes da Cidade de Portalegre 60 mil cruzados á Real Fazenda; apenas as tropas Hespanholas entráraõ a dita Cidade pelo abandono das do Paiz, exigiraõ de seus moradores huma igual contribuiçaõ á somma devida, que o medo, a força, e a sujeiçaõ fez logo apromptar: em consequencia deste vexame requero o seu Juiz de Fora João Manoel de Moraes em nome destes habitantes desolados o justo encontro de hum dinheiro extorquido com violencia, e por culpa das Tropas do Paiz, que os abandonáraõ sem cauza quando se apromptavaõ em maça para a defeza; o que lhe foi prohibido.

pelos vexames com que seus Feudatarios, ou Tributarios os trataõ: nem todos são estropiados, aleijados, defeituozos, ou incapazes de trabalhar, são homens, que dezesperaõ dos poucos lucros pelo augmento, que as rendas annualmente sobem, e de que procede ficarem algumas terras por cultivar: triste desfalque para a economia. Eu não posso descobrir Nobreza, ou Fidalguia em pertender cada qual fazer valer suas distincçoens para fugir ás obrigaçoens de cidadão, e para se escoar dos cargos da sociedade. A principal obrigação do vassallo he ser bom cidadão, e este não cumpre seu dever quando intenta izentar-se, e quando recuza pela sua imaginada dignidade, ou por outro qualquer nome vão, que só serve de carga ao Estado pagar aquillo, que de officio lhe deve; he para admirar, que só os que mais possuem he, que mendigaõ izençoens, indultos, e immunidades, porque os pobres, como não tem pretextos, que allegar, e a miseria hoje he ja fraco estímulo para Espiritos frôxos, e embotados, só fazem murmurar da dezignaldade, que vem: mas ah? os grandes não conhecem, que seu sustento, e fausto lhes provêm dos pequenos, e que os Governos nunca se poem em armas senão para sustentar a Sociedade, e os ricos com a mudança perdem mais do que os pobres? O vassallo quanto mais rico, tanto mais he obrigado á Patria em que vive, que o engrossa, e sustenta suas dignidades, opulencia, e prerogativas; se estas todavia foraõ recompensas por acçoens de que o Estado se fez crédor nem por isso devem ser perpetuas, porque o arbitrio dos donatarios não pode prejudicar os vindoiros: finalmente Privilegios, Izençoens, Immunidades, Graças de tal Natureza, Prerogativas, Dispensas de Direitos, Indultos, e Franquias sobre objectos ruraes, da primeira necessidade, quanto mais antigas tanto maior vicio mostraõ na sua origem; e todos os Foros, Reposteiros, Brazoens, e Avoengos, que entãõ genealogicamente se arrastaõ para sustenta-las não servem mais do que para encubrir, e occultar o abuzo do credito, e da auctoridade; materia em si taõ estranha futil, e ridicula como requerer, que as ruinas dos idozos castellos e os gastos, e esquecidos brazoens

de armas possam bastar para nossa actual defeza, e segurança do Reyno.

4. Obrigar para beneficio geral da cultura aos Proprietarios dos terrenos á plantaçõ de arvores para fructos, e madeira *, segundo a propriedade dos chaõs, que nao admittem outra cultura, entre a qual plantaçõ tem hum proveitozo uzo os *carrapateiros*, cujo azeite allumia excellentemente. Estes arbustos daõ em todo o Terreno; suas utilidades saõ vantajozas, pois que nenhum trabalho daõ em plantar-se, vegetarem, e produzir; sendo taõ grande sua fertilidade, que no fim do primeiro anno ja se colhe seu fructo. Muitas naçoens economicas naõ desprezaõ este industriozo ramo, e nas Americas he, quem supre o azeite para queimar. Entre nos naõ seria inutil muito principalmente para a illuminaçõ da Cidade: naõ encareceria o azeite doce por este diario, e grande consumo, e nem padeceria o Publico, nem teria má illuminaçõ como succede com o azeite de peixe, por que azeite do *carrapateiro* dá huma luz clara, fixa, naõ cria morraõ, nem suja, ou se apaga por ter menos corpo, e ser menos espesso. Para este fim, ou para a plantaçõ de qualquer arvoredado fructifero era prohibiçõ necessaria com graves penas a aproximaçõ, e abalo das estacas, ou tan choens de que procede a defecaçõ, e morte dos arbustos; a carestia sobe segundo a raridade dos fructos pela pouquidade das arvores, que os geraõ, e alem disto fazem-se baldadas as diligencias, e cuidado do agricultor.

5. Nada de tachas sobre os objectos de primeira necessidade; as tachas nas Cidades saõ freios nos campos. Convem deixar trabalhar a emulaçõ, e a liberdade do commercio, primeiros moveis da barateza, e abundancia; a tacha nos frutos nunca fez dar mais hum rego nas searas, e sempre dezanimarã a agricultura, entristecera o lavrador, e cauzará fomes nos Exercitos, nas Cidades, e nas Praças. Em quanto a mim, que

* Todos por experiencia conhecem o excessivo preço a que a lenha tem chegado: o Estado multiplica as Fabricas, que della fazem hum grande, e necessario consumo, e assim como manda cortar, porque naõ hade mandar plantar? huma arvore derruba-se, e corta-se em menos tempo do que nasce.

não sou lavrador, mas por conhecer a lavoura, e ser testemunha de seus progressos, ou decadencia conviria athé, que as tachas impostas sobre as palhas, que annualmente o Senado determina* para se venderem por tanto, fossem para senão venderem por mais de tanto. Esta unica clauzula bastaria para multiplicar as lavouras, e dezempenhar os lavradores, e para sem determinado preço conseguir-se o preço mediano. De nenhuma explanação este methodo precisa; pois, que as restricçoens, prohibiçoens, e determinaçoens fixas nos preços em todo o tempo unicamente tem servido de tolher, e obstar á perfeição, e augmento da cultura, e por consequencia adoptar o pessimo systema da carestia dezejando a fome, e a morte da humanidade*.

6. Observar, que senão he possível por consideraçoes particulares, incuria, ou desmazelo, fazer os remedios indicados, a nossa mesma agricultura, sem ser beneficiada, nem se promover seu adiantamento pôde fornecer o necessario graão para consumo do Paiz; e se este fornecimento não for logo capaz e bastante para o anno, sê-lo ha em pouco tempo. Isto, que á primeira vista parece hum paradoxo e do que muitos escarnecerao he huma verdade pura, e hum systema dos mais rasteiros, e triviaes, razao porque palpavelmente se manifesta sua utilidade. A Politica,

* Não deixa de ter aqui lugar esta reflexao. Sem criminar o Estado actual das couzas nos vemos, que de alguma sorte se intenta contentar o Povo pondo alguns contractos a lanchos para passarem a novos rendeiros, quando daqui só provem mais dinheiro para a Fazenda Real, e mais vexame para o Povo, porque os Editaes, que para similiaes arrendamentos se afixao somente avizao se haverá alguém, que queira arrendar tal administração, ou contracto pagando mais do seu anterior rendimento" por exemplo pelo azeite de peixe supponhamos, que a Fazenda Real recebe 100,000,000 de Reis de Direitos "havendo quem tome así este contracto dando 200 dar se lhe ha." Isto he bom para se augmentar o rendimento annual da Fazenda, porem não para se conseguir a barateza, porque o contractador, como não tem quem lho prohiba levanta depois o preço na venda do genero para resarcir o excesso da renda tudo em detrimento do pobre. Eu quizera, que a forma de tais arrendamentos fosse feita assim, e vem a ser; quem pagar o Direito, que rende tal Contracto, e vender o azeite mais barato esse será o arrematador. Assim julgo conseguir-se abarateza, contentar-se o Povo, e caçarem-se os Monopolios.

† Vej. o fim pag. 71.

que se aprende pelos livros tem entre nós os mesmos effeitos, que teve a Caldeira de Rumford para alimentar os encarcerados, a quem o numero pela falta de castigo, ou por huma piedade mal entendida augmenta a miseria, que os consome gradualmente : dir-me hão “ que a não souberão praticar como nos Reynos Estrangeiros” ao que respondo : nos outros Reynos sabem vencer-se as difficuldades, estima-se o Povo, adopta-se a melhoria dos inventos, e os projectos, que se intentaõ realizar, ou não se publicaõ, ou publicados levaõ pateada, ou louvor segundo sua utilidade. A sopa de Rumford uzou-se nas masmorras de Inglaterra, e França mas durou pouco sua estabilidade não só pelo trabalho, que dá a pôr em movimento os moveis da sua creação, mas pela impossibilidade, que ha de fazer servir na Patria a Philosophia de hum cozinheiro. “ *O tratado do actual estado da Economia particular em França;*” “ *O systema administrativo da conservação da humanidade impresso na Haia*” dá louvores a projectos tais, mas prohibe seu uzo. Eis aqui a sorte dos Planos Philosophicos, que a melancolia produz. As regras, e as Direcçoens não podem conservar sua bondade se a Pratica lha não descobre pelas utilidades, ou vicios, que rezultaõ de as por em acção. Todavia para sustentar minha propozição duvidoza á primeira vista so recommendo a diminuição da Capital. E que tem isto com a cultura? poder-se me ha objectar. Este argumento surprende, mas não enreda. Se 24, ou 30 mil homens, que sem razaõ, nem cauza necessaria habitão Lisboa estivessem na sua Patria [não fallo dos Estrangeiros] necessariamente haviaõ cultivar seu proprio sustento pelo apêgo natural, que todos tem a sua vida. Isto, que na apparencia he difficulosissimo, facilmente se conseguia “ fazendo com que os Pertendentes para se despacharem não precisassem vir á Côrte aonde em lugar de conseguirem, o que a ley muitas vezes lhes prometteo, destroem-se consumindo os bens, que tinhaõ, ficando por isso abandonada a lavoura, e a Provincia para a qual recuzão voltar, ou envergonhados da sua miseria, ou por temerem novas desgraças.” Fazendo com que os Clerigos Provincianos, cujo prodigiozo numero fomenta sua pobreza, cumprissem o dever, que jurão

de ajudar os Parrochos, por cuja falta procuraõ subtrahir-se á ira dos Bispos abandonando o Bispado, difamando o Clero, e fugindo para a Cõrte aonde vem acabar de perder os laivos de huma religiaõ, que abraçaraõ por contracto; fazendo-se os sequazes infames de huma libertinagem, e vida opposta á sua constituição, que julgaõ encubrir com a capa da religioza piedade, e com o sagrado nome de Sacerdote.*

“Fazendo com que os conventos não tirassem para educandos, ou noviços os muitos homens, que por este fim sahem das provincias aos quaes acompanha hum numero ainda maior de todos aquelles, que intentaõ servilos. Sejaõ Frades muito embora, mas estejaõ nas provincias a que se roubaraõ, pois com suas rendas ou necessidade, acudiriaõ á sua conservação cultivando os terrenos.” Fazendo com que os mercadores das 5 classes, quero dizer Retrozeiros, Fanqueiros, Quinquilheiros, Capelistas, e outras iguaes loges de commercio não tivessem o bando incrível de caixeiros, que todas os dias emigraõ das provincias pelo engodo de avultados lucros; homens, que são arrancados da cultura para se trocarem por vendas de luxo, quaes as publicas do Caffé, e outras, que as mulheres suprem com facilidade, como succede, e se pratica nos reynos estrangeiros.

“Fazendo com que as levas de recrutas não se extrahissem dos campos, nem das provincias para se completarem os regimentos da Corte. Quando na provincia fosse necessario preencher os corpos do exercito, ou levantar tropas de novo ficassem ahi mesmo, pois estando com seos Pays, em suas cazas, na sua patria entre os seus amigos, e conhecidos cultivariaõ os campos como athé alli costumavaõ, e a dezerçaõ não teria sequazes; porque se o soldado he necessario, não convem faze-lo á custa do Lavrador, que he o mesmo, que decepar a vide, e querer, que ella produza. Em tempo de paz, tal como sempre nos conveio, vale mais huma enchada do que huma espingarda: em guerra temos a nosso pezar visto os bellos fructos, que a nova tactica nos tem

* Deve-se reflectir, que os maiores Apostatas, e libertinos sahirao em todos os tempos do numero, e corporação dos Ecclesiasticos maos —Leá-se a Historia.—

dado; quando então he o tempo em que o Lavrador anda mais em parallelo com o soldado, hum para manejar as armas, e o outro para dar as muniçoens. Se para recrutar fossem precizos planos novos, elles lembrariaõ os muitos vadios, e homens inuteis, que segundo Bielfeld são a peste das Republicas;* os quaes vemos favorecidos, e não acoçados como deveriaõ ser ficando por isso izentos daquelles cargos, que podiaõ exercer com proveito da patria." Fazendo com que os Ministros territoriaes cuidassem da sua obrigação sem vexar os povos, nem incita-los a fugir das violencias com que amiudadas vezes os perseguem: obrigando-os a fazerem listas em que se viesse no conhecimento da gente, que existe nas comarcas para se indagar a razaõ da sua sabida. "Fazendo com que as colonias senaõ sobre carregassem de aventureiros, que lhes levaõ a ruina, e fazendo outras muitas couzas, que occorrem a todo o conhecedor da Corte, e seus males; advertindo, que o numero dos artistas cresce segundo a muita gente, que ha a servir.

Com estes facéis recursos conseguir-se hia a povoação nos lugares hoje deshabitados, e por consequencia a cultivacão; pois que todos estes homens, que aqui comem o sustento que outro lavra, elles o cultivariaõ com suas proprias maõs, se estivessem no lugar

* Ha muitos estabelecimentos, de que se poderia tirar immensa gente; entre os quaes basta referir, que na aula do commercio se matriculaõ annualmente mais do 100 rapazes para quem nao chegaõ os empregos, e cujos conhecimentos diariamente nos estãõ mostrando sua insufficiencia. Nós vemos aqui diversas applicaçoes a diuheiros amortizados, que se poderiaõ em gloria da Nação muito bem voltar para o estabelecimento de huma escola militar, e para Alumnos teria todos os mancebos, que todos os dias encontramos aos bandos descalços, rotos, e famintos, cuja estragada, e obseura mocidade acaba em cadafalsos galés, ou officios menos necessarios sem falar dos que morrem infantes pela mizeria, desalinho, falta de amas, pelo mesquinho ordenado, que as afugenta. Eu tenho visto couzas horrorozas, porem nada me fez tanta sensaçãõ como a seguinte anecdota, que bem prova a deshumanidade dos mestres huma vez, que lhe cheiraõ a pobreza os aprendizes. Eu encontrei em certo dia hum rapaz menor de 10 annos, o qual rendido pelo enorme pezo com que hum feixe de lenha o carregava, chorava amargamente a deshumanidade de seu mestre, ou Tiranno: o que me deo á crer, que muitos rapazes nao saõ corcovados, nem aleijados, porque assim nascerãõ; saõ pela grossaria, e barbaridade de seus mestres por falta de educaçãõ publica, que o estado devia promover, e vigiar, pois o mesmo he entregarem os Pais seus filhos a taes mestres, que perde-los.

em que nasceraõ, e se educáraõ: nas aldeias he brazaõ seguir as occupaçoens dos Pays, e na Corte falta de juizo. As viagens pelas provincias mostraõ bem, que a razaõ de haver campinas, e campinas incultas, naõ he por serem de bõa, ou de má qualidade, he por lhe faltarem seus naturaes habitantes: e ou o sobejo da sua cultura alli, ou o sobreceleste, que se poupava, do que elles aqui comessem, forneceria por mais tempo os habitantes do Paiz sem precisaõ de trigo alheio. Depois disto ainda ha hum préjuizo para que se devera olhar, que he a força obrigaçaõ de naõ perder as lavouras, porque muitas vezes os filhos do Lavrador desdenhaõ a honrada occupaçaõ de seus avos, que por sua intervençaõ os enriqueceraõ; achando pequena comarca a lavoura para supprir seus gastos orgulhozos, querendo antes andar amotinando as ruas com estrondo, e correrias, e outras loucas magnificencias em que consomem grossos cabedaes; padecendo por isso a cultura, cuja occupaçaõ entreteve heroes, naõ deshonrou monarchas, e os Pays cuidadamente a transmitiraõ a seus filhos.*

§. Concluo em fim, que os homens do campo querem, que os amem, e estimem, e que se saibaõ apreciar os Lavradores, alias fogem do trabalho, e olhaõ mal sua Patria por despreza-los; de que procede a emigraçaõ, que posto venha de mais principios, este he hum delles, cuja prevençaõ requer todo o cuidado. Ha muitos annos, que os agricultores necessitaõ para melhorarem, dos recursos aqui indicados, pois que he o mais seguro meio senaõ val o mesmo, que pertender matar a aranha destruindo-lhe a teia, que ella de novo urde em qualquer parte. Isto he o que fez Carlos III. de Hespanha para tornar de covil de ladroens em terras lavradas as terras da Serra Morêna: isto finalmente senaõ he bom, tem por si a prezaõ, vendo que eu naõ argumento sobre possibilidades mas sobre factos.

* Para saber a verdade do meu dito, e que a riqueza dos Pays impossibilita hoje os filhos de continuarem a augmentala pelos mesmos meios, que a adquiriraõ; basta entre couzas idênticas reflectir, que a nossa famoza Fabrica de po de pedra estabelecida no Porto, a qual disputavaa Inglaterra a bondade da sua porcellana; perdeu seu brilho, e morreu quando morreu seu primeiro dono, cujo filho assentou, que quem tinha 200, ou 300 mil cruzados naõ devia ser Oleiro.

Por muito tempo bastarão nossas searas para sustentarmos durante sete mezes sem augmentar a cultura, hoje custa a chegar para cinco mezes o seu consumo, e quaes são as causas desta diminuição? A falta de braços, a pobreza a que as extorções, e os impostos tem reduzido os Lavradores, a qual os priva das necessarias despezas para os amanhos, e a diversa applicação dos tributos, que repetidas vezes se determinarão para ajuda, e soccorro dos cultivadores, cujas vozes senão attendem senão quando se dirigem a dar dinheiro para cuja recepção não ha violencia occulta, o que não deve admirar, porque a arte de vexar os vassallos uteis, e a sciencia d'esmagar a humanidade está hoje no seu auge.

Todavia sendo o augmento dos subditos, e da cultura os alicerses da Edificio Politico convem escorá-lo, e reedificalo. E que mais rigorozos espeques se poderão encontrar para sostê-lo, que a cultura dos campos, e os bens da terra, que annualmente se renovaõ enriquecendo-nos com bens nativos, reaes, e não com fantasticas riquezas, ou possessoens de modificação. Por tanto estes objectos seguidos, e examinados attentamente; as lagrimas, que a Natureza desprezadamente derrama nos campos por ver, que offerecendo-se provida, e espontanea senão utilizaõ das utilidades, e beneficios, que ella espalha, tornar-se hiaõ em lagrimas de gosto, e sua contente alegria fertilizaria as colheitas, e nos felicitaria. Por este methodo acabar-se hiaõ as questoens, que a ignorancia suscita sobre a fecundidade de nosso Reyno: jamais houve outro no qual melhor concorressem as circumstancias; hum clima temperado, e sadio, sol conveniente, chuvas regulares, abundancia de estrumes, terras boas, homens trabalhadores, e athé appropria Natureza empenhada em favorecer-nos; porem de nada aproveitão circumstancias taõ poderozas, se as providencias não forem opportunas.

Eu ia naturalmente esquecendo me de que o meu escripto não era huma carta, e que taobem hoje he moda não ler muito; do que procede serem inuteis, e mal escriptos os papeis volumozos, e extensos: porem a sua amizade, que em mim desculpa defeitos maiores saberá poupar-me aquellas faltas, que meu

zelo pelo bem commum não póde evitar: persuadido de que forcejo por ser amante da Patria, dos homens, da Fama, e do nosso amavel Principe, cujas Leys adoro.

P. Th. Z.

*Lisboa, aos 24 de Dezembro
de 1803.*

A esta Memoria se devia logo seguir a outra que ja taobem principiamos a publicar a respeito dos Escravos, e Commercio da Escravatura; mas não sendo possivel o continua-la neste No. pela abundancia que temos de outras materias, fica reservada a sua continuacão para o No. seguinte.

GIL VICENTE.

As noticias biographicas dos homens illustres, que nos tem precedido, devem contar-se sempre como hum trabalho de notavel interesse e de hum verdadeiro merecimento; por que não só servem para excitar na memoria grandes exemplos da nossa gloria literaria, mas porque devem dar-nos estimulos de imita-los, e concorrer para que de nenhuma forma deixemos extinguir ou afrouxar essa mesma gloria que nossos eminentes escriptores adquiriraõ. Apezar porem de que alguns dos nossos literatos se tem occupado destes trabalhos interessantes, as suas obras são taõ pouco lidas ou por muito raras ou muito volumozas, que o Publico nos deve certamente ficar agradecido por lhe hir-mos dando em nosso Jornal, quando as circunstancias o permittaõ, alguns Extractos da Bibliotheca de Barboza sobre aquelles Escriutores com que mais se honra a nossa literatura nacional. Hum dos que nos parece occupar hum lugar dos mais distinctos, e que não só por isso deve ter a preferencia, mas porque desgraçadamente se vê taõ pouco conhecido, he o famoso Gil Vicente, o nosso Plauto Portuguez, assim

denominado por Manoel de Faria e Souza, e outros muitos Sabios nacionaes e estrangeiros.

Illustre por nascimento, o nosso auctor o foi ainda mais pelo espirito poetico com que imitou, e algumas vezes excedeo os maiores poetas da mais culta antiguidade. Para emparelhar em tudo com os grandes homens, ainda taobem o seu lugar natal he duvidozo; porque D. Antonio de Lima o faz nascer em Guimarens; Fr. Pedro Poiars, em Barcellos; e outros muitos escriptores, em Lisboa. Seja porem o que for, sabemos que foi hum Portuguez; e isto he quanto basta para credito das Musas Lusitanas.

Os seos primeiros annos foraõ dedicados na Universidade de Lisboa ao estudo da Jurisprudencia Romana, em que fez progressos mui distinctos. E por estas applicaçoes, taõ proprias em todo o tempo para conduzir os talentos ás riquezas e ás honras, teria sem duvida representado huma brilhantissima figura, se o seo genio jovial e eminentemente poetico o não tivesse forçado á preferir os doces encantos da poezia ás severas especulaçoens da Sciencia das Leis. Assim podendo passar por hum mui habil Jurisconsulto, veio a ser aquillo só para que a natureza o destinava:—O primeiro Poeta Comico Portuguez.—

Apaixonadissimo pela Leitura de Plauto compoz no estilo deste Comico Romano não só obras de huma feliz imitaçãõ de todas as belezas do *Latium*, mas outras muitas de huma novidade verdadeiramente original.

As suas Peças foraõ representadas nos palacios dos Senhores Reys D. Manoel e D. Joã III., entãõ as mais brilhantes e as mais polidas Cortes da Europa; e tendo por ouvintes todos os Principes, e a nobreza mais illustrada do reino, de que taobem entãõ não havia falta, concorrêrãõ infinitamente, por meio do ridiculo e de huma graciosa jovialidade, para corrigir e emendar os costumes do seo seculo.

Gil Vicente não era porem hum homem para ser taõ somente conhecido na sua patria: os Hespanhoes procurãrãõ taobem logo conhece-lo e estuda-lo; e as suas obras serviraõ de norma e de modello para a creaçãõ do primeiro theatro comico regular que viraõ

as Hespanhas, produzido por Lopo da Vega e por Quevedo.

Não cabendo ainda a fama de Gil Vicente em limites tão pouco vastos para o seo extraordinario merecimento, foi procurar admiradores na Alemanha, entre os quaes encontrou o Grande Erasmo, hum dos primeiros talentos do seo seculo. He fama constante que este sabio, tão conhecido na Europa, de proposito aprendera a Lingoa Portugueza para entender as superiores belezas originaes de Gil Vicente; e que depois de o ter lido e cuidadosamente examinado confessára, que nenhum Poeta athe o seo tempo imitára tão perfeitamente como elle o delicado estilo de Plauto e de Terencio.

Reflectindo porem miudamente no que temos acabado de dizer, he de toda a evidencia, que Gil Vicente não foi hum homem ordinario; e que quando se chega a ganhar huma estimação e respeito universal não só entre os sabios nacionaes, mas entre os estrangeiros e de paizes mui differentes, o merecimento não pode ser equivoco. Mas estas mesmas nossas reflexoens nos conduzem ainda mais longe; e se os nossos leitores nos dessem faculdade para lhes expormos nossas duvidas, ouzariamos perguntar:

1. Porque razaõ Gil Vicente, tão famoso em Portugal e na Europa, veio a ser esquecido entre nos á hum ponto tal, que nem as suas mesmas obras apparecem; quando dos auctores seos contemporaneos, e outros mais que se lhe seguiraõ, nos tem chegado quasi todos os escriptos, e d'elles se tem feito diversas edicçoens.

2. Porque, sendo nos ao que parece, os primeiros restauradores do theatro comico na Europa, e andando quasi a par no tragico com a Italia, aonde appareceo a primeira tragedia moderna regular, não havemos tido desde Gil Vicente athe o *Judeo* auctor algum comico de nome?

3. Foraõ na realidade os Poetas Hespanhoes, e mui particularmente Lopo da Vega, e D. Francisco de Quevedo, os imitadores e os discipulos de Gil Vicente? Ainda mais: Foi elle indisputavelmente o primeiro auctor comico regular da Europa moderna e civilizada?

Eis aqui as duvidas que, escrevendo o rezumo do vida de Gil Vicente, vieraõ apresentar-se ao nosso espirito, naturalmente dezejozo de indagar quanto possa concorrer em qualquer genero para a gloria e reputaçã da nossa patria. Se os Leitores do nosso Jornal, a quem as offerecemos só com o intuito dever crescida cada vez mais a nossa fama Literaria, as acharẽ dignas de serem discutidas e aclaradas; nos de muito boa mente receberemos as suas respostas ou as suas reflexoens, persuadidos como estamos, de que isto naõ pouco concorrerá para que o nosso Jornal cada vez mais se faça digno da heroica naçã, de quem temos tanta vaidade de ser filhos, e leaes admiradores.

TRADUCÇÃO DO PRIMEIRO CANTO DA LUSIADA.

(Continuada de pag. 441.)

42.

Tandis que les destins de la Lusitanie
 Se pesent dans le Ciel; favorisé du vent
 Gama voyait deja l'ardente Ethiopie
 Et l'aspect enchanteur des bords de St. Laurent.
 Il traversait ces mers où l'amant de Clytie
 Poursuit au fond des flots de son flambeau brulant
 Tous ces Dieux, qui jadis, dans leur terreur profonde
 En poissons transformés se sont enfuis dans l'onde.

43.

Le Portugais jouit du souffle du zépher,
 Qui semble de ces mers ecarter les orages,
 Le Ciel parait deja propice à son desir,
 Sur l'horison serein il n'est point de nuages.
 Il passe le Prusus dont les vaisseaux de Tyr
 Connurent autrefois le nom et les parages;

Ses regards s'étendant sur la plaine de l'eau
Decouvrent à l'instant un archipel nouveau.

44.

En voyant ces pays le Heros intrépide
Qu'un bonheur sans mélange a constamment suivi,
Vasco, de l'entreprise et le Chef et le Guide,
Hesite quelque temps sur le choix d'un parti ;
A' poursuivre sa route enfin il se decide,
La côte lui parait déserte et sans abri,
Mais un événement qu'il ne pouvait attendre
Sans changer ses projets le force à les suspendre.

45.

Il voit paraître au loin derrière les récifs
De frères batiments une flotte nombreuse,
Gama se plait à voir sur des bateaux chetifs
Des mortels affronter une mer dangereuse.
Les marins ignorant leurs desseins, leurs motifs,
Se demandent, remplis d'une ardeur curieuse,
De ce pays nouveau qui s'offre à leurs regards
Quelles seront les mœurs, la croyance et les arts ?

46.

Mais la flotte, qu'au loin ils avaient aperçue
S'approche, les canots volent sur l'horison,
De feuilles de palmier chaque voile est tissée,
De leur langue sauvage on distingue le son :
De leur noire couleur l'origine est connue,
Il faut t'en accuser, insensé Phaeton,
Quand remplissant les Cieux de ton ardeur fouguse
Tu finis dans le Pô ta course desastreuse !

47.

Du cotton bigarré qui fait leur vêtement
 On aime a regarder la bizarre parûre,
 Quelquefois on le voit drapé negligement,
 Plus souvent ses replis leur servent de ceinture.
 Leurs Corps sont exposés aux traits d'un Ciel brulant,
 Un sabre, un bouclier, sont leur unique armure,
 Sur leurs fronts basanés ils portent le turban,
 Et s'avancent au son de leur clairon bruyant.

48.

Agitant dans les airs une étoffe grossière
 Leurs signes repetés appellent les vaisseaux ;
 Et l'Escadre déjà navigue vers la terre,
 On fait serrer la voile, on mesure les eaux.
 A l'ardeur qui remplit la cohorte guerrière
 On croirait que ce jour termine ses travaux,
 En fin on jette l'ancre, et dans la mer profonde
 Elle tombe, et ce choc a fait rejallir l'onde.

49.

Les Portugais à peine arrivés à ce port
 Sont entourés soudain par ces hôtes sauvages,
 La flotte retentit de leurs joyeux transports ;
 On les voit s'élancer à l'aide des cordages ;
 Avec douceur Gama les reçoit sur son bord,
 On leur offre à l'envi des mets et des breuvages ;
 Et ce peuple brûlé des rayons du soleil
 S'enivre avidement d'un vin pur et vermeil.

50.

Ils parlent presque tous la langue d'Arabie,
 Et demandent sans cesse aux enfants de Lusur

Quel dessein les conduit, le nom de leur patrie,
 Quelles mers, quels pays, leur flotte a parcourue ?
 La troupe des héros de la Lusitanie
 Répondait par ces mots à leurs discours confus ;
 Nous habitons les bords des mers occidentales,
 Et nous venons chercher les mers orientales.

51.

Sur ces frères vaisseaux voguant vers le midi ;
 Nous avons navigué vers le pôle antarctique,
 Nous avons découvert et suivi jusqu'ici
 Le rivage inconnu de la côte d'Afrique.
 Nous sommes Portugais, sujets d'un roi cheri,
 Et pour plaire à ce Roi puissant et magnifique,
 Ainsi que nous savons affronter l'Aquilon
 Nous verions sans pâlir l'Averne et l'Acheron !

52.

Déjà depuis longtemps parcourant ces parages
 Dans l'espoir d'arriver jusqu'aux bords Indiens,
 Nous avons navigué, résistant aux orages,
 Au milieu des phocas, et des monstres marins.
 Mais vous, que nous trouvons sur ces lointains rivages,
 Veuillez nous confier vos noms et vos destins,
 Peut-être, répondant à notre juste envie,
 Pourrez-vous nous guider vers les côtes d'Asie.

53.

Nés sous un autre Ciel, enfants d'une autre foi,
 Nous sommes, répondit un de leurs interprètes,
 Étrangers à cette Isle, à son culte, à sa loi :
 Le sauvage habitant de ces âpres retraites
 De la raison encore semble ignorer l'emploi ;
 Pour nous, adorateurs du plus grand des prophètes,

Nous appartenons tous au peuple d'Ismael
Dont l'empire est immense et le nom immortel.

54.

Le lieu que vous voyez, offre un accès facile
A' ceux qui de l'Afrique emportent les tresors ;
De Sofale et Mombace, ainsi que de cette ile
Le Maure industrieux frequente seul les ports.
Le desir de garder ce favorable asile
Nous a depuis longtems retenus sur ces bords,
Et nous possedons seuls tout l'immense commerce
Des rivages de l'Inde et du golfe de Perse.

55.

Et puis que vers les bords du Gange et de l'Indus,
A travers les dangers, la gloire vous amène,
Un guide vers ces lieux, qui vous sont inconnus,
Fixera desormais vôtre marche incertaine.
Vous serez par nos soins promptement secourus
Et poursuivrez après vôtre course lointaine ;
Mais deja nôtre chef prêt à vous recevoir
Vous offre un sûr asile et demande à vous voir.

56.

Ainsi parla le Maure, et la troupe guerriere
Repond à ce discours qui lui parait loyal ;
Les Arabes bientôt retournent vers la terre,
Ils quittent les vaisseaux tous au même signal.
En ce moment Phebus terminant sa carriere
S'elançait vers la mer sur son char de cristal,
Et sa sœur aussitôt chassant la nuit obscure
Du depart d'Apollon consolait la nature.

57.

Ah combien la douceur de cette heureuse nuit
 Ranime les enfants de la Lusitanie !
 Deja de leurs travaux le souvenir s'enfuit,
 Ce n'est plus sans espoir qu'ils consacrent leur vie
 A' ce bât glorieux où l'honneur les conduit ;
 Leurs pensers parcourant et l'Europe et l'Asie,
 Ils s'ettonnent de voir du Prophète odieux
 Le nom si detesté remplir jusqu'à ces lieux !

58.

Sur son sein argenté l'onde pure et calmée
 Reflexit de Phebé les tremblantes lueurs,
 D'astres etincelants la voute est parsemée
 Comme un jardin brillant est émaillé de fleurs.
 La troupe des Autans dans sa grotte enfermée
 Contre les rochers seuls exerce ses fureurs,
 Tout dort. Des Portugais la seule vigilance
 Interrompt par moments cet auguste silence.

59.

Mais aussitôt qu'on voit l'epouse de Tithon
 Delier dans les cieux sa blonde chevelure,
 Sur son char coloré preceder Apollon,
 Et rendre à l'univers sa splendeur vive et pure.
 Les vaisseaux arborant soudain leur pavillon
 De voiles, de drapeaux se font une pâture,
 Et Gama sur son bord se dispose à fêter
 Le Chef des Africains qui doit le visiter.

60.

On voit deja le Maure et sa flotte legere,
 Ses esquifs sont chargés de fruits rafraichissants,

Il ignore les noms des peuples de la terre
 Et les fils de Lusur lui semblent Musulmans :
 Il les croit tous issus de la horde guerrière,
 Qui par tant de succès, de triomphes sanglants,
 Etablit à la fin dans les murs de Bysance
 Son empire barbare et sa fausse croyance.

61.

Le héros Portugais reçoit avec plaisir
 Le cortège du Maure et sa troupe sauvage,
 Il leur fait aussitôt, prevenant leur desir,
 Des dons qu'il leur destine un pompeux etalage.
 Par son ordre chacun s'empresse à leur offrir
 La liqueur qui des sens nous derobe l'usage,
 Et l'on se plaint à voir ces enfants du desert
 S'ettonner et jouir du banquet qu'on leur sert.

62.

Jamais jusqu'à ce jour un spectacle aussi rare
 Ne frappa les regards des enfants de Lusur,
 Ils observent les mœurs de ce peuple bizarre
 Et son aspect sauvage et ses accents confus.
 Ettonnée à son tour, cette troupe barbare,
 Voit des armes, des gens, des vaisseaux inconnus,
 Et demande aux enfants de la Lusitanie
 Si leur escadre vient des bords de la Turquie.

63.

Ils demandent à voir le Livre reveré,
 Qui de nos dogmes saints renferme les mistères,
 Ils voudraient s'assurer si ce Livre sacré
 Est semblable à celui qui contient leurs chimères

Et ce peuple que rien'encor n'a rassuré,
 Ignorant les desseins des troupes étrangères,
 Veut contempler aussi les armes dont leurs bras
 Se servent pour porter la mort dans les combats.

64.

L'empire du Croissant, les rivages d'Asie,
 Leur repondit Gama, sont étrangers pour nous :
 Vous sçavez nôtre nom, nos loix, nôtre patrie,
 Et quel noble dessein nous conduit jusqu'à vous.
 Brulant de meriter au peril de la vie
 Cet honneur immortel dont leurs cœurs sont jaloux,
 Les enfants de l'Europe illustre et belliqueuse
 Cherchent l'Inde, à travers une mer orageuse.

65.

Le Dieu que nous servons, règle seul à la fois
 Et le monde terrestre et le monde invisible,
 Il crea l'univers, et conduit par ses loix
 Depuis l'être animé jusqu'à l'être insensible.
 C'est ce Dieu tout puissant qui souffrit sur la Croix,
 Les tourments d'un trepas fletrissant et terrible,
 Et daigna s'abaisser à descendre du Ciel
 A' fin d'élever l'homme au sejour eternel.

66.

Le livre dans le quel sa loi sainte est prescrite
 Ne peut être par nous offert à vos regards,
 Sa parole divine en nos cœurs est ecrite
 Et son Nom seul nous guide au milieu des hasards.
 Voyez, pour contenter l'ardeur que vous agite,
 Nos armes, nos soldats, leurs nobles etendarts,

Voyez-les comme amis, car l'aspect de ces armes
Inspire aux ennemis de plus vives allarmes.

67.

Il dit, et dans l'instant tous ces braves marins
Montrent aux Africains leurs superbes armures ;
Les glaives redoutés dont les coups sont certains,
Les boucliers ornés de brillantes peintures,
Et ces tubes de fer, terreur des Sarrazins,
Et le plomb meurtrier dont on craint les blessures,
Les harnois reluisants, les lances, les poignards,
Les cuirasses, les traits, les javelots, les dards.

68.

Les vases sulphureux qui portent l'épouvante

Et font voler au loin l'incendie et la mort,
Et le canon d'airain, et la bombe éclatante
Qui part, et retombant se brise avec effort ;
Gama ne consent point qu'une salve bruyante
Dans ces lieux inconnus célèbre son abord,
Trop noble, pour vouloir en suivant cet usage
Inspirer des terreurs à ce peuple sauvage.

69.

Pendant l'Africain a juré dans son cœur

Aux enfants de Lusur une haine éternelle ;
Desormais revenu de sa première erreur
Son esprit est glacé d'une terreur mortelle ;
Cherchant à déguiser sous un aspect trompeur
Le perfide projet de son âme cruelle,
Tandis qu'il leur sourit, il médite en secret
La perte des héros qu'il accueille à regret.

70, 71, et 72.

Il annonce à Gama qu'un habile pilote
 Guidera ses vaisseaux jusqu'aux bords Indiens;
 Pour plaire à ce Heros, pour reparer sa flôte
 Il offre ses tresors, ses sujets, et leurs biens,
 Trahissant à la fois sa parole et son hôte,
 Des droits les plus sacrés meprisant les liens,
 Il part en promettant d'aider et de conduire
 Ces heros que son cœur a juré de detruire.

73.

Les projets qu'en son cœur le barbare a conçus
 Troublent les habitants de la voute celeste,
 Les Dieux sont partagés, la fureur de Bacchus
 Embrasse cet espoir, le dernier qui lui reste ;
 L'ardeur qu'il a de nuire aux enfants de Lusus
 Inspire au Dieu de l'Inde une ruse funeste,
 Et tandis que Gama s'abandonne au repos
 La fureur de ce Dieu s'exhale par ces mots.

74, 75, et 76.

Faudra-t-il donc souffrir que ces troupes fameuses
 Obtiennent dans l'Asie un triomphe eclatant,
 Que domptant de l'Indus les hordes belliqueuses
 Les guerriers de Lusus dominant l'Orient ?
 Non, non, de mes exploits les traces glorieuses
 Ne pourraient me sauver d'un oubli fletrissant,
 Et l'on prefererait ces mortels sur la Terre
 Au fils du Dieu puissant qui lance le tonnerre !

77.

Il dit, et dans l'instant transporté de fureur
 Il s'elance, et descend sur les rives d'Afrique,

Derobant aux regards sa divine splendeur
 Il s'entoure aussitôt d'un voile fantastique :
 Aux yeux des Africains, qu'il induit en erreur,
 Le fils de Jupiter entre dans Mossambique,
 Et pour tromper leur Chef au gré de ses souhaits
 D'un vieillard Musulman il emprunte les traits.

78.

Le vieillard dont Bacchus a pris la ressemblance
 Chez le Prince barbare à toute heure est reçu,
 Le Dieu parle en son nom, avec la confiance
 Qu'inspire au Souverain son austere vertu :
 Sous ces traits, à l'abri de toute défiance,
 Il remplit de terreur l'Africain éperdu ;
 Redoutez, lui dit-il, cette troupe étrangere
 Qui respire en secret le pillage et la guerre !

79.

Du sein des nations, et des nombreux états,
 Qu'a déjà parcourus ce peuple temeraire,
 Un cri s'est élevé contre les attentats
 Que commet en tous lieux sa horde sanguinaire.
 Par les plus noirs succès, ces ferores soldats,
 Ont signalé leurs noms et sur mer et sur terre,
 Et bientôt, si contre eux vous ne vous liguez tous,
 Vos femmes, vos enfants tomberont sous leurs coups !

80.

Pour puiser sur ces bords une eau pure et limpide,
 Vous les verrez demain preceder le Soleil,
 Craignez les trahisons de ce peuple perfide
 S'il surprend vos guerriers dans les bras du sommeil.

Pour le punir, ainsi que son barbare guide,
 O Prince, d'un vieillard acceptez le conseil :
 Dissimulez, peut-être un heureux stratagème
 Vous vengera du traître, et le perdra lui même.

81.

Que vos soldats cachés auprès de ce séjour
 D'un moment de délai supportent la contrainte,
 Vous les verrez paraître avant l'aube du jour,
 Car en tous tems le crime est suivi par la crainte :
 Decouvrez-vous alors, et surpris à leur tour
 Ils recevront le prix de leur perfide feinte,
 Mais si dans cet instant ils trompaient nôtre effort
 D'autres moyens, bientôt, assureront leur mort.

82, et 83.

Qu'un pilote affidé soit entre vous le gage
 Qui vous reconcilie, annoncez leur la paix,
 Et bientôt par ses soins qu'un horrible naufrage
 De ces vils étrangers nous delivre à jamais.
 Ainsi parle Bacchus, et l'Africain sauvage
 Lui promet d'accomplir ces sinistres projets,
 Et s'empresse aussitôt plein d'un zèle barbare
 D'assurer le succes du combat qu'il prepare.

84, et 85.

Mais déjà le sommet des monts Nabatheens
 Refleclit du Soleil la naissante lumière :
 Le Chef des Portugais, vers les bords Africains
 Se dispose à guider sa cohorte guerriere.
 Gama, des Musulmans pressentant les desseins
 A crû dans leur conduite entrevoir du mystere,
 Mais il craint peu leur nombre, et trois frêles bateaux
 Contiennent sur leur bord l'escorte du heros.

86.

On distingue bientôt à l'entour de la baye
 Quelques Maures epars qui d'un air forcené
 Embrassent leurs ecûs, brandissant la zagaye,
 Ou font sifler au loin le dard empoisonné.
 Ils veulent éviter que leur nombre n'effraye
 Le Heros qui par eux doit être assassiné,
 Dans l'espoir d'entourer, sortant d'une embuscade
 Les guerriers irrités par leur lache bravade.

87.

Le Portugais voyait les Africains errants
 Suivre dans ses contours la plage sabloneuse,
 Leur hostile appareil, leurs gestes menaçants,
 Excitent au combat la troupe belliqueuse.
 A l'aspect detesté de ces fiers Musulmans
 Nul ne peut retenir son ardeur furieuse,
 Ils s'élancent ensemble, et chacun des Soldâts
 Est embrasé soudain de l'ardeur des combâts.

88.

C'est ainsi que l'on voit sur la sanglante arène
 Un jeune chevalier, bouillant, audacieux,
 Pour plaire à la beauté dont il porte la chaine
 Defier et braver un taureau furieux :
 Mais l'animal suivant la rage qui l'entraîne,
 Baisse son frou armé, mugit, ferme les yeux,
 Court, renverse, détruit, blesse, et se précipite
 Sur le foible ennemi dont l'audace l'irrite.

89.

Aussitot le fracas du canon eclatant
 Retentit, et le feu brille dans les chaloupes,

Les Maures consternés reculent ; à l'instant
 Le boulet sifle et tombe au milieu de leurs groupes ;
 La peur glace leur sang ; le Chef en combattant
 Veut en vain ranimer ses fugitives troupes ;
 Les plus audacieux ont terminé leur sort,
 Et le reste en fuyant se soustrait à la mort.

90.

Mais l'ardent Portugais, d'une victoire aisée
 Sur ces vils ennemis ne se contente pas,
 Il les poursuit encor, et leur ville embrasée
 De morts et de mourants n'est bientôt qu'un amas :
 La fureur des guerriers ne peut être apaisée,
 Le Maure veut en vain éviter le trepas ;
 L'air retentit des cris, des plaintes gemissantes ;
 Des vieillards, des enfants, et des meres tremblantes.

91.

De moments en moments vainement le fuyard
 Ajuste en s'arretant ses fleches acérées,
 Sans force et sans succès il décoche le dard,
 Et la terreur poursuit ces troupes égarées.
 De branches, de cailloux, qu'il saisit au hasard,
 Il arme vainement ses mains desesperées,
 Il cède enfin au sort, et traversant les eaux
 Abandonne cette isle aux conquerants nouveaux.

92.

L'un s'elance à la nage, et dans les almadies
 Le plus grand nombre court s'entasser à la fois ;
 Mais ils ne peuvent fuir, leurs forces engourdis
 Cedent, et les bateaux s'enfoncent sous leur poids.

De cadavres flotants les ondes sont remplies ;
 Les plaintes des mourans et leurs lugubres voix
 Resonent tristement sur ces plaines sanglantes
 Malgré le son bruiant des bombes éclatantes.

93.

Les guerriers de Lusuz, glorieux et vengés
 Apportent aux vaisseaux leurs nouvelles richesses,
 Sans crainte à l'avenir de se voir outragés
 Ils peuvent recueillir le prix de leurs prouesses.
 Et cependant punis ; mais non découragés,
 Leurs ennemis encor par de lâches adresses
 Esperent assouvir cette noire fureur,
 Qu'accroit le souvenir de leur dernier malheur.

94.

Bientôt un messenger du Chef de cette terre
 Vient parler aux vainqueurs, de paix, de repentir,
 Et sous le nom de paix, c'est une horrible guerre
 Que le traître en son cœur espere leur offrir.
 Complice de la trame et du cruel mystere
 Un guide par son ordre aussitôt doit venir,
 Qui du nouvel accord se livrant comme otage,
 En secret a juré ; d'assurer leur naufrage.

95.

L'amiral Portugais brule au fond de son cœur
 De poursuivre un projet que le Ciel favorise,
 Eole et l'Ocean secondent son ardeur,
 Rien ne s'oppose plus à sa noble entreprise ;
 Il accepte et la paix et le guide trompeur
 Qui sous un zele faux devant lui se deguise,
 Et deployant la voile, il vole au gré du vent
 Se confier encore à l'humide element.

96.

Ils s'éloignent de terre et bientôt à leur suite
 Les filles de Nérée entourent les vaisseaux,
 Elles ornent pour eux l'empire d'Amphitrite
 Et des fils de Lusus suspendent les travaux.
 Et cependant leur chef qu'un soin plus grand agite,
 Soupçonnant les desseins de ses laches rivaux,
 Sur ces bords inconnus interroge son guide
 Et cherche à pénétrer le cœur de ce perfide.

97.

Mais le Maure poursuit le projet detesté
 Que dicta de Bacchus la noire perfidie,
 Habile à se parer d'un air de vérité
 Il trompe les guerriers de la Lusitanie;
 Dans l'espoir que la mort ou la captivité
 Leur fermera bientôt la route de l'Asie;
 Et veut en écartant le doute et les soupçons
 Assurer le succès de tant de trahisons.

98.

Ourdissant pour les perdre une trame subtile
 Tel que jadis Sinon dans les murs Phrygiens,
 Il déclare à Gama, qu'il est près de cet île
 Un pays habité par des peuples chrétiens.
 Le guerrier qu'il séduit par cette ruse habile
 Promet au Musulman de le combler de biens
 Si par ses soins bientôt il parvient à connoître
 Le peuple supposé dont lui parle ce traître.

99.

Mais l'Africain suivant ses projets imposteurs
 Doit guider les vaisseaux de la Lusitanie

Vers des bords habités par les vils sectateurs
 Du prophete pervers qui soumit l'Arabie.
 Il espere en ces lieux reparer les malheurs
 De son prince, et servir sa basse jalousie ;
 Il sçait qu' à Quiloa de nombreux combattants
 S'armeront contre un peuple haï des Musulmans.

100, 101, et 102.

C'est ainsi que par lui cette troupe égarée
 Va trouver des perils, des obstacles nouveaux,
 Mais la belle Déesse à Paphos adorée
 Dans ce danger pressant protege les heros :
 Dociles à sa voix, les freres de Borée
 Exercent leur pouvoir sur l'Empire des eaux,
 Et leur fermant le port où tendait le pilote
 Les force à jeter l'ancre éloignés de la côte.

103.

Ils decouvrent au loin un vaste continent ;
 Plus près de leurs vaisseaux ils distinguent une isle,
 On la nomme Mombace, et la fureur du vent
 Et la fureur des flots respectent cet asile.
 Les regards sont frappés de l'aspect imposant
 Et des murs elevés de la superbe ville ;
 Le peuple y reconnoit un vicillard pour son roi
 Et du prophete Arabe il observe la loi.

104, et 105.

Les cœurs des Portugais s'ouvraient à l'esperance,
 Ils s'attendaient enfin à trouver sur ces bords
 Dans un pays soumis à leur sainte croyance
 Quelques moments de paix pour prix de tant d'efforts.

Mais bientôt de la ville un cortège s'avance,
 D'innombrables esquifs paraissent au dehors,
 Et c'est encor Bacchus et sa noire furie
 Qui prepare en ces lieux un autre perfidie.

106.

Helas foibles mortels, un malheureux destin
 Soufle nos passions, preside à nôtre vie!
 Il n'est point de desert ni d'asile lointain
 D'où nous puissions braver la fortune ennemie.
 Aveugles, entraînés à des travaux sans fin,
 En butte aux elements, à la guerre, à l'envie,
 Où fuir ? où nous sauver ? où rencontrer un port
 Tranquile et sans perils, pour attendre la mort ?

FIN DU PREMIER CHANT.

XXX

116

Alphabets.

Mais bientôt de la ville un cortège s'avance,
D'innombrables esprits paraisant au dehors,
Et c'est en ces lieux que se font les disputes,
Qui préparent à la mort le jour de la vie.

SCIENCIAS.

NOTAS

Il n'est point de deuil ni d'asile lointain
Sous nos passions, que nous ne voyions
Hélas ! les sables mortels, un malheureux destin

De Joaõ Manoel de Abreu sobre varios lugares da cen-
sura dos Redactores do Edinburgh Review aos Prin-
cipios Mathematicos de Joze Anastacio da Cunha,
para servirem de Supplemento ao Prologo da se-
gunda edição dos mesmos Principios.

(Continuadas de pag. 455.)

XXII.

“ O erro de introduzir demonstraçoens syntheticas se encontra ainda no livro 15.”

Joze Anastacio acertou *em introduzir demonstraçoens syntheticas* na theorica das fluxoens ; os outros hé que erraõ, e haõ de errar em quanto naõ seguirem o seu exemplo. E provo-o desta sorte.

A construcção geometrica das expressoens algebraicas depende da geometria elemental syntheticamente demonstrada. *Logo a construcção geometrica das expressoens differenciaes e fluxionarias deve igualmente depender da geometria differencial ou fluxionaria, syntheticamente demonstrada.* [Este argumento parece-me que naõ admite replica.] Ora nos compendios dos outros naõ há as proposiçoens de geometria differencial ou fluxionaria dos livros 15 e 16 do nosso Author [o que se colhe até da extranheza que cauzaraõ a M. P.] ; e os outros recorrem muitas vezes a construcçoens geometricas de expressoens differenciaes, naõ só para rezolver problemas, mas até para demonstrar theoremas de analyse infinitissimal, [por ex-

202

emplo De La Grange na demonstração da prop. 3 da nota XV] : Logo o geometra Portuguez acertou, e os outros erraõ, e haõ de errar em quanto não seguirem o seu exemplo. Isto hé incontestavel.

Com effeito eu não sei que haja compendio, nem mesmo tratado algum, excepto os Principios do nosso A., onde se encontre geometria fluxionaria, que mereça o nome de geometria rigorosamente demonstrada. E como a podia haver, se as definiçoens infinitissimas, donde os outros partem, ou são quimericas, ou não comprehendem senão fluxoens analyticas ? Huns definem metaphyzicamente, ou de huma maneira incompleta, os signaes dx , dfx , e os nomes correspondentes, sem se lembrarem das linhas, superficies, solidos, angulos, &c., que estes signaes podem, e costumaõ indicar ; e entaõ erraõ de ordinario na analyse, e sempre na synthese respectiva ; outros, conjurados contra a notação e nomenclatura primitivas, escrevem i e ifx em lugar de dx e dfx , sem darem nome algum a ifx ; nem tratarem i , se não como hum signal fugitivo, que ora apparece, ora desaparece, conforme se faz precizo, ou escusado nas demonstraçoens ; e nesse cazo erraõ infallivelmente quando recorrem a construcçoens geometricas. Entaõ não tem remedio, huns e outros, senão supprimirem a falta de definiçoens completas com hypotheses taõ absurdas como arbitrarías ; substituem, por exemplo polygonos á curvas, prismas á cylindros, polyedros á spheras, fios enrolados á fios estendidos, &c. &c !

Eis o que o nosso Portuguez vio e emmendou com as suas demonstraçoens geometricas dos livros 15 e 16. Em vez de accumular frases sobre frases, remontou a origem dos erros, conservando as denominaçoens usuaes em honra do Inventor, e contentando-se de definir os nomes e os signaes mais conhecidos, de sorte que comprehendessem, sem excepção, todos os objectos a que costumaõ applicar-se. Tal era o seu character ! Sem embargo de ser o primeiro, que tratou a geometria e calculos modernos com a clareza e rigor de demonstração dos antigos geometras, não se encontra, nem nos seus Principios, nem nos seus Opusculos, huma só palavra que accuse a mais leve pretensão de reformador. Pelo contrario

note-se a importancia que se tem dado certos authores de novas theoricar infinitissimae só pela grande façanha de substituirem nomes a nomes, e circumloçuoens a circumloçuoens. Faz lastima que hum grande geometra figure na dita conjuraçãõ contra a nomenclatura e notaçãõ antigas ; e por consequencia contra a memoria dos primeiros Inventores, &c. &c.

Indignor quando que bonus dormitat Homerus.

XXIII.

“ Notamos com tudo huma demonstraçãõ que tem merecimento, isto hé, que a serie infinita $Ax + Bxx + \&c.$ hé infinitamente pequena, quando x hé infinitamente pequeno. A prova hé satisfactoria, e nos julgamos nova.”

A demonstraçãõ da proposiçãõ 1 do liv. 15, que M. P. notou como nova e satisfactoria, tem na verdade merecimento. Mas a proposiçãõ em si mesma não hé nada ! Nem a applicaçãõ que o A. fez della á demonstraçãõ do calculo Differential, ou Fluxionario ? “ Este theorema, diz de La Grange Func. anal. No. 14, deve ser considerado como hum dos principios fundamentaes da theorica, que nos propomos rezolver : suppoem-se tacitamente no calculo Differential, e no das Fluxoens, e hé por este lado que estes calculos daõ lugar a objecçoens, maiormente na applicaçãõ aos problemas geometricos e mechanicos.” Com effeito se os primeiros inventores advertissem nos verdadeiros usos do dito theorema, em vez de recorrerem a infinitamente pequenos metaphysicos, e a quantidades nascentes e fenescentes, igualmente metaphysicas, ao menos estaria demonstrada desde a origem huma parte da theorica que J. A. demonstrou completamente. Tal hé a importancia da proposiçãõ de que se trata ! Por falta della, foi a verdadeira theorica do calculo differencial e fluxionario hum problema difficilimo, que occupou os geometras da primeira ordem desde Newton ate De La Grange. Com tudo, parece depois de vista, que não deveria haver coisa mais facil de

descobrir: deduz-se de huma simples divisaõ algebraica [Nota XV.]; e ate se pode chamar hum corollario immediato da proposiçaõ d'Euclides; *se de huma grandeza se tirar naõ menos de metade; e do resto naõ menos de metade; assim por diante, ter-se há hum resto taõ pequeno como se quizer.* E levou tanto tempo a ver, e sobre tudo a applicar! Taõ vagaroza hé a marcha do espirito humano, por mais sublime que elle seja, nas vizinhanças de maximo em perfeiçaõ, seja em que assumpto for.

Mas tornando á importancia que De La Grange dá ao dito theorema nas suas funcçoens analyticas, naõ posso deixar de notar, que, em vez de applicallo de huma maneira expressa e regular, como J. A. faz nos seus principios, recorra frequentes vezes a appareçoens e desappareçoens arbitrarias da letra i , que podem ser absurdas em infinitos casos. Seja por

exemplo $i = \frac{x}{1}$, e x a distancia entre qualquer curva e

a sua asymptota: i poderá ser infinitissimo, mas nunca igual a 0. Eis a razao porque J. A. evitou constantemente em todas as suas demonstraçoens syntheticas hum laconismo, que naõ aclara, nem abrevia nada: em quanto os outros desperdiçaõ frases inutilmente, resumme elle o seu discurso, citando a prop. 1. do liv. 15.—Mas quando se suppoem $i = 0$, e, p , q , &c. independentes de i , que erro pode rezultar de se suppor tambem $pi + qi + \& = 0$? Nenhum, ou quazi nenhum na pratica; e até concedo que hum semelhante erro se pode tolerar em meras investigaçoens analyticas: porem quando se trata de demonstraçoens syntheticas, onde o mais leve erro deve reputar-se erro notavel, entaõ naõ hé licito, suppor $i = 0$ em todos os casos, por isso mesmo que pode

alguma vez ser $i = \frac{x}{1}$, e x infinitissimo, sem ser 0.

XXIV.

“O A. não falla de trigonometria até ao livro 16, e entaõ mesmo falla somente de trigonometria analytica, e não daquella em que se trata da resolução arithmetica dos triangulos planos, e sphericos.”

A doutrina do livro 16 hé concebida em toda a sua generalidade, e segundo eu entendo, convem-lhe menos a denominação vulgar de analyse *trigonometrica*, que o titulo de *theorica das funcçoens circulares*, analyticas e geometricas, communs e fluxionarias, expressas, ora em termos finitos, ora em series infinitas. Logo o A. não devia fallar de semelhantes funcçoens se não depois do livro 15. — Advirta-se alem disto, que a parte arithmetica de trigonometria plana e spherica não entra na classe do que o A. entendia por *principios mathematicos*: constitue hum ramo extensissimo, cuja difficuldade e utilidade practicas senaõ concebem sufficientemente bem, se não nas applicaçoes á mechanica, astronomia, e navegaçãõ. Logo o A. devia deixar este ramo ás aulas de practica, de que acima fallamos Nota I, e limitar-se no liv. 16, á parte theorica, que coube e devia entrar no systema dos seus principios. Nos compendios ordinarios hé que a parte arithmetica, de que falla M. P., interrompe a cada passo a theoria, de sorte que o discipulo passa antes de tempo pelo improbo trabalho de tentar huma, sem nunca poder avaliar ao justo a verdadeira extençãõ da outra. Quanto mais acertado o plano do nosso Author! Os seus discipulos, ao mesmo passo que medem elo por elo a cadea dos seus principios, habilitaõ-se para consultar livros de practica, ou no decurso, ou no fim do primeiro tempo lectivo, conforme a capacidade e diligencia de cada hum.—O mesmo digo dos outros livros: o A. não ajunta nunca operaçoes arithmeticas senaõ quando ellas mesmas ajudaõ a evidencia das regras em que se fundaõ. Logo o que se figurou defeito a M. P. hé mais huma perfeiçãõ da Obra.

XXV.

“ No livro 17 trata-se, &c. &c. e do Raio de curvatura.”

Jozé Anastacio foi o primeiro que demonstrou geometricamente a doutrina do *Raio de curvatura*: até ao seu tempo todos recorrião [sem exceptuar Huygens e Newton] a hum fio ora involvido, ora estendido; isto hé, a axiomas mais mecanicos que geometricos, para suppirem a falta de definiçãõ fundamental. Com tudo a definiçãõ que J. A. adoptou não me parece bem escolhida: satisfaz hé verdade á condiçãõ essencial de comprehender toda a theoria; porem não se deduz immediatamente da experiencia, quero dizer da construcçãõ mecanica das duas curvas, condiçãõ taõ essencial como a precedente. As definiçoens seguintes satisfazem com igual rigor á huma e outra condiçãõ. 1. Se duas curvas postas no mesmo plano forem taes, que toda a recta perpendicular a huma seja tangente á outra, chamaõ-se aquella *evolvente*, e esta *evoluta*. 2. A recta terminada entre a evolvente e a evoluta, perpendicular á huma, e tangente á outra; o ponto de contacto; e o circulo que deste ponto com a dita recta se descrever, chamaõ-se *rayo*, *centro*, e *circulo de curvatura* da evolvente, no ponto commum a ella e ao circulo de curvatura.

Naõ ajunto aqui a theoria correspondente á estas definiçoens, porque seria deslocada: mas posso afirmar que hé taõ rigorosa como a do Author, e summamente mais facil e mais breve. Tal hé a importancia das definiçoens fundamentaes. Cada vez me parece mais provavel que em cada theoria não pode haver senão huma, que seja exacta.

XXVI.

“ O livro 20 contem a doutrina das differenças finitas.”

No estylo do A. basta dizer *doutrina das differenças*, porque os signaes Dx , Dfx , ou dx , dfx costumão applicar-se a objectos do mesmo genero, grandes ou pequenos, finitos ou infinitesimos, segundo a occaziaõ o pede. Assim o *calculo das differenças* não se destingue do das *fluxoens*, em tratar hum de expressoens finitas, e o outro de expressoens infinitesimas: esta distincção seria falsa: a differença especifica entre os dous calculos consiste

$$Dfx$$

em ser $\frac{Dfx}{Dx}$ variavel, postas as condiçoens da def. 4

$$Dx$$

$$dfx$$

do livro 15; e $\frac{dfx}{dx}$ constante, postas as mesmas con-

$$dx$$

diçoens. Esta reflexaõ [mais circunstanciada] accabaria de dar á def. 4 toda a evidencia Logica de que huma definição qualquer hé susceptivel: porem a dita definição não carece de mais apologias; o que eu quero concluir hé, que a denominação vulgar *doutrina das differenças finitas* hé vicioza, e pode induzir em erro os principiantes; por isso mesmo que traz a sua origem das ideas metaphysicas que se formaraõ ao principio dos objectos designados por dx e dfx . Basta pois dizer *doutrina das differenças*. Donde se colhe que a escacez de termos do nosso Author, bem longe de ser originalidade de capricho, depende muitas vezes da mais fina e severa critica.

XXVII.

“ O livro 21 demonstra diversas proposiçoens, de que se trata nos livros precedentes, como por exemplo as investigaçõens da Regra de Cardan, do Theorema Binomial e de certas expressoens rela-

lativas ás fluentes...tambem include os difficeis problemas, chamados dos *Isoperimetros*.”

Ja vimos, Nota XVII, que a demonstração da Regra de Cardan, e dos theoremas binomial e logarithmico, não depende das investigações 5 e 6 do livro 21: resta agora mostrar que a demonstração das doze primeiras formulas do livro 18 não depende da investigação 7 do liv. 21.

Temos pela def. 5, liv. 15 que, *toda a grandeza se chama fluente da sua fluxão*: logo para demonstrar que F he fluente de f , he preciso ver se $dF = f$. Tal he a demonstração propria das ditas formulas; e substituir qualquer outro methodo de demonstração seria não entrar no espirito da obra do que se trata. He portanto evidente que o A. omittio de proposito as operações indicadas pela formula $dF = f$, com o fim de abreviar o liv. 18, e tambem de deixar ao Mestre, com que entreter a attenção dos discipulos, accostumando-os ás operações ordinarias do calculo das fluxões. Com tudo agora vejo pela equivocação em que cahio M. P., e em que todos cahirão facilmente á primeira vista, que o A. teria feito melhor se no fim das ditas formulas do livro 18, puzesse a seguinte advertencia.

Adv. As doze formulas precedentes investigão-se pelo methodo da prop. 7, do liv. 21; mas demonstra-se fluxionando os seus segundos membros, e observando que a fluxão de cada hum se reduz a $x^m R^p dx$ [def. 5, liv. 15.]

N'humia palavra, o liv. 21 não he senão hum appendix, cujos elementos se podem espalhar pelos livros precedentes, ou mesmo omittir como cada hum quizer. Note-se todavia que, espalhados pelos outros livros, não serviriaõ, senão de interromper a cadeia, que o A. tinha em vista ligar e resumir; e que, ordenados e reunidos no fim da obra, offerecem ao Mestre outros tantos assumptos fecundissimos, de que pode e deve servir-se para experimentar e a destriar as faculdades intellectuaes dos seus melhores discipulos. O A. innicia-os no methodo d'invenção, desde o livro 7, isto he, desde os primeiros rudimentos das mathematicas puras; agora no liv. 21 faz o mesmo, depois de lhes haver ensinado a demonstrar pelo me-

thodo dos antigos, a geometria e calculo modernos. Nos primeiros livros escreveu para quaesquer discipulos; no fim contemplou, como devia, somente os da primeira ordem. Ninguem ha aquiem não convênha discorrer com methodo: mas nem todos carecem de saber a integraçã da catenaria [prop. 18, liv. 18]; nem a soluçã do problema dos Isoperimetros, [prop. 14, liv. 21.]

A respeito de *Isoperimetros* não devo omittir huma reflexã semelhante aquella que fiz relativamente a denomiuaçã *differenças finitas* do livro 20, Nota XXVI.—O livro 19, [que M. P. saitou completamente] contem os verdadeiros elementos do calculo moderno, chamado das variaçoens, e com tudo o A. não se servio da palavra *variaçã*, nem ali, nem no livro 21, nem mesmo em hum dos seus opusculos, intitulado *solution du probleme des Isoperimètres*, onde censura varios principios em que Euler, de La Borde, e de La Grange fundaraõ as suas soluçoens e demonstraçoens do mesmo problema. Donde vem huma excluzã tão importante, e tão evidentemente deliberrada? O A. não o diz em parte alguma dos seus escriptos. Mas eis aqui o meu parecer. Pensou, provavelmente, que a dita palavra poderia induzir em erro os principiantes fazendo lhes crer que huma *variaçã* não he huma *fluxã*: n'huma palavra, assentou que a nova *denominaçã* calculo das variaçoens, fora inventada antes de se saber a verdadeira theorica do *calculo fluxionario, ou differencial*. “As diversas maneiras, diz de La Grange, de estabelecer e expor os principios do calculo fluxionario, e até mesmo as *denominaçoens* desta doutrina mostraõ, segundo o que me parece, que, posto que existissem ja as regras as mais simples e commo/las para a execuçã das operaçoens respectivas, ainda senão tinha entrado na verdadeira theorica do dito calculo.”

Outra reflexã, e temos concluido.—J. A. quando escrevia a sobredita memoria, estava persuadido que a sua nova e engenhosissima soluçã do problema dos Isoperimetros, [prop. 14, liv. 21.] era exacta, ou pelo menos mais exacta que as de Euler, de La Grange, Maclaurin, de La Borde, &c. &c., então porque motivo lhe negou elle no livro 19 o lugar, que lhe com-

petia de theorema rigorosamente demonstrado? O A. tambem não sei que desse a alguém a razão disto. Porem colhe-se facilmente do que fica dito acerca das proposições precedentes. Com effeito a demonstração da prop. 14, em vez de depender unicamente das definições respectivas, tambem depende d'este axioma, que *duas linhas que tendem continuamente ao parallelissimo são por fim parallelas*. Logo pertence á ordem inferior das investigações do livro 21. Tal he o systema da obra de que se trata, e tal he a originalidade de methodo que M. P. reprova!

XXVIII.

“A obra a que esta, que temos presente, pode mais facilmente comparar-se he o tratado elementar do Abbade de La Caille.”

Semelhantes comparações não se podem sujeitar á hum exame regular e completo; por que dependem as mais das vezes do capricho e humor de quem as faz. Ninguem duvida que de La Caille escolhesse e proporcionasse melhor que todos os elementistas seus predecessores, as materias e dimensões do seu compendio; quero dizer a serie de principios, que se podem racionavelmente explicar e comprehender no curto espaço dos primeiros dous annos lectivos de hum curso mathematico; e não se pode negar que as suas *Lições Elementares* se distinguem sobre maneira entre a esteril abundancia de compendios, que tem apparecido desde a invenção da analyse moderna até o presente. Mas não acho na sua obra, e na de que se trata, sufficiente homogeneidade para as por em paralelo. Que tem de commum a geometria d'Euclides e a de Claireau? A Arithmetica de Newton e a de Bezout? A Astronomia de La Caille, e a de La Place, &c. &c.? Coiza nenhuma, excepto os nomes. O mesmo diria eu dos Principios Mathematicos de J. A. e das lições elementares de La Caille. A primeira destas obras, puramente theorica, respira o gosto dos antigos geometras; na segunda theorica pratica predomina o dos modernos. Esta he fundada na arithmetica vulgar; aquella nos Elementos d'Eu-

clides. O Geometria Portuguez foi obrigado a adoptar na sua obra huma ordem, estylo, e methodo de demonstraçoã taõ originaes como os estreitos limites della. Está claro que o seu fim foi incluir em hum pequeno volume a carta reduzida das verdades Mathematicas mais prominentes deste a primeira idea de grandeza até as ultimas proposiçoens da geometria e calculo modernos. Por tanto a ordem das materias he tal, que nenhuma parte dellas cruza, interrompe, ou atraza a marcha das outras. O estylo he simples, e uniforme: nada de preambulos, nem de reflexoens obvias; o A. não curou senaõ de brevidade, e de exacçaõ. Pode-se dizer que a sua obra não consta se não de formulas; humas algebricas, outras verbaes. O methodo de demonstraçoã he tal que M. P. não notou hum só paralogismo em toda a obra. Pelo contrario as Liçoens Elementares, presuppõdo igualmente hum explicador experto, contem preambulos excuzados, e applicaçoens faceis; alem de demonstraçoens deffeituozas, e theorias imperfeitissimas. O estylo he vario e abundante; a ordem perturbada; e o methodo irregular. Assim parece-me que as duas obras se não podem comparar facilmente, nem em grosso, nem por miudo.

XXIX.

“ O Author Francez não apprezenta tanta originalidade de methodo como o Mathematico Portuguez, e a este respeito a sua obra he talvez mais util.”

Outra comparaçoã equivocada, ou arriscada? Não seria melhor dizer que qualquer dos dous authores tem o seu merecimento proprio? O discipulo de La Caille deve lêr os Principios Mathematicos, se quizer aprender a demonstrar, e conhecer a distancia mais curta entre cada definiçoã fundamental, e o ultimo theorema que depende della. O discipulo de J. A. deve ler de La Caille, se quizer adiantar-se em practica, adquirir ideas, &c. &c. Mas advirta-se que o discipulo de J. A. hade ler sem custo as liçoens Elementares, em quanto o discipulo de La Caille talvez se disgoste dos Principios Mathematicos; por-

que o nosso espirito passa com difficuldade de hum trabalho mais leve a outro mais pezado : quem se habitua a ler romances soffre de ma vontade livros de historia. Dahi vem a maxima de Bacon : *Hominum intellectui non plumæ addendæ, sed potius plumbum et pondera.*

XXX.

“ As liçoens Elementares são o melhor Compendio de Mathematicas, que ategora tem apparecido do mesmo tamanho ; e collocar os Principios Mathematicos em segundo lugar depois do Tratado do Abbade La Caille, he fazer-lhes hum alto elogio.”

Certámente o elogio he extraordinario e do melhor agoiro para o credito do nosso author. Se o seu compendio fez no espirito de M. P. huma impressão tão favoravel, apezar dos defeitos que lhe achou na primeira leitura ; se o poem em segundo lugar depois do melhor tratado que se conhece da mesma especie, sem embargo das novidades que lhe escaparaõ, e dos livros que saltou, &c. &c. que será quando ler segunda vez a obra inteira, quando os defeitos diminuirerem, e as novidades augmentarem ?

Entretanto seria de dezejar que o Leitor imparcial não puzesse huma obra em segundo lugar depois da outra, antes de as ler ambas e as presentes Notas com attenção.

CONTINUAÇÃO

Dos Extractos dos Elementos de Chimica, concernente à agricultura, &c. &c.

POR SIR HUMPHREY DAVY.

(Continuados de pag. 461.)

ESTERCOS PARTICULARES.

Visto que diferentes estercoas contem diversas proporçoens de elementos necessarios para a vegetação, elles requerem por isso hum manejo differente; a fim de que possaõ produzir os effeitos que delles se esperaõ. Portanto descreverei com miudeza as propriedades, e natureza dos estercoas, commummente uzados; e ao mesmo tempo farei algumas observaçoens geraes sobre o melhor modo de os preservar, e de applica-los.

Todas as plantas verdes e sucozas contem materia Sacarina ou mucilaginoza com fibra lignea; e fermentaõ-se rapidamente. Por tanto, se acazo intentarmos adubar com ellas as terras, devemos emprega-las o mais cedo possivel depois da sua morte. Quando quizermos fertilizar os terrenos por meio de *colheitas**, *verdes*, he necessario, que as introduzamos nas terras, quando estiverem em flor, ou quando esta principiar a abrir-se; pois que neste periodo ellas contem a maior quantidade de materia facilmente solavel, e as suas folhas estaõ no estado mais activo de formar materia nutritiva. Colheitas verdes, erva ruim, que existe nos tanques, as aparas de sebes e de plantas que se achaõ nos regos, ou outra qualquer sorte de materia vegetal fresca naõ necessitaõ de

* Em Inglez *green crops* assim chamadas por serem compostas deervas artificiaes, nabos, couves, ervilhaca, e outras semelhantes.

preparação alguma, para serem usadas como adubos. A decomposição procede vagarosamente debaixo do terreno; as materias soluveis sao gradualmente dissolvidas, e a pequena fermentação, que existe, sendo reprimida pela falta de communicação livre com a atmosfera faz, com que a fibra lignea se torne solavel, sem ao mesmo tempo occasionar a dissipação de materia elastica.—Quando pastos velhos são convertidos em terras lavradas, o terreno tem sido enriquecido não só pela morte e putrefacção vagarosa das plantas, que tem deixado no terreno materias soluveis; mas tambem as folhas e raizes das ervas, (que ainda vivem, e occupão huma tam grande parte da sua superficie,) produzem materias sacarinas, mucilaginosas, e extractivas, substancias estas, que immediatamente constituem o alimento das colheitás; e a sua decomposição gradual suppre o nutrimento por annos successivos. “ Rape cake*,” com o qual se adubaõ terrenos com grande successo, contem grande quantidade de mucilagem, alguma materia albuminosa, e huma pequena porção d’oleo. Este adubo deve ser usado fresco, e conservado o mais secco possivel antes de ser usado. Forma hum excellente terreno para nabos, e o modo mais economico de o applicar he lançando-o ao mesmo tempo com as sementes. Quem quizer ver este processo em perfeição deve attender á tosquia annual de M. Coke em Hólkham. “ Malt dust†” consta principalmente da radícula nascente separada do grão. Eu nunca fez experiencias sobre este adubo, mas mui provavelmente conterà materia sacarina; e isto explanara a causa dos seus poderosos effeitos. Tambem devemos fazer uso d’elle no estado mais secco possivel, e ao mesmo tempo prevenir a sua fermentação. “ Linseed cake‡” he hum alimento tão util para o gado, que não podemos

* Significa o residuo que fica depois que o oleo he extrahido das sementes do nabo bravo (napus rapa).

† Malt dust—o pó que sahe da cevada fermentada no processo de fazer cerveja.

‡ Linseed-cakes—bolos que restaõ depois de espremer-se o oleo das sementes do linho.

convenientemente emprega-lo como adubo; a *analysis* das sementes do linho foi referida na terceira leitura. A agoa, em que linho commum, e linho canamo são macerados a fim de obter-se a fibra pura vegetal, tem hum grande poder fertilizante. Parece conter huma substancia analogo ao albumen, e juntamente grande porção de materia vegetal extractiva. Apodrece em mui pouco tempo. Hum certo gráo de fermentação he absolutamente necessario para obter o linho, e linho canamo no seo proprio estado; por tanto logo que a fibra vegetal for removida, devemos esterçar as terras com a agoa, em que estes tem sido macerados. — Sebas consistindo das differentes especies de fuci, algo, e confervæ, são frequentemente applicadas como esterco nas costas do mar da Gram Bretanha e Irlanda. Digerindo em agoa quente o fucus commum, que he a seba mais abundante na nossa costa, eu obtive d'elle $\frac{1}{4}$ de huma substancia gelatinosa, cujas propriedades eraõ semelhantes as da mucilagem. Huma porção do mesmo distillada deo quasi $\frac{2}{3}$ do seo peso d'agoa; mas não ammonia; a agoa teve hum gosto empyreumatico, e hum tanto acido; as cinzas contiverão sal commum, carbonato de sòda, e materia carbonacea. A materia gasosa produzida foi em pequena quantidade; e esta constou principalmente d'acido carbonico, e do oxido gasoso de carvão, com huma pequena porção de hydrocarbonato. Este adubo he transitorio nos seos effeitos, e não prodnz mais, que huma colheita; a razão disto pode-se facilmente assignar considerando, que elle contem grande quantidade d'agoa, ou dos elementos desta. Apodrece sem cauzar calor, quando he exposto a atmosfera, e parece, para assim dizer, derreter-se e dissolver-se. Eu tenho visto hum grande montão desaparecer inteiramente em menos de dois annos, não deixando residuo algum, senão huma pequena quantidade de materia fibrosa, e negra. — Palha secca de trigo, avea, cevada; favas e ervilhas, feno corrompido ou outra qualquer sorte semelhante de materia vegetal secca forma sempre hum bom adubo. Geralmente deixaõ-se fermentar estas substancias antes de serem usadas; com tudo he duvidoso se

devemos praticar este methodo indiscriminadamente. De 400 grãos de palha secca de cevada eu obtive oito grãos de materia soluvel n'agoa, a qual tinha huma cor escura, e hum sabor semelhante ao da mucilagem: 400 grãos de palha de trigo produzirão a mesma substancia. Não ha duvida, que a palha de differentes colheitas sendo immediatamente introduzida no terreno ministra nutrimento ás plantas, porem applicada deste modo he inconveniente em consequencia do seo comprimento, e da immundicia que occasiona na lavoura; se a deixar-mos fermentar, fica entãõ mais appropriada, para com ella adubarmos as terras; com tudo por este meio vem-se a perder grande quantidade de materia nutritiva. He provavel que a primeira colheita produzida deste esterco seja excellentè, não obstante a terra não recebe tanto beneficio como se acaso a materia vegetal podessè ser bem dividida e misturada com o terreno. — Palha, que se não ha de mister, he frequentemente levada ao munturo, a fim de fermentar-se, e decompor-se; porem he digno de experimentar-se se acaso não seria mais economico o usarmos della, depois de cortada por hum proprio engenho; e conserva-la secca até quando houver necessidade da sua applicação. Neste caso, ainda que a sua decomposição seria mais vagarosa, e por consequencia a sua utilidade menor no principio, com tudo a sua influencia seria muito mais duravel. — As unicas substancias vegetaes, que parecem requerer fermentação, a fim de serem convertidas em alimento proprio das plantas, são aquellas, que constaõ de huma materia meramente fibrosa. O residuo das cascas depois do cortimento dos coiros he huma substancia desta qualidade. — “Inert peaty matter,”* he semelhante na sua natureza. Continua exposta ao ar e agoa sem soffrer mudança alguma; e neste estado suppre as plantas com mui pouco ou nenhum nutrimento. — Cinzas de lenha, quando esta não tem sido muito queimada, e por consequente contendo grande porção de carvão, tem sido utilmente usadas como adubo. Huma parte dos seos effectos talvez proceda do consumo vagaroso, e

* Assim se chama a parte fibrosa dos vegetaes, destituidos de todos os seos principios nutritivos.

gradual do carvão, o qual, mesmo sem passar pelo processo de combustão, pode absorber oxygenio, e converter-se em acido carbonico. — Estercos derivados das substancias animaes podem-se geralmente applicar ás terras sem necessitar de alguma preparação chimica; o que o layrador deve fazer he mistura-las bem com os ingredientes terreos, e prevenir a sua mui rapida decomposição. As partes inteiras dos musculos de animaes terrestres não são communmente usadas como esterco, aiuda que ha muitos casos em que isto poder-se-hia fazer com facilidade. Cavallos, caens, veados, carneiros e outros quadrupedes, que tem morrido accidentalmente, ou de doenças, depois de separadas as suas pelles são frequentemente expostos ao ar, ou mergulhados n'agoa ate serem devorados por aves, e animaes de rapina; ou inteiramente decompostos; e neste caso a maior parte da sua materia organizada he absorbida pelo terreno, onde jazem; e huma porção consideravel he consumida pela exhalação de gases nocivos á atmosfera. Se porem cobrissemos animaes mortos com huma porção de terra cinco ou seis vezes superior ao seo volume, lançando ao mesmo tempo huma parte de cal; e os deixassemos assim ficar por huns poucos de mezes; a sua decomposição communicaria á terra as materias soluveis á ponto de converte-la em hum esterco excellente, e misturando com a mesma hum pouco de cal viva, quando fosse removida, preveneriamos por este modo em grande parte os seus vapores desagradaveis, e poderiamos utilizar-nos deste esterco da mesma sorte, que outro qualquer adubo. — Peixe em qualquer estado, que seja applicado, forma hum poderoso esterco, porem quanto mais fresco melhor será; e a sua quantidade deve ser limitada. M. Young relata huma experiencia, em que barenques espalhados sobre hum campo e introduzidos no terreno para producção de trigo, produziraõ huma seara tão exuberante, que antes da sega estava inteiramente acamada. Do numero das substancias oleosas os residuos, que ficaõ das materias, que se empregão na manufactura de velas de cebo, e do azeite de peixe, se usaõ para adubar as terras. A utilidade, que delles resulta, he no maior gráo, quando são misturados com o terreno de

tal sorte, que apresentem huma superficie extensa á atmosféra, pois que deste modo formar-se-hão delles materias soluveis em consequencia da acção do oxygenio, que existe no ar. Lord Somerville usou os sobejos da manufactura do azeite de peixe na sua fazenda em Surry: a ditta substancia foi coberta com montoes de terra, e reteve os seus poderes fertilizantes por varios annos successivos. O carvão, e hydrogeneo, que abundão em substancias oleosas, explanaõ claramente os seus effeitos; e a sua duracão procede do ar, e agoa produzirem nellas huma mudança gradual.—Ossos usaõ-se muito como adubo na vizinhança de Londres. Depois de serem quebrados, e cozidos, para delles se extrahir gordura, sãõ vendidos ao lavrador. Quanto maior he o seo estado de divisãõ, tanto melhores sãõ os seus effeitos. A despeza, que resultaria de moer-los, seria provavelmente paga pelo augmento dos seus poderes fertilizantes; e reduzidos a pó poderiaõ ser usados no “Drill husbandry*,” e lançados com a semente da mesma forma, que se faz com a semente do *nabo-bravo*. Pó, e lascas d’ossos, refugos da manufactura de torrear, se podem utilmente empregar da mesma forma. A base dos ossos he composta de saes terreos, principalmente de phosphato de cal, com alguma porçaõ de carbonato de cal, e phosphato de magnesia; e as suas substancias, que facilmente se podem decompor sãõ gordura, gelatina, e cartilagem, a qual parece ser semelhante á albumen coagulada.—Cabello, trapos de pano de lam, e pennas sãõ analogas em composiaõ, e consistem principalmente de huma substancia semelhante ao albumen, misturada com a gelatina. O que tem mostrado as engenhosas investigaçõens de M Hatchett. A theorica da sua operaaõ he semelhante á das lascas d’ossos, e cornos. Os refugos das manufacturas de pelle e coiro formaõ excellentes adubos; taes como as aparas de pelles surradas, as cercaduras das martas, os sobejos dos cortúmes, e dos factores de cola. A gelatina

* Lavoura assim chamada, a qual consiste em semear, ou plantar graõs, e outras sementes, ou raizes, com hum proprio instrumento d’agricultura, em fileiras regulares, em lugar de lanca-las promiscuamente com a maõ.

contida em todas as sortes de pelles esta em estado proprio para dissolver-se ou decompor-se gradualmente, e quando he introduzida no terreno dura por muito tempo, e suppre sem intermissaõ com materia nutritiva as plantas, que lhe estaõ visinhas. O sangue contem certas porçoens de todos os principios, que se achaõ nas outras substancias animaes; a sua utilidade como adubo he por consequente evidente. Ja temes mencionado, que contem fibrina; tambem possui albumen: as particulas vermelhas (cuja cor muitos Chimicos estrangeiros tem supposto proceder do ferro em hum estado particular de combinaçaõ com o oxygenio, e materia acida) M. Brande julga constar de huma substancia animal particular contendo mui pouca porçaõ de ferro. A escuma, que se tira das caldeiras dos refinadores d'assucar, e a qual se usa para adubar terras, consiste principalmente de sangue de bezerro, que tem sido applicado para separar as immundicias do assucar mascavado por meio da coagulaçaõ da sua materia albuminosa pelo calor da caldeira.

De todas as materias excrementicias, que se applicaõ como adubos, a urina he sobre aqual tem-se feito o maior numero de experiencias, e cuja natureza he melhor sabida. A urina de vaca contem, conforme as experiencias de M. Brande.

	Partes.
De agoa - - - - -	65
— phosphato de cal - - - - -	3
— muriato de potassa e ammonia - - - - -	15
— sulphato de potassa - - - - -	6
— carbonatos, e potassa e ammonia - - - - -	4
— urea - - - - -	4

A urina de cavallo segundo Fourcroy e Vauquelin contem

	Partes.
De carbonato de cal - - - - -	11
— carbonato de soda - - - - -	9
— benzoato de soda - - - - -	24
— muriato de potassa - - - - -	9
— urea - - - - -	7
— agoa e mucilagem - - - - -	940

Alem destas substancias M. Brande descobrio phosphato de cal.—A urina de burro, de camelo, de coelho, e galinhas tem tambem sido analysada, e tem-se achado ser semelhante na sua composiçãõ. Da urina do coelho ; em addiçãõ aos outros ingredientes acima mencionados, Vauquelin obteve gelatina ; e o mesmo Chimico descobrio acido urico na urina de galinhas. A urina humana contem huma maior variedade de substancias, que outra qualquer especie, que se tem examinado ; achaõ-se nella—urea, acido urico, e outro acido analogo á este em composiçãõ chamado acido rosacico, acido acetico, albumen, gelatina, huma materia resinosa, e varios saes. Das substancias excrementicias solidas applicadas como adubos huma das mais poderosas he o esterco de passaros, que se sustentaõ d'alimento animal, particularmente o esterco de passaros marinhos. O *guano*, que se usa em grande quantidade na America do sul, e que he o adubo, que fertiliza as planicies estereis do Peru, he huma producçãõ desta sorte. M. Humboldt nos informa, que este existe em grande abundancia nas pequenas ilhas do mar do sul, em Chinche, Ilo, Iza, e Arica, 50 embarçaõens saõ annualmente carregadas desta substancia, cada huma das quaes leva de 1500 ate 2000 pes cubicos. Usa-se unicamente em pequenas quantidades, e em particular para as colheitas de milho. O esterco de passaros maritimos parece-me, que não tem sido empregado neste reino como esterco, mas provavelmente mesmo o terrenno das pequenas ilhas da nossa costa, muito frequentadas por elles, será fertilizante. Huma porçãõ de esterco de passaros marinhos, trazida de huma rocha na costa de Merionethshire, teve sobre ervas hum effeito poderoso, mas transitorio ; foi experimentada, em consequencia de sugestaõ minha, por Sir Robert Vaughan em Nannau. O excremento humano, he assas sabido, que he hum excellente esterco, e muito apto a decompor-se. Os seos ingredientes variaõ, mas sempre contem grande porçãõ de substancias compostas de carvaõ, hydrogenio, azote, e oxygenio. Segundo a analysis de Berzelius, parte deste he sempre solvel n'agoa ; e em qualquer estado em que se ap-

plica, seja fresco ou fermentado, supprime as plantas com grande quantidade de alimento.

O esterco de pombos he o segundo quanto ao poder fertilizante, depois do esterco humano. De 100 grãos de esterco de pombos digeridos em agua quente por algumas horas eu obrive 23 grãos de materia solúvel; a qual sendo distillada produzio grande porção de carbonato d'ammonia; e o residuo constou de materia carbonacea, materia salina, principalmente sal commum, e carbonato de cal.

O esterco de pombos, quando está humido, fermenta-se rapidamente, e depois deste processo contem menor quantidade de materia solúvel, que anteriormente: 100 partes de esterco de pombo fomentadas renderão-me meramente oito partes de materia solúvel, aqual deo na sua distillação proporcionamente menos carbonato d'ammonia, do que esterco de pombos fresco. O esterco de galinhas aproxima-se muito na sua natureza ao esterco de pombos. Contem acido urico. Produz na sua distillação carbonato d'ammonia, e com celeridade communica materia solúvel á agua. He mui apto a fermentar-se. Esterco de gado grosso, tal como bois e vacas, tem sido chimicamente examinado por M. M. Einhof e Thaes: elles acharão esta substancia conter materia solúvel n'agua, e que a sua fermentação deo quasi os mesmos productos, que as substancias vegetaes, absorbendo oxygenio, e produzindo acido carbonico. O esterco de gado miudo tal como gado ovelhum, veados cervas e corças, &c. produz, quando he fervido n'agua, materias solúveis, as quaes igualaõ, de 2 ate 3 per cento do seo peso. Eu tenho examinado estas substancias solúveis procuradas por soluçãõ, e evaporaçãõ; ellas contem huma porçãõ mui pequena de materia analoga ao muco animal, e são principalmente compostas de hum extracto amargoso, solúvel tanto n'agua com em alcohol. Produzem na sua distillação fumos ammoniacaes, e parecem differir mui pouco em composiçãõ humas das outras. Eu reguei algumas asteas d'ervas por varios dias successivos com huma soluçãõ destes extractos; ellas tornaraõ-se consequentemente mais verdes, e creceraõ mais viçosas, do que ervas situadas nas mesmas circumstancias, as quaes porem não foraõ

regadas com a mesma soluçãõ. A parte insolúvel n'agõa, que se obtem dos esterco de gado grosso e muido, parece ser meramente fibra lignea, e he precisamente analogã ao residuo, que fica depois de extractadas as materias soluveis dos vegetaes, os quaes formãõ o sustento do ditto gado. Do esterco de cavallo obtem-se hum fluido escuro, o qual sendo evaporado produz hum extracto amargoso; este ultimo exhala fumos ammoniacaes mais copiosamente, que o extracto de esterco de boi. Se acaso quizermos adubar as terras com o esterco puro de gado da mesma maneira, que fazemos com outros esterco acima mencionados, não ha motivo algum, para que o deixemos fermentar, excepto no terrenno; porem a assim fazermos devemos continuar este processo so por pouco tempo. Ervas situadas onde ha esterco fresco são sempre inferiores e de huma cor verde escura; alguns tem attribuido isto á huma qualidade nociva, que o esterco possui antes de ser fermentado; mas parece proceder antes do excesso de alimento, que as plantas recebem. He porem tratando de esterco compostos, que devemos entrar na questãõ relativamente ao proprio modo de applicar o esterco de gado, e cavallos; pois que este he geralmente misturado no pateo da caza do lavrador com palha, grãça, refugos de substancias animaes, &c. e em si mesmo contem huma grande porçãõ de materia vegetal fibrosa. No principio huma pequena fermentaçãõ no monturo he sem duvida proveitosa, visto que por meio della a fibra lignea adquire huma tendencia a apodrecer, e dissolver-se, quando he levada ao campo e introduzida no terrenno; e de mais fibra lignea existe sempre em muita quantidade nos refugos da fazenda. Com tudo hum grande grãõ de fermentaçãõ he muito prejudicial ao esterco composto, que existe no monturo; he melhor que este não passe por tal processo, do que deixa-lo fermentar por muito tempo. Isto he evidente pelas razoens, que temos anteriormente allegado. O excesso de fermentaçãõ causa a destruiçãõ, e dissipaçãõ da parte mais util do esterco; e as ultimas resultas deste processo são semelhantes a áquellas da combustãõ. A grande objecçãõ contra o esterco pouco fermentado he, que ervas ruins crescem mais, onde

este tem sido applicado. Se acaso houverem sementes no esterco, quando a terra he com este adubada, ellas certamente haõ de vegetar, porem raras vezes isto acontece em grande excesso; a naõ alimparmos as terras d'ervas ruins, qualquer sorte de esterco, esteja no estado de fermentaçãõ ou naõ, ajudará rapidamente o seo crescimento. Se adubarmos a superficie de terrennos destinados para pastos com esterco, que tem sido pouco fermentado, as palhas compridas, e á materia vegetal naõ fermentada, que se acharem na superficie, (logo que a erva principiar a crescer vigorosamente) devem ser removidas pelo ancinho, e le-yadas ao monturo; adoptando-se este methodo naõ perder-se-ha esterco algum, a lavoura será economica e ao mesmo tempo limpa. Quando o esterco, de que tratamos, naõ puder ser usado immediatamente, devemos prevenir, tanto quanto for possivel, a sua fermentaçãõ destructiva; as circumstancias necessarias para isto s'effeituam ja temos anteriormente exposto. A superficie deve ser defendida o mais possivel do oxygenio da atmosfera; greda compacta ou barro pegadiço assegura a melhor protecçãõ contra o ar; e o esterco antes de ser coberto ou para assim dizer selado, deve estar perfeitamente secco; se em qualquer occasiãõ o seo grão de calor estiver muito augmentado, devemos vira-lo, e expo-lo á atmosfera a esfriar. Se intentar-mos preserva-lo por algum tempo, he necessario, que a sua situaçãõ seja conveniente. Esta deve, se possivel for, ser defendida do sol. Obriamos acertado, se o conservassemos debaixo de telheiros, ou se fizessemos, com que o monturo fosse situado no lado septentrional da parede. O chaõ onde temos o esterco deve, se possivel for, ser calçado com pedras chatas; e tambem deve haver huma pequena inclinaçãõ d'ambos os lados para o centro, no qual hajaõ regos, que se comuniquem com hum pequeno poço provido de huma bomba de maneira, que por este modo toda a materia fluida venha a ser collegida para o uso das terras. Mui frequentemente acontece, que hum fluido denso, mucilaginoso, e extractivo he deixado escorrer do monturo, vindo o lavrador a ser privado de huma substancia de tanta utilidade. Estercos de ruas e estradas, e varreduras de

cazas podem-se classificar no numero d'estercos compostos ; os seus ingredientes saõ necessariamente diversos, visto serem derivados do differentes substancias. Estes adubos podem-se applicar com propriedade sem passarem pelo processo fermentativo. Fuligem, a qual he principalmente formada da combustão de carvão de pedra e lenha, igualmente contem quasi sempre substancias derivadas de materias animaes. He hum excellente esterco. Na sua distillação produz saes ammoniacas ; e sendo dissolvido em agoa quente obtem-se hum extracto de hum gosto amargoso. Tambem contem hum oleo empyreumatico. A sua grande base he carvão no estado capaz de ser dissolvido por oxygenio e agoa.

CORRESPONDENCIA.

OBSERVAÇOENS,

Dirigidas aos Redactores do Investigador Portuguez em Inglaterra, sobre a nossa Economia Política, particularmente relativa á nossa Agricultura.

Lisboa, 1 de Janeiro de 1814.

SENHORES REDACTORES,

A repetida inserção no seo Jornal de papeis relativos á Agricultura, posto que debaixo de diversos pontos de vista, prova tanto o dezejo que Vmces. tem de atrahir e fixar a attenção de nosso adorado soberano, dos seus Ministros de Estado, e em geral dos Povos, sobre este importantissimo objecto, que me lisongeio de que Vmces. acharão as *observaçoes* seguintes assas importantes para as inserirem no seo periodico, a cuja lição devo a origem dellas.

O A. de huma carta que Vmces. inserirão em resposta a outra dirigida contra o ultimo tratado de commercio, faz a pag. 265. do No. XXX. o parallelo da economia interna dos Holandezes com a dos nossos antigos Portuguezes; e em nota que vem no fim da pag. diz o que se segue:

“Os nossos Portuguezes contentaraõ-se não somente de receber quasi todo o trigo e farinha de que precisavaõ, em navios estrangeiros; mas quando se viraõ mais apertados pela carestia do genero, olhando ao effeito e ja mais á cauza, pediraõ em Cortes ao Snr. Rei D. João IV., que os mantimentos que viessem de fora, fossem izentos de direitos; e esta lei ficou athe agora em tanto vigor como se fosse huma das *fundamentaes do Reino*. E não consta que houvesse naquellas Cortes hum homem só que se lembrasse de perguntar:—*Se não seria milhor remedio aliviar-se a agricultura das vexaçoes que lhe fazem os tributos locaes, as coutadas, a má ou nenhuma Administracão Municipal, que tol-*

hem a producção, e a circulação dos generos." 1 Collec. das LL. Extrav. á Ord. Liv. ii. Tit. 6.

O A. apontou aqui dois descuidos notaveis dos nossos maiores: 1. o de não atenderem á navegação propria, favorecendo os nossos navios com alguma vantagem nos direitos de entrada; 2. o de terem segurado aos lavradores estrangeiros sobre os nossos, para a venda do seo graõ em os nossos proprios mercados, huma vantagem ao menos de 10 por cento.

O 1. erro ou descuido he muito antigo; não escapáráo a elle as epochas mais brilhantes da nossa historia; e talvez a unica desculpa que se pode dar he, que os principios de economia dos estados modernos Europeos não eraõ nesse tempo conhecidos* nem sequer em Holanda e Inglaterra aonde nasceraõ. E para que elles não nascessem em Portugal houve entre outras huma razaõ muito forte, e foi: que os Soberanos e os vassallos, igualmente cegos com o entusiasmo dos novos descobrimentos e commercio das conquistas, pensáráo somente em sustentar á força d'armas a exclusiva desta nova navegação da Africa e da Asia, e se esqueceraõ totalmente da Europa, aonde Flamengos, Hamburguezes, Holandezes, Suecos, Dinamarquezes e Inglezes se apoderáraõ successiva e commercialmente dos portos de Portugal. Mas que digo eu! esta ignorancia foi mui geral, e chegou a tempos muito mais recentes. Os Hollandezes apresentáraõ hum Memorial aos Ministros de Luis XIV. rendendo-lhe por grande serviço, que tinhaõ feito a Coroa de França, a grande importancia de direitos que tinhaõ pago por generos que haviaõ transportado de hum porto de França a outro. Bem pouco suppunhaõ os Holandezes os Ministros de Luis XIV. instruidos dos novos principios, vendendo-lhe por serviço o commercio de porto á porto, que deviaõ ter prohibido aos estrangeiros. Que distancia não vai d'aqui as maximas rigorosas do Acto de Navegação dos Inglezes, cujo principio fundamental he a prohibição aos navios estrangeiros de importar em Inglaterra genero ou manufactura que não seja do paiz aque o navio pertença; isto he, a prohibição do que se chama commercio ou navegação de economia?

O 2. que já citei, e que prohibe aos navios estrangei-

* Seria muito longo o detalhe das primeiras innovaçoes, analogas aos principios da economia moderna, que se observao na Historia de Holanda e de Inglaterra. Basta observar, que estas luzes começaraõ a apparecer depois do meado do seculo 16.; isto he, quando o vigor da Monarquia Portugueza começou a declinar,—por effeito das Instituições que adoptou.

ros a cabotagem ou navegação costeira, ou de porto á porto, que são a mesma couza?

3. Que prohibe a navegação dos estrangeiros para as Colonias, e reciprocamente?

4. Que reserva a importação e exportação de alguns generos aos navios nacionaes?

5. Que aonde permite a navegação aos estrangeiros a carregar de muito maiores direitos do que aos nacionaes?

6. Em fim, que não cede nestes pontos á nação nenhuma, sem a certeza de hum favor reciproco maior, ou igual?

Tão arredados estavaõ os Monarcas daquelle tempo destes principios em todo o continente, e principalmente em Portugal, que tão antigos são como os Senhores D. Fernando e D. Afonso V. os grandes privilegios, concedidos aos mercadores, navios, e generos estrangeiros, sem sombra se quer de reciprocidade. Os Monarcas e os povos não viaõ nos generos estrangeiros senão os direitos de Alfandega que haviaõ de pagar; e por falta dos quaes seriaõ os Principes obrigados a lançar pedidos, e os Povos á paga-los. Este modo de pensar combinou-se com outro, que não se entende tão facilmente, ou de que não he tão facil dar a razão geral: quero dizer, a prohibição irrevogavel*, *sem licença d'El Rei, de exportar quasi todas as producçens do Reino, e todas as manufacturas Nacionaes*. Esta ordenação, que hum Portuguez preocupado dezejaria que tivesse sido somente obra dos Fillippes, he por desgraça copiada do Tit. 106, § I. das Ordenaçoes do Senhor Rei D. Manoel, e provavelmente muito mais antiga do que elle. Com o mais amplo favor dado ao Commercio, e navegação dos Estrangeiros para os nossos portos, sem a minima reciprocidade; com aquella prohibição destruidora de toda a industria Nacional; com o espirito dos Soberanos e dos Povos, todo empregado no commercio e navegação da Africa, e da Azia; com instituçoens excessivas á favor dos celibatarios; ninguem se pode admirar, se depois de seculo e meio de hum tal sistema, se achava o reino de Portugal no tempo do Senhor Rei D. Sebastião tão recheado de riquezas e moleza Asiatica, como falto de gente, e sem energia para rezistir ao jugo estrangeiro.—Da moleza Asiatica pode se dar por testemunho o que refere D. Francisco Manoel na Carta, ou Guia dos Cazados; e da falta de gente, o factio que hoje mesmo seria incomprehensivel, a difficuldade que experimentou El Rei D. Sebastião para levar 11 mil homens a Africa.

* As palavras da Orden. Filip. Livr. V. Titul. 112, saõ as seguintes.

Perdido Portugal com estes, (senão por estes) principios, não he debaixo de usurpadores, que procuravaõ por todos os modos enerva-lo, para melhor o reduzirem a provincia submissa, que o reino podia esperar a reforma, que a ignorancia dos tempos não permittio a huma serie de Monarcas legitimos e gloriosos.—Subio milagrozamente ao Throno o Senhor Rei D. Joaõ IV.; e ainda que este virtuosissimo e verdadeiramente Patriota Monarca tivesse as luzes e a vontade necessaria para fazer as alteraçoes devidas, o estado em que elle se achou, durando todo o seo Reinado, não lhas tinha permittido fazer senão em theoria; pois apenas tinha forças de mar com que resistir aos Hespanhoes e aos Holandezes na Europa, no Brazil e na India; e de certo não as tinha para dar combois aos navios que fossem ao Baltico, a Sicilia, &c.

Seja pois dito em obsequio da verdade, e da Saudosa Memoria do Senhor Rei D. Joaõ IV. que elle não podia remediar o l. descuido; e que mal poderia em 1641 rezistir ao clamor popular dos Povos, ainda quando percebesse que lhe pediaõ hum absurdo.

O tempo proprio para se fazerem estas alteraçoes teria sido o dos dois longos periodos de paz, desde 1668 athe 1703, e desde 1712, athe 1762; e como este exame persi só seria longo, volto particularmente para o que diz, ou antes para o que podia ter dito o A. da Nota.

Eu acuzo-lo hia de pouca diligencia na indagação de taõ importante objecto, ja que tocou nelle, se não receasse que me fosse retorquida a accuzação; e por isso direi somente, que elle deveria ter consultado o Foral da Alfandega de Lisboa, em cujo capitulo 72 acharia os §§ seguintes.

MANTIMENTOS.

“Item.—De todo trigo, centeio, milho, cevada, farinhas, legumes, e carnes que vierem das Ilhas Terceiras, e da Ilha da Madeira, e do Reino do Algarve, se pagará na dita Alfandega a dizima somente, porque vindo das outras partes do Reino pertence á portagem.”

MANTIMENTOS.

“Item.—De todo o mais trigo, cevada, centeio, milho, legumes que nesta cidade entrarem de quaesquer outras partes de fora do Reino, senão pagarão direitos alguns na dita Alfandega; nem das carnes, queijos, e manteigas; por

quanto tenho feito Merce a Camera e Povo da dita cidade de libertar as ditas couzas de direitos, &c. &c.”

Este Foral he do anno de 1595, e tem por desgraça o nome dos Philippes.—Estava logo 50 annos antes da Lei pedida nas Cortes de 1641, e assegurada ja aos estrangeiros a vantagem de 10 por cento no maior Mercado do Reino, que he Lisboa; e por tanto a innovação introduzida pela citada lei não podia ter effeito senão nas outras Alfandegas maritimas.—E talvez se deva taobem exceptuar a do Porto; porque no Foral desta cidade diz S. M. o Senhor Rei D. Pedro II. no anno de 1703:—“ Na dita Alfandega se não pagarão direitos de todo o paõ que a ella vier de fora por Merce, que eu e os Reis Meos Antecessores fizeraõ a Camera da dita cidade. Mas legumes, carnes, queijos, e manteigãs, &c. &c.

Parece que esta merce não teria sido pedida posteriormente á Lei de 1647, por que seria escuzada. Com tudo não constando a data da Merce, fica sempre solida a conjectura.

A Lei de 1647 falla claramente do trigo que vem por mar; nem he facil de dizer como se applicaria no estado de guerra ao trigo que entrasse de Castella. E no preambulo do Regimento dos Portos Secos, publicado no momento da paz de 1668, diz S. M. expressamente:—“ Que mandou abrir as Alfandegas dos Portos Secos, molhados, e vedados.”—E no Cap. VII. do mesmo Regimento dis mais:—“ O trigo que entrar dos Reinos de Castella neste de Portugal, e nas ditas alfandegas, *pagos os direitos de entrada*, poderaõ levar seos donos aonde quizerem, &c. &c.” E no Capitulo X.—“ Que este direito he a Dizima, ou 10 por cento, como se pagava no tempo do Senhor Rey D. Sebastião.”—

Com tudo alguma relaxação houve na observancia deste Regimento, pois que na Carta Regia na data de 16 de Abril de 1757, e circular dirigida ao Corregedor do Crime, Governador da Relação do Porto, ao Bispo do Algarve, e ao Auditor Geral da Provincia do Alemtejo, se lê:—“ Pela Junta do Commercio destes Reinos foi representado a S. M. que a requerimento do contractador dos Portos Seccos se expediraõ ordens para que os trigos, cevadas, e centeios que entraõ dos Reinos de Castella paguem direitos nas Alfandegas, em que athe agora não estava em uzo esta cobrança; (parece que se cobrava em humas e não em outras Alfandegas) e se manda que *por hora*, em quanto S. M. não mandar o contrario, se abstenhaõ de fazer cobrar direitos de toda a especie de graõ, que entra dos Reinos de Castella, fazendo restituir os que se tiverem cobrado.”

De tudo o referido bem se pode colligir, que humaboa Historia da nossa Legislação neste ramo, merecia ser escripta por pessoa bem versada nesta materia; e talvez provaria, que os erros nella cometidos foraõ huma das mais poderozas causas do constante acanhamento da nossa Agricultura, de consequente falta de gente, e falta de importancia, que a Nação Portugueza devia ter na Europa, attendidas as suas grandes qualidades individuaes.

Sobre os poucos dados que citei podem com tudo assignar se algumas epocas distinctas da nossa Legislação sobre o commercio do trigo, e mais mantimentos.

1. Periodo—athe a primeira epocha da data, qualquer que seja, da Merce feita a cidade de Lisboa, memorada no Foral de 1595.
- 2.—athe a Lei pedida pelos Povos nas Cortes de 1641.
- 3.—athe a Paz de 1668.
- 4.—athe o Reinado do Senhor D. Joze I., e annos de 1757,—64,—73.
- 5.—athe a invazão de Massena em 1810.

Reflectindo sobre as diversas alteraçoes que houverão em todos os referidos periodos, acha-se, que todas se limitãõ a izentar mais ou menos de direitos de entrada o trigo, e em geral os mantimentos que vinhaõ de fora do Reino por mar ou por terra; mas que o espirito da Legislação Portugueza nesta materia foi, supponho eu, desde o principio da Monarquia, constante em permittir a entrada de todos os mantimentos de fora, e constante em prohibir a exportaçõ de toda a producção do Reino.

O fim obvio desta legislaçõ he o de fazer constantemente o paõ barato. Se os meios adoptados saõ os melhores, deixo ao leitor a decidir. Hoje em dia ninguem duvida, que prohibir constantemente a exportaçõ de huma producção do Paiz he desanimar a sua cultura, diminuir a quantidade, e alterar-lhe o preço. E quanto mais a constante importaçõ da mesma producção de fóra conseguir abaratear o genero, tanto mais certo será o effeito da prohibiçõ de exporta-lo, que he o desanimar a sua cultura dentro do Reino: pois o unico remedio, que teria o lavrador, que naõ podesse exportar o seo graõ nos annos de abundancia seria o de o vender mais caro nos seguintes. Mas se nestes elle tem certa a concurrencia dos estrangeiros, ver-se ha reduzi-do a cultivar o menos que poder.

Que a abundancia de mantimentos ou (o que vale o mesmo) o seo preço commodo, tenha sido em todos os tempos, e devesse ser em todas as naçoens hum dos cuidados do governo—ninguem duvida; porem muito curtas, e muito tiatas da ignorancia dos seculos da barbaridade, eraõ por certo as noçoens da-

quelles Politicos, que em todas as ordenaçoes, que aconselharão sobre esta materia, não tiverão outra mira, e outro fim, senão o de prevenir a carestia, e a fome.

Este flagello da humanidade, tão temivel em outro tempo, pode-se dizer, que desapareceu da Europa moderna com a maior civilização, que lhe procurou o adiantamento da navegação, e a actividade do commercio.

Antes do seculo XV., e em quanto a primeira se fazia com difficuldade longe da costa, em quanto o commercio d'especulação apenas existia em huma nação mais industria, ora os Lombardos, ora as cidades Hanseaticas, e os Flamengos; escusaveis erão as medidas ate violentas, que se tomassem para segurar a subsistencia dos povos: porem hoje em dia se o commercio é deixado em liberdade, todas as precizoens se reduzem ao mesmo nivel, e o superfluo vem buscar o precizo.

Graças á providencia, hum máo anno, e huma colheita má não são universaes, e sempre ha huma nação, que tem de sobejo para repartir com aquella, á quem falta de sorte, que o maior cuidado, que pode ser hum governo prudente nestes annos calamitosos, com que a providencia quer, de quando em quando, experimentar o soffrimento dos povos, he que a despeza, que a nação tem que fazer na compra de mantimentos da fora, não seja excessiva relativamente á seos meios.

Geralmente fallando não ha quasi hum paiz na Europa, de mediana extensão debaixo do mesmo governo, que não produza a subsistencia necessaria para o maior numero dos seos habitantes. Do nosso Portugal, que era hum dos mais mal famosos a este respeito, provarão Vossas Mercês muito bem no 1. numero do seo Jornal a grosseira opiniaõ, que grassava entre pessoas, que devião conhecer a verdade, se a descubri-la se tivessem applicado — A França, que na totalidade produz muito mais do que necessita, tem padecido algumas vezes por cauza das opinioens contrarias dos Ministros, que successivamente a tem governado, huns prohibindo, outros animando a exportação sobre o que se podem ler M. Necker, e outros A. A. Francezes.

Fora de Portugal, (Hespanha talvez e os Cantoens Suisos) não sei, senão a Hollanda, a Suecia, e a Noruega, que habitualmente importem huma grande quantidade dos mantimentos, que consomem.—A 1. porque he hum pequeno districto furtado ao mar pela industria dos seos moradores, paiz encharcado, e que o melhor que produz, he excellentes pastos.—Nos outros dois a severidade do clima, ainda mais do que a esterilidade do terreno impede ás vezes as searas de medrar; por tanto a Suecia, depois que no principio de

seculo passado perdeu as suas Provincia de Alemanha, tem sempre cuidado de estipular com a Russia, que lhe será licito exportar annualmente da Livonia huma certa quantidade de trigo.

Os povos do interior da Noruega padecerão muito, e se devemos acreditar as relações de viandantes, virão-se em alguns invernos reduzidos á necessidade de misturar a casca dos arvores com a pouca farinha, que tinhaõ, para augmentar a quantidade do seo mesquinho alimento.

A causa de tamanha desventura dizem, que era huma lei, que lhes prohibia de receber grão de outra parte, do que de Dinamarca sua Metropole, a qual produz de sobejo. A falta de boas estradas, a difficuldade da viagem de mar no inverno, e a certeza do monopolio, que fazia os Negociantes Dinamarquezes remissos nas expediçoens, difficultarão os provimentos.

Os Noruegianos soffreraõ pois frequentes fomes ate o anno, em que o Príncipe Real, (hoje Rei) e que entãõ regia em nome, e no impedimento de El Rey seo Pai, foi vizitar a Noruega, e assegurando-se da verdade das queixas, que os povos lhe fizeraõ, revogou a lei citada, deo-lhes a liberdade de se prover de grão, onde, e como lhes fizesse conta; e daquelle momento por diante cessou o flagello, que frequentemente atormentava a Noruega.

He logo huma verdade tam demonstrada pelo raciocinio, como provada pela experiencia, que pouco teria a legislação, que fazer sobre esta materia, se o seo unico objecto devesse ser o de impedir a carestia excessiva, e prevenir a fome.

Com tudo o terror panico sempre existe, e em Italia, em França, e Inglaterra tem se escrito volumes sobre esta materia. Seria temeridade pertender em huma curta Memoria dar nem sequer huma idea do que tantos Authores tem dito. O resultado da sua leitura, que compete á este lugar he que factos recentes e notorios, assim como argumentos plausiveis fazem crer, que nesses mesmos annos calamitosos de huma pessima colheita o melhor conselho, que o governo pode seguir he o de não intervir * de outro modo, senão para re-

* O facto seguinte foi me referido por testemunha ocular. Exaurido o Estado Pontificio em 18 mezes pela rapina do governo Francez, chamado Republica de Roma, entrou S. S. Pio VII. em 1799 em Roma, e achou o Erario vazio; não ponde por consequencia fazer as despesas, que seus predecessores faziaõ para mandar vir trigo de fora, e vende-lo com perda ao povo. A carestia, e a fome no tempo dos Francezes eraõ excessivas, o paõ vendia-se em certos formos Normaes áquem trazia hum bilhete dos Parochos. O paõ era pequeno e negro, por ser misturado

mover todos os obstaculos, que possa encontrar a circulaçãõ dos generos tanto no interior, como do exterior.

Porem admittindo, e não consentindo, que nesses annos calamitosos seja o methodo mais saudavel que o governo pode seguir, o de prohibir toda a exportaçãõ, e permittir toda a importaçãõ de mantimentos, não se requer muita sagacidade para desconfiar, que huma providencia extraordinaria e boa, porque he adaptada á cazos extraordinarios, não será com acerto transformada em sistema de governo, em maxima constante para todos os cazos, todos os tempos, e todo o curso das couzas humanas.

Com tudo isto he o que parece, que se tem feito em Portugal desde o principio da Monarquia até agora ;— e que este sistema se conservasse inalteravel por espaço de 700 annos, que sobre a sua bondade ou ruindade intrinseca nunca entrasse a minima desconfiança no animo dos Soberanos, nem dos povos, nos reinados mais brilhantes, como nas epochas menos gloriosas da nossa historia, he hum factõ, que deve por certo cauzar espanto, mas de que não será facil dar razãõ.

No 1. Periodo,

Os mantimentos, que vinhaõ de fora por mar, ou por terra, erãõ sujeitos a pagar 10per $\frac{2}{3}$ d'Entrada, e outro tanto pagava de *Portagem* o trigo da terra, que entrava nos dois maiores Mercados de Lisboa, e Porto.

No 2. Periodo,

A beneficio (apparente) dos Moradores de Lisboa e provavelmente do Porto, izentaraõ-se de todos os direitos d'Entrada os mantimentos, que vinhaõ á Lisboa, e ao Porto por mar, e conservou-se a *Portagem* ao da terra: mas á excepçãõ do mar, não se concedeo ao que vinha das nossas Ilhas da Madeira e Açores, e do nosso Reino do Algarve.

com cevada e favas. Receou-se por consequencia huma grande fome naquelle inverno; felizmente o Santo Padre não podendo fazer nada, deixou o commercio livre e elle fez tudo. Roma gozou nesse inverno de huma abundancia, barateza, e excellencia de paõ como nunca. — Leopoldo em Toscana fez o mesmo por sistema em anno de fome, e com o mesmo feliz successo.

No 3. Periodo,

Estendo-se a excepção acima á todos os Portos de Mar, e concedeo-se ao que vinha das Ilhas da Madeira, e Açores, mas ainda não ao Reino do Algarve.

No 4. Periodo,

Ou ao momento da Paz de 1668 que poz hum termo á guerra da Acclamação :

Abriraõ-se os Portos seccos ao trigo de Castella pagando 10 per $\frac{c}{100}$ como no tempo do Snr. Rey D. Sebastião ; mas este regimento foi observado, aqui sim, e alem não ; e entretanto ao trigo da terra conservou-se a *Portagem*.

No 5. Periodo,

Isto he no anno de 1757, ordenou o Snr. Rey D. Joze o 1., que se não pagasse direito algum por todo o pão, que entrasse de Castella, e esta providencia temporaria (ao que parece pelo Theor da Circular talvez por ter sido o anno escasso) como não foi revogada, ficou perpetua, e ao trigo da terra não se diz se se conserva a *Portagem*.

No Reinado do Snr. Rey D. Joze o 1. posto que o principio fundamental do sistema ficou inalteravel isto he a exportação sempre prohibida, e a importação sempre permitida, com tudo observa-se alguma luz de razaõ, e huma aurora dos bons principios de economia interna.

Este Monarca abolio a odiosa distincção, que ainda durava para os legumes, que vinhaõ á Lisboa das Ilhas, e do Algarve, e pagavaõ os direitos, de que os Estrangeiros eraõ izentos.

Os impostos, que pagava o trigo, que passava do Alem-tejo para o Algarve, forão abolidos, e estabelecida por Ley Geral a livre circulaçãõ de todos os generos dentro do reino.

Esta he a Ley, que chamei memoravel do anno 1773. Nella se queixa nobremente o Monarca do pezo, e vexaçoes, que as Cameras impunhaõ ao transitio dos generos,—e ordena a sua extincção para o futuro.

Desta sorte, e depois de 700 annos de varia legislaçãõ damo-nos por felizes de ter chegado á huma Epocha em que

Medical Biography; or Memoirs of the Lives and Writings
of the most eminent Medical Composers and Writers, who
have flourished in the different countries of Europe,
during the last three centuries, and including the Me-
moirs of those who are now living. 2 vols. 8vo.

LISTA

Das principaes Obras, publicadas em Inglaterra, nos
quatro mezes precedentes.

ANTIGUIDADES.

Observations on Popular Antiquities, chiefly illustrating the
origin of our vulgar customs, ceremonies, and superstitions.
By John Brand, M. A. Secretary of the Society
of Antiquaries of London. A new edition, arranged and
revised, with additions. By Henry Ellis, &c. 2 vol. 4to.
4l. 4s. and on royal paper, 6l. 6s.

BELLAS ARTES.

Six Poems, illustrative of as many engravings, from elegant
designs made by her Royal Highness the Princess Eliza-
beth, and dedicated with permission to her Majesty the
Queen, printed at the Shakespeare press, royal 4to.
1l. 4s.

British Gallery of Pictures.—First Series, No. XXII, 10s. 6d.
By W. J. Ottley, Esq, F. S. A.

The Artist's Repository; or, Encyclopedia of fine Arts,
&c. &c. Part 7, 4to. 16s.

A Historical Sketch of the Art of Caricaturing. By J. P.
Malcolm, F. S. A. Illustrated by 31 engravings, 4to.
2l. 2s.

BIOGRAPHIA.

General Biography; or Lives, critical and historical, of the
most eminent persons of all ages, countries, o' tions,
and professions, arranged according to alphabetical order.
Composed by Dr. Aikin, and others. The eighth volume,
4to. 2l. 2s.

Memoirs of Margaret de Valois, Queen of Navarre, the
first Wife of Henry the Fourth of France, &c. Written
by herself, and translated from the original French. 2 vol.
12mo, 12s.

The Biographical Dictionary, Volume XII. Edited by Alex-
ander Chalmers, F. S. A. 8vo. 12s.

Musical Biography; or Memoirs of the Lives and Writings of the most eminent Musical Composers and Writers, who have flourished in the different countries of Europe, during the last three centuries, and including the Memoirs of those who are now living. 2 vols. 8vo. 1l. 4s.

Memoirs of Goldoni, the celebrated Italian Dramatist, written by himself. Translated by John Black. 2 vols. 8vo. 1l. 1s.

(A mesma Obra em Francez, 2 vols. 8vo. 1l. 1s.)

Volumes III, and IV, of a Translation of the Historical and Literary Memoirs and Anecdotes of the Baron Grimm and Diderot. 8vo. 1l. 8s.

A obra original em Francez, 4 vols. 8vo. 2l. 14s.

CLASSICOS.

Phædo, a Dialogue on the Immortality of the Soul. Translated from the Greek of Plato, with Notes, by T. R. I., Esq., A. M. 8vo. 10s. 6d.

Novus Græcorum Epigrammatum et ^{Ποιημάτων} Delectus cum nova Versione et Notis. Opera Thomæ Johnson, A. M. In usum scholæ Etonensis. Editio nova, recognita, et prioribus multo emendatior. 3s. 6d. bound.

Francisci Vigeri de Præcipuis Græcæ Dictionis Idiotismo Liber; cum Animadversionibus Henrici Hoogeveeni, Joannis Car. Zeunii, et Godof. Hermanni, cujus accedit de Pronomine—^{Αυτῶν} Dissertatio. 8vo. 19s. in sheets.

Cicero de Amicitia et de Senectute, from the text of Ernesti, with all his notes, and citations from his Index Lat. Cicero. and much original matter, critical and explanatory. Second edition. By E. H. Barker, Esq., 6s. 6d.

COMMERCIO.

Time Tables, to facilitate the calculation of Interest, &c. &c. on Bills and accounts current; consisting of three hundred and sixty-five tables, exhibiting, without calculation, the number of days from each day of the year to every other day of the year. By I. N. Cossham, Acc. Br. 12mo. 8s.

The Biographical Dictionary, Volume XII. Edited by Alexander Chambers, F. S. A. 8vo. 12s.

EDUCAÇÃO.

The Female Class Book, or Three Hundred and Sixty-five Reading Lessons, adapted to the use of Schools, for every day in the year; consisting of moral, instructive, and entertaining extracts, selected principally from female writers, or on subjects of female education and manners. By Martin Smart. 12mo. 6s. bound, and 7s. 6d. elegantly bound.

Rules of English Composition, and particularly for Themes; designed for the use of Schools, and in the aid of Self-instruction. By John Ripplingham. The second edition, with considerable additions and improvements. 12mo. 4s.

A Treatise on Politeness. Intended for the Use of Youth of both Sexes. Translated from the French, by a Lady, 8vo. 10s. 6d.

Maternal Solitude for a Daughter's best Interests. By Mrs. Taylor, of Ongar. 8vo. With a beautiful frontispiece. 5s.

HISTORIA.

The History of England, from the earliest period to the close of the year 1812. By John Bigland. 2 vols. 8vo. 1l. 16s.

Symbolic Illustrations of the History of England, accompanied by a narrative of the principal Events. Part the first, to be completed in three parts. 4to. 10s. 6d.

The Battle of Bosworth Field, 1485, with a Life of Richard III. till he assumed the Regal Power. By W. Hutton, F. A. S. S. Second Edition. By J. Nichols, &c. and 11 plates, 8vo. 12s.

MATHEMATICA.

An Introduction to the Study of the Mathematical Principles of Natural Philosophy, containing a Series of Lectures upon the rectilinear and projectile motion, the mechanical action, and the rotatory and vibratory motion
VOL. VIII.

of bodies. By the Rev. B. Bridge, &c. 2 vols. 8vo. 1l. 5s.

A new Mathematical and Philosophical Dictionary; comprising an Explanation of the Terms and Principles of Pure and Mixed Mathematics, and such Branches of Natural Philosophy as are susceptible of Mathematical Investigation. With historical sketches of the rise, progress, and present state of the several departments of these sciences: and an Account of the Discoveries and Writings of the most celebrated authors, both Antient and Modern. By Peter Barlow, of the Military Academy, Woolwich; Part 4. 7s. 6d. The Work will be completed in six parts.

A Treatise on Algebra, in Practice and Theory, with Notes and Illustrations; containing a variety of particulars relating to the discoveries and improvements that have been made in that branch of analysis. By John Bonycastle, Professor of Mathematics in the Royal Military Academy, Woolwich, 2 vols. 8vo. 1l. 4s.

MEDICINA E CIRURGIA.

A Treatise on the History, Nature, and Treatment of Chin-cough: including a Variety of Cases and Dissections. To which is subjoined, an Inquiry into the relative Mortality of the principal Diseases of Children. By Robert Watt, M. D. Lecturer on the Theory and Practice of Medicine in Glasgow. 8vo. 10s. 6d.

The Anatomy of the Heart, Cranium, and Brain, adapted to the Purposes of the Medical and Surgical Practitioner; to which is added, in Notes, Observations on the Laws of Life, Sensation, and Idea. By Alexander Ramsay, M. D. Lecturer on Anatomy and Physiology. The second edition, much enlarged with coloured plates. Royal 4to. 18s. stitched, 1l. 4s. half-bound.

Synopsis Nosologiæ Methodicæ, auctore Gulielmo Cullen, &c. To which is added an Appendix, containing a Synopsis of the Systems of Sauvages, Linnæus, Vogel, Sagar, M'Bride, Cullen, Swediaur, Young; Willan's classification of Cutaneous Diseases; and a Translation of Cullen's Nosology, with References to the best Authors, who have written since his time. By John Thomson, M. D. 8vo. 9s.

Lectures on Inflammation, exhibiting a View of the general

- Doctrines, Pathological and Practical, of Medical Surgery. By John Thomson, M.D. F. R. S. E. Professor of Surgery to the Royal College of Surgeons, Regius Professor of Military Surgery in the University of Edinburgh. 8vo. 14s.
- An Essay on the Signs of Murder in New-born Children. Translated from the French of Dr. P. A. O. Mahon, Professor of Forensic Medicine in the Medical School at Paris, &c. &c. By Christopher Johnson, Surgeon, Lancaster, Member of the R. M. S., of Edinburgh, &c. With a Preface and Notes by the Translator. 8vo. 5s.
- The Art of Preserving the Sight unimpaired, to extreme Old Age; and of re-establishing and strengthening it when it becomes weak, &c. &c. By an Experienced Oculist. 12mo. 4s. 6d.
- The Edinburgh New Dispensatory, &c. &c. By Andrew Duncan. A new edition, with additions, &c. 8vo. 15s. boards.
- Medical Transactions, published by the College of Physicians in London, Vol. IV. 8vo. 12s.—Vols. I, II, and III. 11. 4s.
- The Anatomical Instructor; or an Illustration of the Modern and most Approved Methods of preparing and preserving the Different Parts of the Human Body, and Quadrupeds, &c. &c. By Thomas Pole, Surgeon. A new edition, with additional notes. 12mo. 7s.

METAPHYSICA.

- Researches into the Physical History of Man. By James Cowles Prichard, M. D. F. L. S. &c. &c. 8vo. 16s.

MILICIA, OU HISTORIA MILITAR.

- Siege de Tarragone, et L'Assaut, et la Prise de cette Place par les Français au mois de Juin, 1811. Par le General D. In. Senen de Contreras, Marechal des Camps et Armées de S. M. C. Ferdinand VII., et Gouverneur de cette Forteresse au temps du Siege. Avec les details de son evasion du Chateaufort où il etoit imprisoné, et quelques observations sur la nature, les stratagemes, et les ressources du gouvernement Français.

MISCELLANEA.

- Letters of Mrs. Elizabeth Montague, with some of the Letters of her Correspondents, ending with the coronation of George III. The second part, consisting of the third and fourth vols. 8vo. 14s. And on large paper, 1l. 1s.
- A Treatise on Human Happiness. By the late Rev. W. Stevens. Royal 12mo. 7s.
- An Essay on Antient and Modern Literature. By Madame De Staël Holstein. The second edition, to which are prefixed Memoirs of the Life of Madame De Staël. 2 vols. royal 12mo. 1l. 1s.
- Letters written by Eminent Persons, in the Seventeenth and Eighteenth Centuries. By John Aubrey, Esq. 3 vols. 8vo. 4l. 12s. 6d.
- De L'Allemagne. Par Mad. la Baronne de Staël Holstein. 3 vols. 8vo. 1l. 16s.
- The Letters of Klopstock and his Friends, translated from the German. By Miss Benger.
- A complete General Analytical Index to the Edinburgh Review, from October 1802, to 1812. 8vo. 15s.
- A Map of Palestine, or the Holy Land, with an Historical Account of the Israelites from the earliest Period of their History, to their Final Dispersion. 7s.

NOVELLAS.

- Liberality and Prejudice, a Tale. By Eliza Coxe. 4 vol. 12mo. 18s.
- Adelaide, or the Counter-charm, a Novel. By the author of Santo Sebastiano, Forest of Montalbano, and the Romance of the Pyrenees. 5 vols. 12mo. 1l. 15s.
- I Can't Afford It, a Novel. By Mrs. Hamilton. 2 vols. 12mo. 10s.
- The Wife and Lover. By Miss Holcroft. 12mo. 18s.
- The Ordeal, a Novel. 2 vols. 12mo. 18s.
- Pierre and Adeline, or the Romance of the Castle. By D. F. Haynes, Esq. 2 vols. 12mo. 12s.

The Splendor of Adversity; a Domestic Story. By the Author of the Black Rock-House, Corinna of England, Dead Letter Office, &c. 3 vols. 12mo. 15s.

Amabel; or Memoirs of a Woman of Fashion. By Mrs. Harvey. 4 vols. 12mo. 1l. 8s.

The Bachelor's Heiress; or a Tale without Mystery. By C. G. Ward. 3 vols. 12mo. 15s.

PHILOLOGIA.

Il Lettore Italico. The Italian Reader; being a Selection of Extracts from the most Eminent Italian Writers, beginning with Soave and ending with Dante. By M. Santagnello. 12mo. 6s.

Enclytica: being the Outlines of a Course of Instruction on the Principles of Universal Grammar, as deduced in an Analysis of the Vernacular Tongue; with a Synoptical Table of Ancient and Modern Alphabets, as derived ultimately from the Sanscrit. 8vo. 6s.

A Vocabulary of English Words, chiefly derived from the Saxon, with their signification in Spanish; to which is added a Short English Grammar for the Use of Spaniards. By R. Rylance, Teacher of Languages, 8vo. 5s.

A Hebrew Grammar, in the English Language; together with the whole Book of Psalms. By Joseph Samuel. 8vo. 10s. 6d.

PHILOSOPHIA NATURAL.

The Natural History of British Insects, explaining them in their several States, with the Periods of their Transformations, their Food, Economy, &c. By E. Donovan, F. L. S. Author of the Natural History of British Birds, Shells, &c. With 36 coloured plates, the 16th vol. royal 8vo. 1l. 10s.

An Essay on the Theory of the Earth. Translated from M. Cuvier, by the Professor Jameson. 8vo. 8s.

POLITICA.

Letters of Britannicus, to the Editor of the Morning Post,

on Mr. Grattan's Bill for the Relief of the Roman Catholics of Great Britain and Ireland; or, as it should have been entitled, for the Advancement of Popery. 2s. 6d.

POEZIA.

Naval Poems, viz. Pleasures of the Naval Life, in three Cantos; and the Battle of Trafalgar. By T. Dowey. royal 4to. 1l. 1s.

The Shannon and the Chesapeake, a Poem. 8vo. 3s. Poems; by Miss Prescott. 8vo. 2s. 6d.

The Battles of Talavera, Salamanca, Vittoria, and the Pyrenees, with other Poems. By Richard Pearson, jun. 8vo. 3s.

Wooburn Abbey Georgics, or the Last Gathering; a Poem, in four Cantos.—Canto 1. and 2. 4s. 6d.

David Dreadnought, or Nautic Tales and Adventures. In four parts. By Samuel Whitechurch. 5s.

Poetical Trifles, written on Various Subjects, serious and comic. By Edward Trapp Pilgrim. The second edition, with several pieces never before published, and a fine Frontispiece by Rhodes. 8vo. 4s.

The Missionary; a Poem. 8vo. 5s. 6d.

The Bride of Abydos; a Turkish Tale, in 2 Cantos. By Lord Byron. 8vo. 5s. 6d.

THEOLOGIA.

A General Introduction to the Study of the Hebrew Scriptures; with a Critical History of the Greek and Latin Versions of the Samaritan Pentateuch, and of all the Chaldee Paraphrases. By the Rev. George Hamilton, Rector of Killernogh, Ireland. 8vo. 7s. 6d.

A Key to the Writings of the Principal Fathers of the Christian Church, who flourished during the first three Centuries, in Eight Sermons, preached before the Uni-

versity of Oxford, 1813, by the late Rev. I. Bampton. 8vo. 10s. 6d.

An Easy Grammar of Sacred History, containing the Principal Events in the Old and New Testament. The second edition, considerably enlarged, and illustrated by Maps, &c. By Mary Ann Rundall, Percy House, Bath, 18mo. 4s. bound.

TOPOGRAPHIA E GEOGRAPHIA.

Additional Plates, with further Additions and Corrections, for the First Volume of *Magna Britannia*, containing the Counties of Bedford, Berks, and Bucks. By the Rev. Daniel Lysons, and Samuel Lysons, Esq. 4to. 1l. 1s.

A Topographical and Military Description of Germany, and surrounding Country. Illustrated by a Map, containing all the military roads and distances of the towns. By Captain Muller, King's German Engineer. 8vo. 7s.

A Sketch of Modern and Antient Geography, for the Use of Schools. By Samuel Butler. 8vo. 9s.

A New General Atlas, — to contain as many Maps as are sufficient to give a complete Geographical View of the Globe. Engraved for John Thomson, jun., Edinburgh, Numbers I, II, and III, 8s. each. — The Work will contain about fifty-six Maps of Imperial Folio.

Recherches sur la Geographie positive et systematique des Grecs, &c. &c. Par M. Gosselin. 3 e 4 vol.

VIAGENS.

Narrative of a Tour, taken in the year 1667, to la Grande Chartreuse and Alet, by D. Claude Lancelot, author of the Port-royal Grammar, 8vo. 8s.

Travels through Canada, and the United States of America, including a Description of Newfoundland, the Magdalen Islands, Quebec, Montreal, New York,

&c. By John Lambert, Esq., the second edition, corrected and much improved. 2 vols. 8vo. 11. 10s.

Second Edition, much enlarged, of Collins's Voyages to Spain, Portugal, Sicily, Malta, Asia Minor, and Egypt. 7s.

Travels in the Caucasus and Georgia, during the years 1807 and 1808. By Command of the Russian Government. By J. Von Klapproth. 4to.

Letters from the Levant, containing Views of the State of Society, Manners, Opinions, and Commerce in Greece, and several of the principal Islands of the Archipelago. By John Galt, 8vo. 10s. 6d.

Travels in the Pyrenees, &c. Translated from the French of M. Ramond, by F. Gold. 8vo. 9s.

POLITICA.

ESTADOS UNIDOS D'AMERICA.

Extracto da Gazeta Inglesa, *Bell's Weekly Messenger*, de
26 de Dezembro, 1813.

Washington, 2 de Novembro, 1813.

Relatorio de Mr. Macon, Deputado no Congresso,
á respeito do Compartamento que os Ingleses haõ
tido durante esta guerra.

A Coinmissaõ, á quem se incumbio aquella parte da men-
sagem do Presidente, relativa ao modo com que o inimigo
tem feito a guerra, e aos meios que nella tem empregado.

DECLARA.

Que ella tem colligido e arranjado todas as provas que lhe
foi possivel achar. Em consequencia, todos estes factos,
com os documentos que os acompanhaõ, vaõ ser apresenta-
dos ao exame da Camera pela ordem seguinte:—

1. O máo tratamento feito aos prizioneiros Americanos.
2. Detençaõ dos prizioneiros Americanos, como Vassallos
Britanicos, debaixo do pretexto ou de terem nascido em
territorio Britanico, ou de naturalisaçaõ.
3. Detençaõ dos marinheiros como prisioneiros, por esta-
rem em Inglaterra quando a guerra se declarou.
4. Serviço forçado dos marinheiros Americanos, violentados
a servir á bordo dos navios de guerra Ingleses.
5. Violaçaõ das bandeiras de tregoa.
6. Resgate dos prizioneiros Americanos, tomados pe.os
Selvagens no serviço de Inglaterra.

7. Pillagem e destruição das propriedades particulares na Bahía de Chesapeake, e suas vesinhanças.

8. Assassinamento dos prisioneiros Americanos, que se tinham rendido aos officiaes Ingleses, pelos Salvagens que estão no seo serviço: abandonô aos mesmo Salvagens dos cadaveres dos prisioneiros Americanos, mortos pelos Ingezes, á quem se tinham entregado: pillagem e assassinio dos cidadãos Americanos, que tinham hido procurar a protecção Ingleza: abraçamento das suas cazas.

9. Crueldades commetidas em Hampton, e na Virginia.

O primeiro artigo demonstra, que o governo Inglez tem adoptado para com os prisioneiros medidas mais rigorozas do que eraõ necessarias para os guardar. Alem disto prova o desprezo que aquelle governo faz das leis ordinarias da guerra; hum governo, que mete os individuos em rigorozas prizoens, e os transporta sem cauza dos portos das colonias Inglezas para a ilha da Graõ-Bretanha.

O segundo mostra, que a pratica de reter os cidadãos Americanos como vassallos Inglezes em qualquer ponto de vista que se considere a extenção que podem ter estes principios, ainda se conserva em vigor; e estas detenções se continuão a praticar por intervenção dos officiaes de terra e de mar deste mesmo governo. Prova taõbem, que não obstante não permitir a Graõ-Bretanha que as outras naçoens naturalisem os seus vassallos, ella está determinada a obrigar que todos os estrangeiros, naturalisados no seo paiz, se conservem fieis ás suas leis. Esta pratica, ainda suppondo que todas as pessoas detidas terão depois a sua liberdade, evidentemente expoem os nossos concidadãos, por huma mera suspeita, a serem tratados, como o não deverião ser, segundo as leis estabelecidas a respeito dos prisioneiros de guerra.

Pelo terceiro artigo se vê, que ao mesmo tempo que aos outros cidadãos Americanos se dava hum periodo racional para sahirem de Inglaterra depois do rompimento, todos os nossos marinheiros que estavaõ no territorio da Graõ-Bretanha foraõ considerados com prisioneiros de guerra, quer elles tivessem entrado nos seus portos em tempo de paz, quer tivessem sido por força ali conduzidos com o pretexto de fazerem algum commercio illicito. A injustiça desta excepção he taõ evidente como o ciume que a produzio, querendo nos assim privar desta classe taõ util dos nossos concidadãos. A comissão nota taõ somente, que se esta pratica de forçar os marinheiros Americanos a servirem a bordo dos navios Ingleses for geralmente admittida, e auctorizada, (os que está muito bem provado pella declaração de George

Mande, Agente Ingles em Porto Real, e vem incluída nos documentos justificaveis do primeiro artigo,) o poder marítimo daquella Potencia crescera na proporção do numero dos nossos marinheiros, que forem aprisionados. Como a prezente guerra tem alterado a relativa situação de ambos os paizes, este pretendido direito de forçar os marinheiros não pode durar muito, porem o mesmo fim se vai conseguir por outros meios. Todos os marinheiros assim empregados, e sem que o tempo do seo serviço seja determinado, augmentaõ por consequencia a força naval dos nossos inimigos, não so por que privaõ os estados unidos dos seus serviços activos, mas por que ministraõ á Graõ Bretanha meios de continuar e estender o seo commercio, sem diminuir o numero dos seus marinheiros a bordo dos navios de guerra.

Os documentos que justificaõ a quarta accusação, provaõ que os Officiaes dos navios Ingleses armados estaõ no costume de forçar os Americanos a servirem contra o seo paiz, e isto por meio de ameaças, de castigos corporaes, e athe com o medo da morte. São pois todas estas couzas hum bem instructivo commentario de todas estas protestações do governo Ingles, em que tem prometido dar pronta liberdade aos marinheiros Americanos achados á bordo dos navios de guerra Ingleses.

Relativamente á quinta prova da crueldade dos nossos inimigos, so basta observar, que no exemplo praticado com o Dr. Hechau, esta atrocidade do seo comportamento foi ainda agravada pela circumstancia da que a bandeira de tregoa não tinha nem a mais pequena apparencia hostil; por que o douctor hia somente incumbido do tratamento dos feridos, e dos infelizes prisioneiros tomados no rio Raisin, a 22 de Janeiro de 1813. O que padeceo o Dr. Kechau não da parte dos alliados de Inglaterra, mas dos proprios officiaes do seo exercito, não se pode sufficientemente entender senaõ supondo, que se considerou como huma bella politica o impedir que os cirurgioens Americanos tratassem os seus concidadaõs, porque os *cirurgioens selvagens* tinhaõ hum muito mais seguro e prontissimo methodo de acabar com os seus sofrimentos.

O sexto artigo, concernente ao resgate dos prisioneiros, merece toda a attençaõ da Camera: 1. pela qualidade da politica que elle manifesta; 2. porque está intimamente ligado com as crueldades dos selvagens alliados de Inglaterra. Se consideramos os Indios como huma força militar a soldo do Inglaterra, as somas destes resgates podem olhar-se como huma parte das indemnisaõens estipuladas

para lher pagar os serviços; e como o valor destes resgates augmenta na proporção do terror que inauditas barbaridades inspiraõ, taõbem podemos justamente concluir; que quaesquer que sejaõ as intençoens do governo Britanico, o costume de resgatar os prisioneiros com dinheiro será cada vez mais propagado pelo assassinamento que se fará em nossos concidadaõs, ou pelos ultrages que se cometerão em seos cadaveres, em quanto os Indios andarem ao serviço do inimigo.

A verdade desta inferencia hé confirmada pelo depoimento de diversas testemunhas, que depois de haverem sido resgatadas, ficáraõ ainda retidas como prisioneiros de guerra.

As provas que documentaõ o setimo artigo de accusação mostraõ nos, que a propriedade dos individuos desarmados foi roubada pelos officiaes, e marinheiros dos navios Inglezes que andaõ cruzando na costa, que as suas cazas foraõ queimadas, e as suas igrejas profanadas e destruidas. Parece, que os officiaes, animados pela presença do Almirante Cockburn, particularmente se distinguiraõ nestes bellos feitos, impellidos pelos dois grandes motivos da avareza e da vingança; e não contentes com a pilhagem de todos os objectos de valor, destruiroã ainda tudo o que não servia para saciar a sua hidropica cobiça. Tem-se allegado para isto, como excusa de actos de huma crueldade verdadeiramente estúpida, que hum navio, enviado á costa pelo Almirante, fora recebido com descargas de mosquetaria pelas Milicias Americanas. Porem os documentos provaõ que este pretexto hé falso, e que só se fez este protesto para palliar hum procedimento que nada pode justificar.

A commissão, altamente convencida que não haverá pessoa alguma ou nacional ou estrangeira que possa ler sem profundos sentimentos de indignação e de horror a simples narrativa de taõ vergonhosas violaçoens de honra, de justiça, e de humanidade, que os nossos inimigos tem executado, julga-se dispensada de fazer quaesquer reflexões sobre os documentos que attestaõ estas verdades. Nem se pertendaõ desculpar taõ infames acçoens com dizer que foraõ perpetradas por selvagens: toda a nação civilisada he responsavel pelo comportamento dos alliados, que pelejaõ debaixo das suas ordens; e assim como fica com a gloria de todo o bem que elles fazem, deveter igual parte no odio que excitaõ os seos crimes.

Mas ainda que este raciocinio seja exactissimo, não exprime com tudo a inexplicavel infamia do comportamento dos Inglezes na acção de 22 junto do rio Raisin. O assassi-

namento de 23, depois da capitulação, foi consummado sem que se tomassem medidas algumas para o impedir. He este hum facto, provado por todas as circumstancias: e se os officiaes Inglezes não contribuírao com as suas proprias mãos para esta carniceria, mostráoa pelo menos huma criminosa indifferença pela sorte dos desgraçados feridos. Porem o que prova mais do que tudo a depravação dos soldados Inglezes, hé o terem recusado aos cadáveres os ultimos officios de humanidade. Sim, os cadáveres dos nossos infelizes concidadaos ficáoa expostos á todos os insultos, e foráo devorados pelas feras, a vista de homens que affectáo o maior respeito pelas leis da humanidade e religião. Com effeito deve-se considerar como bem desprezivel o character de hum exercito, que chega a confessar que os seos alliados selvagens não lhe permitirao honrar as cinzas dos mortos. Os commissarios não poderao averiguar o effeito, que taes barbaridades tem produzido nas auctoridades civis e militares da fronteira, mas a escolha de hum trophéo Indiano para condecorar a sallá do Corpo-Legislativo do Alto-Canada, faz muito bem conjecturar qual fosse esse effeito.

A commissão julga-se obrigada a expor ao exame da Camera as provas das atrocidades cometidas em Hampton, ainda que ellas acontecerao depois que se começou a preparar este relatorio. Taes barbaridades podem racionavelmente considerar-se como huma consequencia do exemplo dado pelos officiaes das forças maritimas que cruzao sobre a costa.

As torpezas Britanicas vão sempre em augmento, e os soldados estão dispostos para fazerem as cousas mais abominaveis, pois que podem executar todo o mal com impunidade. Apezar de toda a indignação, que estes factos excitaão, não nos deve porem admirar que tropas, conduzidas pelos proprios officiaes para roubar e incendiar as cazas dos cidadaos desarmados, não sejao castigadas pelas suas violencias e assassinios. Mas para cada huma destas violaçoens das leis da humanidade os nossos inimigos achaão ou fabricaão huma excusa. Os prisioneiros feridos nas fronteiras do norte foráo assassinados pelos selvagens; e os doentes mortos, e as mulheres violadas em Hampton foráo victimas das tropas estrangeiras á soldo da Grao-Bretanha. Estes pretextos, ainda que se admitaão por verdadeiros, são tão miseraveis como o procedimento daquelles que são forçados á publica-los. A honra e a magnanimidade impoem a obrigação não só de prohibir os soldados de cometerem taes crimes, mas athe de prevenir que elles as possao perpetrar. E se em tal cazo, o soldado desprezando a disciplina, faz algum acto de vio-

lencia contra qualquer individuo a quem devia proteger, só o castigo exemplar do offensor pode restabelecer a honra da nação á quem o tal soldado pertence. Eis aqui o que se deveria provar com documentos, se os officiaes Inglezes se quizessem mostrar homens de honra, e dezesassem lavar de toda a nódoa o seo caracter nacional.

Os lamentos e os gritos das innocentes victimas dessas infernaes violaçoens, commettidas em Hampton, foraõ clarissimamente ouvidos pelos prisioneiros Americanos; e assim mesmo ainda naõ foraõ sufficientes para alterarem o repouzo dos officiaes Inglezes, cujo dever, como homens, era de proteger as fracas e desgraçadas mulheres, que lhes cahiraõ nas maõs. Os commissarios naõ quèrem insistir neste horroroso assumpto; porque a lingoagem humana naõ tem expressoens assas fortes para pintar os sentimentos que os penetráraõ ao examinar estes factos atrozes; e athe mesmo seria melhor que os Americanos os olhassem como falsos. Mas por desgraça, e para vergonha dos homens elles sentem o declarar, que esta verdade está palpavelmente demonstrada. Nas correspondencias dos commandantes Inglezes e Americanos encontraõ-se phrases, que equivalem muito bem a expressa declaração de todos os factos que temos mencionado. E como estas atrocidades, em lugar de inspirarem terror, como o inimigo talvez tinha imaginado, só podem produzir effeitos contrarios nos espiritos dos nossos concidadaons, a commissão vai apresentar ao exame da camera a seguinte resolução:—

Resolvido, que ao Prezidente dos Estados Unidos se requera, mande colligir e depois apresente na Camera, em quanto durar esta guerra, as provas de todas as infracçoens, commettidas pelo inimigo contra as leis da guerra, geralmente adoptadas por todas as naçoens civilisadas.

E U R O P A.

F R A N Ç A.

EXTRACTO

DA SECRETARIA DE ESTADO.

Palacio das Thuilleries, 20 de Dezembro.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c. &c. &c.—O Senado depois de ter ouvido os Oradores do Conselho de Estado decretou, e nós ordenamos o seguinte:—

Art. 1. O Corpo Legislativo elegerá huma commissão extraordinaria de cinco membros.

2. Cada hum destes membros será nomeado por hum escrutinio separado, e a sua eleição será determinada pela pluralidade de votos.

3. O Presidente do Corpo Legislativo terá jus a ser hum dos membros alem dos cinco.

4. Depois de nomeada a commissão, o Presidente do Corpo Legislativo a manifestará por meio d'huma mensagem.

5. Este decreto será levado ao Corpo Legislativo pelos oradores do nosso Conselho de Estado.

(Assignado) **NAPOLEÃO.**

Pelo Ministro, Secretario de Estado

(Assignado) **O Duque de BASSANO.**

Paris, 21 de Dezembro.

Corpo Legislativo, sendo Presidente sua Excellencia o Duque de Massa.

Depois de despachados os negocios ordinarios, o Conde Regnaud de St. Jean d'Angely fallou da maneira seguinte :

SENHORES,

Nas duas ultimas campanhas ainda que a victoria foi o fructo do nosso valor, com tudo a fortuna zombou dos nossos esforços. Na primeira hum daquelles invernos, cuja severidade apenas se observa apparecer em hum seculo, e na segunda hum abandono, e revoltas, das quaes a Europa nos offerece poucos exemplos, tem tornado abortivos os mais brilhantes successos. Felizmente, Senhores, a nossa nação, que na grande carreira de prosperidades soube dellas fazer o mais proprio uso, tem-se havido com heroicidade no meio dos seus infortunios; e depois de nas guerras precedentes ter generosamente derramado o seu sangue para defender dos males da guerra os territorios dos seus alliados, está resolutamente prompta a proteger os seus lares contra os assaltos do inimigo. As circumstancias urgentes do estado tem induzido o Imperador a chamar vos, a fim de exigir de vos, que coopereis a promover as suas vistas politicas e os planos da sua administração; digo vistas, e não segredos politicos; e he justo affirmemos, que o alvo do Imperador não tem sido outro, senão a defeza, e a independencia da honra, da industria, e do commercio da França, e seus alliados. Porem as naçoens, bem como os governos altamente movidas, e muito preoccupadas pelos acontecimentos mais recentes, esquecem-se daquelles mais distantes, apenas recordaõ-se das primeiras causas, e perdem de vista os aneis daquella cadeia historica, que unem o presente com o passado. Longe de mim, Senhores, o entrar agora na exposiçãõ de offensas, que nos tem perturbado; ellas tenderiãõ somente a irritar os coraçõens, a renovar resentimentos. Eu não desejaria lançar vistas retrogradadas; eu não desejaria que vos lembrasseis do passado; a não ser, que em cada huma das paginas, em que a sua lembrança está depositada, podessemos com facilidade ver, quem tem sido a causa provocadora da guerra. A guerra tem affligido a Europa há vinte annos; a ultima tem connexão com a primeira, e he a consequencia da sua origem. Será sufficiente referir-mos a sua causa; será sufficiente lembrar-nos, que he a França, á quem se tem devido os intervallos de paz, ou para melhor dizer, as pequenas treguas, durante as

quaes as naçoens tem respirado, para decidir-mos á quem se devem attribuir as desgraças, e a duração da guerra. A França não foi certamente a aggressora nem em 1792, quando ella foi invadida; nem no anno settimo, quando foi violado o tratado de Campo Formio; nem no anno oitavo, quando os Russos trespassaraõ a Alemanha, e Italia para ameaçar as nossas fronteiras; nem no anno decimo, quando foi transgredido o pacto de Amiens; nem na epoca da invasão da Baviera, quando foi retractada a paz de Luneville; nem na epoca, quando foi sepultado no esquecimento o tratado de Presburgo; nem quando foraõ abandonadas as convençoens de Tilsit; nem quando se conculcaraõ os tratados de Vienna, e Paris. Contemplemos pelo contrario a conducta da França; não he ella por ventura, que no meio das suas victorias, e conquistas annue ao armisticio de Leoben, e á paz que da hi rezultou? Não he ella, quem se cobre de gloria em Marengo, e vai pactuar em Luneville? Que vence em Austerlitz, e vai restituir a maior parte das suas conquistas, ou com estas presentear thronos? Que não tem recusado armisticios durante a guerra; paz durante as negociaçoens, nem antes do tractado de Presburgo, nem antes do de Vienna? Não tem neste momento as bases preliminares, propostas pelas Potencias confederadas, sido recebidas por Sua Magestade, o qual declara ao seo povo, aos seos alliados, aos seos inimigos, que da sua parte não ha obstaculos para a restauração da paz? Estas verdades relativamente as guerras precedentes são incontestaveis; ellas serão transmittidas á posteridade por aquelles inestimaveis padroens,—as paginas da historia.—Quanto aos factos mais modernos, elles serão provados por documentos, contidos na pasta do Ministro dos negocios estrangeiros; e Sua Magestade tem ordenado, se forme huma commissão, eleita dos membros deste Corpo, a fim de os averiguar. Em quanto as negociaçoens vão progredindo, as Potencias confederadas insistem em continuar com hostilidades: indicio evidente das medidas, que exigem a segurança do estado, e a honra da França. Sua Magestade vos tem ditto, Senhores, “As naçoens nunca podem pactuar com vantagem sem desenvolver toda a sua força;” porem ja a energia, que reina por toda a parte, e as numerosas levas, que em todos os lugares se observaõ em marcha, sufficientemente manifestao, que a nação Franceza está resoluta a defender o seo territorio, e a manter a honra das suas leis. O amor da gloria, o patriotismo, e o desejo de ver o nosso paiz florante são sentimentos, que nunca se extinguirão em peitos generosos. Elles são a fiança do zelo, com que vos, Senhores, unanimemente haveis de promover os esforços do

Ministerio, e apoiar, por meio de activos meios de defeza as negociaçoens, que se vão principiar. A França no anno oitavo menos poderosa, menos rica, menos abundante nos seus recursos, ameaçada pelo Norte, invadida pelo Sul, dilacerada no seo interior, exaurida nas suas financias, desorganizada nas suas administraçoens, receosa dos seus exercitos, de tudo triumphou: os máres lhe trouxeraõ as suas esperanças; em Marengo recobrou os seus loiros; e o tratado de Luneville lhe restituiu a paz. Eu tenho delineado este quadro, Senhores, a fim de que entreis no conhecimento da energia, com que a nação tem anteriormente mantido externa, e internamente a sua dignidade, e poder; a fim de que nossos amigos, e inimigos venhaõ ao mesmo tempo a entrar no espirito das vistas do nosso Monarca; a comprehender a força da nação; a moderação dos seus desejos; a sua ardente vontade por huma paz honroza; e a sua aversão á huma paz vergonhoza.

Paris, 22 de Dezembro.

O Corpo Legislativo constando do numero dos membros prescriptos pelo artigo 90 do acto de constituição de 22 de Frimaire do anno Oitavo (13 de Dezembro de 1799), procedeo a nomear os cinco membros, os quaes, segundo o decreto de Sua Magestade, devem compor, conjunctamente com Sua Excellencia o Presidente, a commissão extraordinaria ordenada pelo Decreto Imperial de 20 deste mez. Os nomes das pessoas eleitas foraõ declaradas pelo Presidente. Ellas são as seguintes o Cavalleiro Raynouard, Laine, Gallois, Flangergues, e o Cavalleiro Lemaine-de-Biran. O Corpo Legislativo resolveo, que Sua Excellencia o Presidente transmittise o presente acto de nomeação por huma mensagem á Sua Magestade o Imperador e Rei.

DECRETOS IMPERIAES.

Palacio das Thuilleries, 26 de Dezembro, de 1813.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c. &c.—Temos decretado, e decretamos o seguinte:—

Art. 1. Seraõ mandados Senadores, ou Conselheiros de estado para as divisões militares, em qualidade de nossos

commissarios extraordinarios. Estes seraõ acompanhados por Auditores, e Recebedores-geraes.

2. Os nossos Commissarios Extraordinarios estam encarregados de accelerar.

1. As levas de Conscripção; 2. o fardamento, petrechos, e armamentos das tropas; 3. O aprovizionamento das fortalezas; 4. A leva dos cavallos requeridos para o serviço do exercito; 5. A leva, e organização das Guardas Nacionaes, conforme aos nossos decretos.

Os nossos dittos Commissarios Extraordinarios seraõ auctorizados para extender as disposiçoens dos nossos dittos decretos, as cidades, e lugares que não são comprehendidos nelles.

3. Aquelles dos nossos dittos commissarios extraordinarios, que forem inviados para os paizes ameaçados pelos inimigos, ordenaram levas em massa, e todas, e quaesquer outras medidas que forem necessarias para a defeza do paiz, e pedidas pelo dever de obstar aos progressos do inimigo. Defora parte, ser lhes haõ dadas instrucçoens segundo a particular situação dos departamentos para onde elles forem mandados.

4. Os nossos commissarios extraordinarios estam auctorizados para ordenarem todas as medidas de alta Policia, que as circumstancias, e a manutenção da ordem publica exigirem.

5. Estam igualmente auctorizados para formarem commissoes militares, e fazerem vir á sua presença, ou a Tribunaes Especiaes, todas as pessoas accusadas de favorecerem o inimigo, ou de haverem communicação com elle, ou de perturbarem a tranquillidade publica.

6. Seraõ auctorizados para fazer proclamaçoens, e passar decretos. Os dittos decretos seraõ obrigatorios a todos os cidadaons. As auctoridades judiciaes, civis, e militares, seraõ obrigadas a conformar-se com elles, e a fazellos executar.

7. Os nossos commissarios extraordinarios, corresponder-se-haõ com os nossos Ministros, sobre os objectos relativos a cada huma das repartiçoens.

8. Gozaraõ em suas respectivas qualidades, das honras que lhes saõ concedidas pelos nossos regulamentos.

9. Os nossos ministros estam encarregados da execução do presente decreto, o qual será inxerido no Bulletin das Leis.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador,

(Assignado) O Duque de BASSANO, o Ministro
Secretario de Estado.

Palacio das Thuilleries, 26 de Dezembro.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rey de Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suisa, &c.

Em consequencia do nosso decreto de hoje, temos nomeado, e nomeamos por nossos commissarios extraordinarios.

Divisoens Militares.

Commissarios Extraordinarios.

2. Mezieres - Conde Bourneville.

Senadores.

3. Metz -	-	Chasset.
4. Nancy -	-	Coleben.
5. Strasbourg -	-	Ræderer.
6. Bezançon -	-	De Valence.
7. Grenoble -	-	De St. Vallier.
8. Toulon -	-	Gantheaume, Conselheiro de Estado.
9. Montpellier -	-	Pelet ditto.
10. Toulouse -	-	Gaffarelli, ditto.
11. Bourdeaux -	-	Garuir, Senador.
12. Rochelle -	-	Boissy d'Anglas, ditto.
13. Rennes -	-	Canelaux, ditto.
14. Caen -	-	Latour Maubourg, ditto.
15. Rouen -	-	Montesquieu, ditto.
16. Lille -	-	Villemanzy, ditto.
18. Dijon -	-	Segur, ditto.
19. Loon -	-	Chaptal, ditto.
23. Perigueaux -	-	De l'Apparent, ditto.
21. Bourges -	-	De Semonville, ditto.
22. Tours -	-	Leconteulx, ditto.
24. Bruxellas -	-	Pontecontant.
25. Liege -	-	De Peluse, ditto.

Recebedores Geraes, e Auditores, que acompanham os Commissarios.

Divisoens Militares.

Auditores.

2. -	-	Messrs. Heim, Auditor
3. -	-	Arnoult, ditto.
4. -	-	Peleve, ditto.

<i>Divisoens Militares.</i>	<i>Auditores.</i>
5. - -	Messrs. Belleville, R. G,
6. - -	——— Aubernou, Auditor
7. - -	——— De Beyle, ditto.
8. - -	——— Jordau Duplessis, ditto.
9. - -	——— De Fourment, ditto.
10. - -	——— De Fanat, ditto.
11. - -	——— Portal, R. G.
12. - -	——— Sanr, Auditor
13. - -	——— Laenée, R. G.
14. - -	——— Dumont de la Charnaye, Auditor
15. - -	——— De Brevannes, ditto.
16. - -	——— Joseph Parrier, ditto.
18. - -	——— Le Chapelier ditto.
19. - -	——— Depostes de Pardashom, do.
20. - -	——— Lahoye de Cormenin, ditto.
21. - -	——— De Montignei, ditto.
22. - -	——— Leconteulx, ditto.
24. - -	——— Couchelet, ditto.
25. - -	——— Delamalle, ditto.

(Assignado) NAPOLEAÕ.

SENADO CONSERVADOR.

Sessão de 27 de Dezembro de 1813, prezidida por S. A. S. o Principe Archichanceler do Imperio

Em nome da commissão especial, nomeada a 22 deste mez, o Senador Conde de Fontanes, hum dos seus membros, obteve a palavra, e fez á assemblea a seguinte exposição.

“ Monseigneur, e Senadores,—O primeiro dever do senado para com o monarcha, e para com o povo, he o fallar a verdade. E as extraordinarias circumstancias em que esta a nossa patria, ainda daõ maior força a esta nossa obrigação.

“ O Imperador he o primeiro que convida todos os grandes corpos do Estado para fallarem com toda a liberdade; e esta he sem duvida huma idea verdadeiramente real! O feliz desenvolvimento de todas estas instituiçoes monarchicas, pelas quaes o poder concentrado nas mãos de hum só adquire muito mais vigor pela confiança de todos,

fazendo que a opinião nacional seja a primeira salva-guarda do throno, da com effeito a conhecer ao povo toda a sua dignidade, que he a mais justa recompensa de todos os seus sacrificios.

“ Intenções tão magnanimas não ficaraõ por conseguinte frustradas.

“ Nesta conformidade, a commissão nomeada na vossa sessão de 22 de Dezembro, da qual eu tenho a honra de ser o relator, tem cuidadosamente examinado todos os papeis officiaes, que S. M. o Imperador lhe enviou pelo Duque de Vicenza.

“ As negociações de paz ja tem começado, e todos os seus progressos vos seraõ communicados. Assim não convem por hora anticipar o vosso juizo; porque he necessario ouvir primeiro a simples exposição dos factos, e por elles formar depois a vossa opinião, que deve preparar a de todos os Francezes.

“ Quando o gabinete d’Austria deixou o caracter de mediador, e quando tudo indicava que o Congresso de Praga seria prontamente dissolvido, o Imperador ainda tentou fazer hum ultimo esforço para a pacificação do continente. O Duque de Bassano escreveu ao Principe de Metternich. Propoz-lhe neutralizar hum ponto na fronteira, aonde as negociações de Praga se podessm renovar, ainda que as hostilidades continuassem. Mas desgraçadamente isto não poude ter effeito.

“ A epocha em que se fizeraõ estas proposições pacificas, era importantissima; porque isto aconteceu a 18 de Agosto passado. Ainda estava mui fresca a memoria das jornadas de Lutzen e Bautzen, e estes dezejos contra a prolongação da guerra se podiaõ de alguma forma chamar contemporaneos destas nossas duas grandes victorias.

“ Mas de nada aproveitáraõ os esforços do gabinete Francez; a paz tornou-se cada vez mais impraticavel; renováraõ-se as hostilidades, e os successos mudaraõ de figura. Os soldados dos Principes Alemaens, que entaõ eraõ nossos alliados, ja por mais de huma vez tinhaõ mostrado, combatendo debaixo das nossas bandeiras, que a sua fidelidade não era mui segura; á final se desmascararaõ, e uniraõ-se com os nossos inimigos.

“ Desde aquelle momento ja as combinações da campanha, tão gloriosamente principiada, não podiaõ dar os resultados que se esperavaõ. Por consequencia o Imperador vio que era necessaria evacuar a Germania. Poz-se pois em retirada com as suas tropas, pelejando sempre a cada passo; e apezar de todos os obstaculos que as traições

claras e occultas opunhaõ aos seos progressos e ás suas intençoens, novos tropheos marcáraõ a sua volta.

“ Nos o seguimos com anxiedade por meio de todos estes obstaculos de que só elle era capaz de triumphar; e com a maior alegria nos o vimos chegar as nossas fronteiras, sempre brilhante de gloria e de heroismo, ainda que sem a sua costumada boa fortuna.

“ Tanto que chegou a sua capital não quiz mais olhar para esses campos de batalha, aonde por quinze annos o mundo o tinha admirado; e athe desviou seos proprios pensamentos destes grandes projectos que havia concebido. Sim, eu me sirvo das suas proprias expressoens; elle se voltou todo para o seo povo; o seo coração se patenteou; e nós temos lido nelle os nossos proprios sentimentos. A paz foi o seo unico dezejo; e assim que achou possivel huma negociação, buscou logo aproveita-la. Os acontecimentos da guerra tinhaõ levado o Barão de St. Aignan ao Quartel-General das Potencias alliadas, e ali se encontrou com o Ministro Austriaco, Principe Metternich, e com o ministro Russiano, Conde Nesselrode. Ambos em nome das suas Cortes lhe propozeraõ em huma conversação confidencial as bases de huma geral pacificação. O Embaixador Britanico, Lord Aberdeen, taobem estava presente; e he bem senadores que vos não escape esta circumstancia importante. O Barão de St. Aignan, mostrando dezejos de participar á sua Corte o que se lhe tinha communicado, encarregou-se desta comissão. Ainda que a França tinha direito a que se lhe propozessem offertaes bem differentes, o Imperador sacrificou todas estas consideraçoens ao seo mui sincero dezejo da paz. Ordenou ao Duque de Bassano que escrevesse ao Principe Metternich, e o certificasse de que admittia por bases da negociação os principios geraes, que se continhaõ na relação confidencial de Mr. de St. Aignan. O Principe Metternich, na sua resposta ao Duque de Bassano, deo a entender, que ainda havia pouca clareza no modo porque a França mostrava aceitar estas bases preliminares.

“ Entaõ para remover todas as difficuldades, o Duque de Vicenza por ordem de Sua Magestade participou ao Gabinete Austriaco, que o Imperador aceitava todos os principios geraes e summarios, que lhe tinhaõ sido communicados por M. de St. Aignan. A carta do Duque de Vicenza he de 2 de Dezembro, e foi recebida a 5 do mesmo mez. Mas o Principe Metternich não respondeo senaõ a 10; e he necessario não perder de vistas estas datas, porque vereis logo quanta importancia isto envolve.

“ A resposta do Principe Metternich ao despacho do Duque de Vicenza da grandes esperanças de paz, e só no

fim da sua carta acrescenta; que antes de se abrirem as negociações, he preciso conferir a este respeito com os alliados. Estes alliados não podem ser outros senão os Inglezes; e apesar disto o seo embaixador achou-se presente a conversação que prezenciou M. de St. Aignan. Mas nós não queremos excitar desconfianças; relatamos simplesmente estes factos. Dizemos só, quaes são as datas da ultima correspondencia entre o gabinete Francez e o Austriaco; e que a carta do Duque de Vicenza serdo com toda a probabilidade recebida no dia 5, só teve resposta no dia 10.

“ Neste intervallo huma gazeta, que agora esta debaixo da influencia das Potencias alliadas, publicou a toda a Europa huma Declaração, que se diz feita por sua auctoridade. Mas realmente he bem triste o acredita lo.

“ Esta Declaração em nada se conforma com o estilo diplomatico dos Reys. Já não he aos Reys que elles expõem os seos agravos, e enviaõ os seos manifestos; dirigem-se ao povo: e qual sera o motivo deste seo novo procedimento? Creio que he para separarem a cauza dos povos da cauza dos seos governantes; ainda que o interesse social pede a sua mais intima uniaõ. Mas oxalá que este exemplo não seja ainda bem fatal! Sim, e que tempo não escolherão para isto; quando os espiritos do povo, agitados pelas paixões desordenadas do orgulho, recuzão sugeitar-se a auctoridade, que ainda mesmo os protege na occasiaõ em que reprime as suas temeridades? E contra quem este seo ataque indirecto he dirigido? Contra o grande homem, que merece a gratidão de todos os Reis; porque sendo elle o que restabeleceo o throno de França, tapou assim o abismo que ameaçava enguli-los á todos. Com tudo, he justo confessemos, que este manifesto respira a outros respeitoes huma extraordinaria moderação. Isto prova taobem que a theoria das coalicoens se tem grandemente aperfei oado. Talvez ainda se recordem quanto o manifesto do Duque de Brunswick irritou o grande povo; pois que ainda aquelles mesmos, que tinham opinioens contrarias as do tempo, se deraõ por offendidos na sua honra nacional ao ler taõ insultante manifesto. Tomáraõ por consequencia huma nova linguaagem; e de certo a Europa fatigada precisa muito mais de descanso do que de novos estimulos de paixões.

“ Mas se nos conselhos dos nossos inimigos respira taõmanha moderação, porque motivo quando nos fallaõ continuamente de paz, ameaçaõ ainda as nossas fronteiras que tinham prometido respeitar, e que não são outras mais do que o Rheno?

“ Se os nossos inimigos são tão moderados, porque violáraõ a capitulaçaõ de Dresda? Por que não fazem justiça aos nobres motivos de queixa do General, que ali commandava?

“ E se he tal a sua moderaçaõ, porque taobem não consentem na troca de prizioneiros na conformidade de todos os uzos da guerra?

“ Em huma palavra, se os protectores dos direitos das naçoens se mostraõ tão moderados, porque não respeitáraõ os da Suissa? Porque motivo, este sabio e livre governo, que á face da Europa declarou a sua neutralidade, verá os seus vales pacíficos, e as suas montanhas devastadas por todos os flagellos da guerra?

“ Concluamos, que a moderaçaõ he muitas vezes hum simples artificio diplomatico. E se nós quizessemos empregar o mesmo artificio, alegando taobem com a justiça e com a boa fé; como facilmente poderíamos confundir os nossos accusadores, servindo-nos das suas mesmas armas? Huma Rainha fugindo da Sicilia, e que depois de ter andado errante por diferentes lugares de desterro, foi a final buscar azillo para a sua adversidade no meio dos Ottomanos, prova evidentemente ao mundo o respeito que tem os nossos inimigos pela dignidade Real.

“ O Soberano da Saxonia foi por-se nas mãos das Potencias alliadas; e não fez elle isto em consequencia de seguranças que lhe deraõ? Funestos boatos se tem espalhado a seo respeito na Europa; oxala que nunca os vejamos realizados! Pode haver alguma consolaçaõ em ver punido, só porque foi fiel aos seus juramentos, hum Soberano ja curvado com annos e afflicçoens, e o modello de tantas virtudes? Mas não convem insultar nesta tribuna os governos; e nem ainda mesmo aquelles que nos tem insultado. Com tudo deve ser nos permittido o dar o seo valor verdadeiro á todas estas antigas e bem conhecidas accusaçoes, que se tem feito a todas as potencias, que mais tem figurado desde Carlos V. athe Luis XIV., e desde este ultimo athe o Imperador.

“ O sistema de invasaõ, de preponderancia, e de monarchia universal tem sido sempre os gritos de uniaõ para todas as coalizoens; e do meio destas mesmas coalizoens, pasmadas da sua imprudencia, muitas vezes tem sahido huma potencia muito mais ambicioza do que aquella contra quem todos combatiaõ.

“ Os abusos do poder estaõ marcados com caracteres de sangue nas paginas da historia. Todas as naçoens tem errado, e todos os governos tem commettido excessos: assim, todos mutuamente taobem se devem perdoar.

“ Se as potencias alliadas, segundo estamos persuadidos, dezejaõ sinceramente a paz, eu não vejo obstaculo algum para que esta se consiga. Pelos extractos dos papeis officias esta demonstrado que o Imperador dezeja a paz, e alem disso ainda esto pronto a compra-la á custa de grandes sacrificios; no que desprezando a sua gloria pessoal só attende á felicidade da nação.

“ Quando olhamos para esta cealisaõ, composta de elementos taõ contrarios; quando vemos a fortuita e bem extraordinaria mistura de povos que a natureza fez rivaes; quando reflectimos em fim, que muitos delles, por estas inconsideradas allianças se expoem a perigos que não são meras illusoens; não podemos neste caso acreditar, que hum tal uniaõ de interesses taõ differentes possa por muito tempo subsistir.

“ Não vejo eu no meião das fileiras inimigas hum Principe verdadeiramente Francez, e nascido em hum paiz, aonde todos os sentimentos nacionaes são muito mais fortes e expressivos? Sim, o grande capitaõ que em outros tempos ja defendeo a França, não pode conservar-se por largo espaço armado contra ella. Alem disto devemos lembrar-nos igualmente, que o monarcha do Norte, e o mais poderoso de todos, não tardará muito em acrescentar os titulos da sua gloria com a amizade do grande homem, contra quem agora combate. Os nossos olhos se voltaõ taobem com grande confiança para este Imperador, que por tantos laços esta unido com nosco, que nos deo o mais bello presente que podiamos dezejar, dando-nos a nossa amada Soberana; e que deve lembrar-se que o seo neto he o herdeiro do Imperio Francez.

“ E havendo taes motivos e taõ fortes, será ainda a paz difficultoza? Oxa-la pois que o lugar para as conferencias seja immediatamente designado, que os Plenipotenciarios de ambas as partes concorraõ com os nobres dezejos de darem a paz ao mundo. Oxa-la, que mostrem tanta moderação nos seus conselhos como nas suas palavras; pois que as Potencias alliadas são as mesmas que tem ditto em huma Declaração que se lhes attribue:—Huma grande nação não deve decahir da sua ordem politica por ter soffrido pela sua vez alguns revezes em huma desgraçada e sanguinolenta lucta, na qual todavia combateo com a sua bravura acostumada.

“ Senadores, nós não cumpririamos com os deveres anexos a vossa comissaõ, se ao mesmo tempo que demonstramos as pacificas intençoens do Imperador, não dessemos a saber ao povo pelas nossas ultimas palavras, o quanto elle deve a si mesmo, e deve ao seo Monarcha.

“ O momento he decisivo. As Potencias estrangeiras tem huma lingoagem pacifica; porem algumas das nossas fronteiras ja estaõ invadidas, e a guerra ja está as nossas portas. Trinta e seis milhoens de homens não devem manchar a sua gloria, nem frustrar os seus destinos. As naçoens, que agora figuraõ mais nesta grande lucta, tem soffrido numerosos revezes; ja por mais de huma vez as armas lhes tem cahido das mãos, e as suas feridas gotejaõ ainda sangue. A França taõbem recebeu ja algumas feridas, mas estas não são ainda bastantes para a prostrar: as suas calamidades lhe devem dar tanta gloria como os seus triumphos passados lhe tem dado. O abatimento na adversidade seria ainda mais indigno do que hum orgulho vaidoso na prospera fortuna. Assim para fazer a paz, hé preciso recorrer ás armas, e que estas auxiliem as negociaçoens. Convem pois collocar-nos em roda desse diadema, que o esplendor de cincoenta victorias ainda faz brilhar a travez de huma nuvem passageira. A fortuna não desampara nunca essas naçoens que sabem conservar sua dignidade. O appellar-mos pois para a honra nacional hé para conquistar huma paz que nunca sera possivel conseguir pela fraqueza, mas só por huma intrepida constancia: huma paz em fim, tal como o imperador se obriga a dar-nos, em recompensa dos nossos grandes sacrificios. Temos por consequencia a doce confiança, de que os seus desejos e os nossos se veraõ realizados: e que esta brioza nação, depois de tantos trabalhos e tanto sangue derramado, poderá em fim repouzar-se protegida por hum throno, que tendo ja bastante gloria, só pertende para o futuro cercar-se de todas as imagens consoladoras da publica felicidade.”

Paris, 30 de Dezembro.

Hoje quinta feira 30 de Dezembro as duas horas, Sua Magestade o Imperador e Rei assentado no seo throno, rodeado dos seus Principes, Grandes Dignidades, o Ministro, &c. &c. &c. recebeu o Senado em corporação quando o Presidente, sua Excellencia o Conde Lacedede, fez á sua Magestade a seguinte falla.

Senhor,

O Senado vem offerecer á vossa Magestade Imperial o tributo do seo affecto, e gratidão pelas ultimas communicações, que tem recebido por meio dos seus delegados.

Vossa Magestade tem mesmo approvado as propostas de vossos inimigos as quaes vos tem sido transmittidas por hum dos vossos Ministros na Alemanha. Que maior indicio podieis vos dar do sincero fervor, com que desejai a paz! Vossa Magestade está certamente persuadido, que hum poder para ser forte, exige seja limitado; e que a maior politica dos reis he promover a felicidade dos seus Povos. Por taes sentimentos o Senado vos agradece em nome da nação Franceza. He tambem em nome da mesma nação, que nós vos rendemos as graças por todos os meios legitimos de defeza, que a vossa sabedoria empregar para obter huma paz solida. O inimigo tem invadido o nosso territorio. Elle intenta penetrar ate o seio das nossas provincias. Os Francezes unanimes em sentimento, e interesse, commandados por hum tão illustre capitaõ como vos, jamais deixaraõ de ter a sua costumada energia. Os imperios, bem como individuos, tem os seus dias de revezes, e prosperidade; he no meio dos infortunios, que as grandes naçoens mostraõ o seu heroismo. Não, o inimigo jamais hade dilacerar este bello, este illustre imperio, o qual por entre tantas alternativas da fortuna tem nestes quinze annos mantido o seu esplendor; e qual mesmo para beneficio das naçoens vezinhas he muito essencial para equilibrar a balança do poder na Europa. A vossa grande firmeza de animo, e a honra nacional são penhores do feliz successo, com que terminaremos esta contenda. Nós defenderemos o nosso paiz; nós sacrificaremos por elle as nossas vidas entre os jazigos de nossos pais, e os berços de nossos filhos. Senhor, alcançai a paz por hum ultimo esforço digno de vos, e dos Francezes: e fazei, que a vossa mão, tantas vezes victoriosa, deponha as armas, depois de ter assignado o repouso do mundo. Este he o desejo, e a necessidade da especie humana. Sua Magestade replicou, " eu estou persuadido da sinceridade dos sentimentos, que vos me professais. Vos tendes visto pelos documentos, que eu tenho ordenado vos fossem apresentados, o que eu faço por amor da paz. Eu com prazer farei os sacrificios contidos nas bases preliminares, que o inimigo sem proposto, e á que eu tenho annuido; em toda a minha vida não tem as minhas vistas tido outro alvo, senão a felicidade do povo Francez. Entretanto os alliados tem invadido o Bearn, a Alsacia, e la Franche Comté. Os gritos desta porção cara da minha familia chegão-me ao fundo da alma. Eu chamo ás armas os Francezes para socorrerem seus irmãos. Eu chamo os Francezes de Paris, da Bretanha, da Normandia, da Champanha, e d'outros districtos, a fim delivrarem os seus compatriotas das garras do inimigo.

Dezempara-los hemos nós no meio das suas desgraças? A paz, e a libertação do nosso territorio deve ser a nossa voz de reuniaõ. A' vista de toda esta nação armada o inimigo fugirá, ou hade assignar a paz segundo as bases, que elle mesmo tem proposto. Agora ja nao tratamos de emprendero recobrar as conquistas, que temos feito."

DECRETO IMPERIAL.

Palacio das Thuilleries, 8 de Janeiro.

Napoleão, Imperador dos Francezes, Rei da Italia, Protector da Confederação do Rheno, Mediador da Confederação Suissa, &c. Nós temos decretado, e decretamos o seguinte :

1. A Guarda Nacional da nossa boa cidade de Paris será posta em actividade.
2. O Imperador a commandará em Chefe.
3. O Estado Maior será composto de hum Major-General, segundo em commando, de quatro Majores-Generaes Assistentes; de quatro Ajudantes Commandantes; e de oito Capitaes Assistentes.
4. A Guarda Nacional de Paris será composta de huma legião em cada bairro; cada legião de quatro batalhoens, e cada batalhaõ de cinco companhias; hum das quaes constará de granadeiros, e as outras quatro de fuzileiros. As quatro companhias de granadeiros de huma legião formaraõ hum batalhaõ *d'elite*, o qual será chamado o batalhaõ *d'elite* de tal legião.
5. Cada legião será commandada por hum Coronel, e hum Ajudante-Maior. O Ajudante-Maior será escolhido do numero dos officiaes reformados.
6. Cada batalhaõ será commandado por hum Tenente-Coronel, e hum Ajudante.
7. Cada companhia será organizada da maneira seguinte. Hum Capitaõ, hum Tenente, 2 segundos Tenentes, hum primeiro sargento, 4 sargentos, 1 forriell, 8 cabos de esquadra, 2 tambõres, e 103 soldados. Total de huma companhia 125 homens.
8. Os Generaes, e Coroneis prestaraõ hum juramento na

nossa presença. Os officiaes de outras graduacoens o prestarão na presença de nosso primo o Vice-Condestavel.

8. Os officiaes, e officiaes inferiores devem fardar-se com o uniforme das Guardas Nacionaes. Os granadeiros estão obrigados a fornecer-se de fardamento, armas, e o mais necessario á sua custa.

9. O nosso Ministro do Interior nos apresentará a lista dos officiaes.

10. Individuo algum poderá substituir a outro para o serviço das Guardas Nacionaes, excepto hum pai a seo filho, hum sogro a seo genro, hum tio a seo sobrinho, e hum irmão a seo irmão.

11. O nosso Ministro do Interior está incumbido de por em execucao o presente Decreto.

(Assignados)

NAPOLEAÕ.

Pelo Imperador o Ministro Secretario de Estado.

(Assignado.)

O DUQUE DE BASSANO.

ALEMANHA.

BULLETINS DO PRINCIPE DA COROA.

No. XXIX.

Quartel-general de Neumunster, 12 de Dezembro.

S. A. R. depois de ter passado pelo Oldesloh, e Segeberg, removeo o seo quartel-general para Neumunster no dia 11 do presente mez. As tropas do General Borstell tiverão huma escaramuça com o inimigo diante do Wesel no dia 2 de Dezembro. A resulta foi nos favoravel. O regimento de Cossacos de Bisculoff, o qual tem-se portado heroicamente em muitas outras occasioens, cobrio-se de gloria nesse dia. O sargento-mor Knoblock, do corpo do General Borstell, surpredeo a villa de Neuss, situada de frente de

Dusseldorf. Hum aguia, hum coronel, 18 officiaes, e alguns centos de soldados foraõ ahi tomados. Tambem tomou-se posse de hum armazem de provisoes, e fardamento. O Coronel Hole que commandava a expedição, perseguio o inimigo ate a estrada, que vai dar a Juliers. Assim as tropas do exercito do Norte da Alemanha se achão situadas no territorio Francez. He com tudo de esperar, que a grande confederação, que tem pegado em armas pela liberdade, e independencia do continente, não se veja obrigada a proceder na sua marcha, e a demandar na antiga França aquella paz, de que todo o mundo tam urgentemente necessita. Depois de hum breve bombardeamento, o corpo do General Winzingerode fez-se senhor do forte de Rothenburg. A guarnição fica prisioneira de guerra. O Principe de Eckmuhl intentando obter intelligencias, e fazer prisioneiros, fez huma sortida de Hamburgo com toda a sua cavallaria, a qual elle tinha apoiado com huma reserva de varios batalhoens. Este corpo debaixo das ordens do general de divizaõ Vichery, atacou o posto avançado dos Cossacos situados em Tondorff, e proseguio a sua marcha com tanta impetuosidade, que chegou, á Rahlstedt ao mesmo tempo com o piquete. O regimento de Cossacos alojado neste lugar vio-se obrigado a retirar sobre o Seik, onde o General Woronzoff tinha posto o General Pahlen com seis esquadroens de cavallaria regular. Em menos de quatro minutos estas ultimas tropas estiverão em armas. O General Pahlen, celebre no exercito pelos seus talentos militares, e sua grande intrepidez, immediatamente se poz á testa dellas, e as guiou ao combate. O Coronel Timen á frente d'hum esquadraõ do regimento de Izoam, principiou o ataque com tal vigor, que brevemente derrotou o inimigo, o qual desde entaõ foi posto em hum destroço total. Elle foi perseguido ate Wandsbeck. A estrada entre Seik e Wandsbeck estava coberta de cadaveres; se numerarão mais de 200; e os prisioneiros, entre quaes havia hum official, excederão 150. O Coronel dos dragoens Jutland morreo das suas feridas. O General Dorenberg atacou com tres batalhoens tres regimentos de infantaria Dinamarqueza, o qual tinha sahido fora de Oldesloh. O inimigo foi vivamente perseguido ate Bode, porem a noite pôz termo ao combate. O General fez alguns prisioneiros. Hum esquadraõ de lussares desmontados atacou a aldea de Benthorst, onde estava huma companhia de infantaria Dinamarqueza: fez vinte prisioneiros, e dispersou o resto. Hum destacamento da guarda avançada do General Walmoden tem tomado parte da bagagem do inimigo perto de

Eckenföhrde, e tambem fez alguns centos de prisioneiros. O General Tettenborn, o qual tem passado o Eyder com o seo corpo, tem-se feito senhor de Frederickstadt, Tonningen, e Husum, e tem mandado destacamentos para Flenburg, e Sleswick. Elle tem cercado o forte de Vollerwick; e tem sorprendido em Hanau 120 carros, que transportavaõ os doentes para o hospital de Altona. Cento e vinte da escolta foraõ aprisionadõs: a noite deo oportunidade, a que o resto escapasse. Em Husum tomou 7 peças de canhaõ. O General tem tambem desarmado o *Landstrum* de Tonningen, e Husum. Nestes lugares se tomaraõ mais de trezentas espingardas. Hum dos seos destacamentos tem destruido os depositos de cavallaria, que estavaõ em Itzehoe. O inimigo tem tido muitos homens feridos, e mortos. Tem-se aprisionado hum official, 100 soldados, e 120 cavallo. O exercito Sueco tem-se avançado sobre o Eyder entre Rendsburg, e Kield. Os seos destacamentos occupaõ este ultimo lugar. O quartel-general do Marechal Conde Stedingk está em Preetz. Os habitantes de Ploem, e de Eutin tem recebido as tropas Suecas com grandes acclamaçoens de alegria; e para testemunhar o seo prazer tem illuminado os dittos lugares. O General Skioldebrand, o qual estava empregado em perseguir o inimigo, avistou-se com elle de frente de Bornhoft. Elle achou, que a sua força, constando de tres batalhoens de infantaria, e dois regimentos de cavallaria, estava formada em ordem de batalha, e que tinha huma batteria de seis peças sobre o seo lado esquerdo. O fogo da sua metralha era vivo e destruidor, com tudo o General Skioldebrand elle mesmo pôz-se á testa das suas tropas, e com tal vigor atacou o inimigo, que assenhoreou-se da bataria, destroçou os batalhoens, e os obrigou a depôr as armas. A cavallaria do inimigo deitou a fugir: a do General Skioldebrand a perseguio deixando meramente hum esquadraõ para receber os batalhoens, que se tinhaõ rendido. Movidas pela perfidia, ou pela instigaçaõ de alguns dos seos officiaes, estas tropas de novo pegaraõ em armas, fizeraõ fogo sobre a nossa cavallaria, e occasionaraõ grande detrimento. Alguns esquadroens de hussares, que perseguiraõ o inimigo, immediatamente voltaraõ ao ataque, e passaraõ á espada estes batalhoens. Como o inimigo tinha na aldea de Bornhoft hum grande corpo de reserva, não foi possivel tomar mais, que a bataria, e perto de 300 prisioneiros. O numero de mortos e feridos do inimigo he mui avultado; a nossa perda chega quasi á 200 homens, e outros tantos cavallos. Entre os mortos acharaõ-se o Capitaõ Planting, e o Ajudante Cock

dos *Morner* hussares, e entre os feridos o Coronel *Ceders-*
trom do mesmo regimento. A cavallaria Sueca nesta occa-
siaõ houve-se com huma rara intrepidez; ella atacou em
hum terreno mui escabroso cavallaria, artilharia, e infan-
taria, e em todos estes assaltos sahio victoriosa. He com
pezar nos vimos obrigados a relatar combates, em que tem
sacrificado as suas vidas os filhos do Norte. Longe de
blazonar-nos delles, os devemos sepultar no silencio, e
lamenta los. O soberano, cuja politica os tem provocado
he o unico, que pode desejar, que elles se prolonguem.
Lisongeamo-nos com a esperança, que o Rei de Dinamarca
cedo porá termo á esta guerra de irmaõs; e que o seo reino
e o da Suecia apresentem a imagem de huma familia unida,
tranquilla e feliz. O inimigo cortado do caminho de
Rendsberg pelo General *Walmoden*, retirou-se para *Kiel*
perseguido pelo General *Skioldebrand*. Elle passou o canal,
e procedeo para a fortaleza ao longo da ribanceira opposta,
tendo destruido as pontes. Estas não se podiaõ reparar
senão depois de vinte e quatro horas. O General *Walmo-*
den, que tinha se avançado ate *Klawenack*, ordenou se
lançassem novas pontes sobre o canal; e destacou o General
Dornberg para *Ekemfohrde* tendo recebido intelligencia,
que o inimigo se retirava para este districto. A guarda
avançada do General *Walmoden* ha muito antes, que tinha
passado. Alguns batalhoens e hum regimento de hussares,
que estavaõ incumbidos de guardar a ponte, e prevenir, que
se cortassem as communicaçoes com o General *Dornberg*,
foraõ atacados em *Ostenrode* pelo exercito do inimigo; o
qual sem duvida receando, que seria destroçado se mar-
chasse para *Colding*, resolveo-se repentinamente tomar a
derrota de *Flendsburg*. Como o corpo do General *Walmo-*
den estava separado, por consequente não podia chegar a
tempo de tomar parte na acção. Este General susteve com
quatro batalhoens, hum regimento de hussares, e quatro
peças de canhão, hum longo e obstinado combate contra
huma força pelo menos de 10,000 homens, a qual tinha
em addiçãõ huma numerosa artilharia. O successo foi por
muito tempo indeciso, porem a final o inimigo assenhoreou-se
da estrada, que vai dar á *Rendsberg*. Os soldados muitas
vezes viraõ se mutuamente misturados; e ainda que o
numero dos Dinamarquezes era na proporçãõ de tres contra
hum, com tudo o Conde *Walmoden* teve a gloria de ficar
com o campo da batalha. Os cassadores a pé e a cavallo de
Mecklenberg, os quaes formavaõ a guarda avançada do
General *Vege sack*, chegaraõ a tempo de tomar parte no
combate, e de decidi-lo. A sua cavallaria atacou valorosa-

mente o regimento de Holstein de baixo d'um fogo cruzado de varios batalhoens, que estavaõ embuscados. O Principe Gustavo de Mecklenberg, que se tem sempre portado com heroismo, foi ferido nesta occasiaõ. Estimulado pelo seo grande valor elle chegou mesmo a penetrar ate o centro das fileiras do inimigo, as quaes o aprisionaraõ: porem foi ao depois trocado por hum official de igual graduacaõ. Muito desejamos, que as suas feridas o naõ previnaõ de continuar no serviço. Todo o elogio, que lhe fizessemos naõ seria proporcionado á sua bella conducta. O Coronel Muller dos cassadores de Mecklenberg portou-se admiravelmente. O Conde Walmoden perdeo neste combate huma peça de canhaõ, e de 500 para 600 homens mortos, feridos e estraviados. A perda do inimigo, segundo elle mesmo confessa, he mais de 1,000 homens. Nesta batalha, a qual tem cuberto de honra o Conde Walmoden, e na precedente, a qual constou de escaramuças, o ditto General tomou oito peças de canhaõ, e 400 prisioneiros. O joven Muhlenfels Tenente da legiaõ dos hussares, e Maurenholz Tenente da mesma legiaõ, com vinte hussares e igual numero de cassadores Hanoverianos, tem feito prodigios de valor, e tomaraõ cinco peças de canhaõ. O Principe de Hesse tem pedido hum armisticio. He provavel, que cedo terminem as desavenças entre a Suecia e Dinamarca, e que este reino cedo se una com as potencias confederadas.

No. XXX.

Quartel-general, Kiel, 16 de Dezembro.

Tem-se annuido ao armisticio requerido pelo Principe de Hesse. Principiou no dia 15 do prezente mez a meia noite e finalizará no dia 29 á mesma hora. Nos aproveitaremos este intervallo para accelerar as operaçoens contra Hamburgo. O exercito Dinamarquez só poude entrar em Rendsberg, para assim dizer, por hum milagre. A ter-se demorado mais duas horas, ver-se hia obrigado a depôr as armas, ou a dispersar-se. O forte de Wollerwyk tem-se rendido ao corpo do General Tettenborn, depois de ter sido canhonado por alguns dias. A guarniçaõ fica prisioneira de guerra, e com condiçaõ de naõ servir ate ser trocada.

No dito forte tomaraõ-se dezoito peças de canhão, e dez morteiros. O numero de peças de artilharia, tomadas pelo General Tettenborn, desde a sua entrada nos Ducados, monta á trinta e oito.—Os talentos característicos dos Cossacos de se desembaraçarem de todas as difficuldades, quando nellas se achaõ envolvidos, manifestaraõ se nesta occasiaõ. Faltando-lhes artilheiros, elles mesmos manejarãõ a artilharia, com a qual fizeraõ fogo contra a bateria. O tempo mais severo, caminhos quasi impraticaveis, nada pode obstar ao ardor destes guerreiros. Hum exercito, que tiver Cossacos ao seo commando, sempre achará as suas operaçoens, e successos facilitados pela sua vigilancia. Os fortes de Frederiksort, e Gluckstadt não estaõ comprehendidos no armisticio. Se o Governo Dinamarquez dezeja a paz, estes lugares não soffrerãõ os estragos de hum bombardeamento. O exercito tem feito alto no meio da carreira dos seos successos; o tempo que elle perde em demorar-se pela conclusãõ da paz, he de huma importancia incalculavel. Assim tem os Alliados dado á Dinamarca, e á Europa huma prova evidente da sua moderaçãõ. Se as hostilidades se renovarem, será sem duvida hum grande infortunio: pôrem jamais poder-se-ha exprobrar os Alliados com as tristes consequencias, que dahi resultarem.—Dois regimentos de Cossacos, do corpo do General Bendorff, tem-se avançado ate Breda. A guarniçãõ tem evacuado este lugar, e retirou-se para Antwerp, perseguida pelos Cossacos. Breda, onde se aprisionaraõ 600 homens, foi immediatamente assenhoreada pelas tropas alliadas. Assim o exercito do Norte da Alemanha occupa neste momento, huma linha desde Breda ate Dusseldorf. Em consequencia do armisticio reunio todas as suas forças em Schleswig; e as suas tropas occupaõ neste Ducado huma linha desde Eckernforde ate Husum. E taes disposiçoens se tem tomado, que na extremidade de cada huma das suas alas em tres dias de marcha se pode formar hum exercito de 35,000 homens.—Esta exposiçãõ deve ser sufficiente para convencer a Dinamarca da injustiça, que ella tem feito aos Alliados, e á causa commum. Os interesses daquelle governo perdem, na demora de hum dia—hum seculo.

No. XXXI.

Quartel-general de Kiel, 21 de Dezembro.

O General Benkendorf fez-se senhor de Gertruydenberg. O General Loranzare, que la commandava volta para a França com a sua guarnição debaixo da palavra de não servir contra os Alliados durante hum anno.—A fortaleza de Williamstadt foi evacuada com tanta precipitação, que o inimigo abandonou 20 barcas canhoneiras, que la estavaõ. Em todas as cidades da Hollanda, que tem sido restituídas á liberdade, estaõ-se formando guardas civicas. Gluckstadt está sitiada. Se a praça não se render, apenas se formar o primeiro gelo, hade ser assaltada. O inimigo tinha collocado em huma posição mui vantajosa, perto da aldeia de Ivenslotz, huma bateria de quatro peças de calibre 18, com vinte infantes para a manejarem. Hum batalhaõ da brigada do General Boye assenhoreou-se da bateria, perseguio o inimigo debaixo do fogo de metralha da fortaleza, e fez muitos prisioneiros. Tinhaõ-se feito todas as preparaçoens para se atacar a fortaleza de Fredericsort: as tropas da segunda brigada debaixo do commando do General Baraõ de Posse, estavaõ a 300 passos da muralha. Depois de hum fogo mui forte, que durou hum dia e huma noite, e que os nossos soldados sustiveraõ com aquella coragem característica das naçoens do Norte, capitulou o commandante no dia 19. Achámos na praça 101 peças de canhaõ; muitas muniçoens incluindo 400, ou 500 quintaes de polvera. A guarnição fica prisioneira de guerra.

No. XXXII.

Quartel-general de Kiel, 26 de Dezembro.

Algumas barcas canhoneiras de Hamburgo tendo-se a vizinhado á Blankenese, provavelmente com a intenção de aprisionar alguns botes, que la estavaõ, o General Woronzow mandou para as margens do Elbe hum destacamento de

tropas com huma peça de artilharia. Daqui resultou huma acção com as embarcaçoens Francezas, as quaes traziaõ oito peças de canhão; quarenta Russos de infantaria ligeira embarcaraõ-se em botes, a fim de as abordar; porem o inimigo, naõ obstante a sua superioridade, deitou a fugir a toda a vella tendo o vento a seo favor; e foi por muito tempo perseguido pelos Russos. O Commandante das barcas canhoneiras foi morto.

O Major General Boye, o qual commanda as tropas defronte de Gluckstadt, tendo ordenado o regimento de Kronoberg de assenhorear-se d'uma porção de terreno, o qual, situado diante da fortaleza, estava defendido por huma bateria de artilharia grossa: a guarnição, ao dar a fortaleza signal com hum tiro de peça, fez huma sorrida. A contenda foi renhida, e o inimigo foi rechaçado com grande perda para dentro das suas muralhas. O regimento manteve o terreno, e, naõ obstante o fogo activo de metralha da fortaleza, naõ cessou de proceder em fortifica-lo; teve nesta acção varios mortos e feridos, entre os quaes ha dois officiaes. As baterias se haõ de completar no dia 25 do presente mez.

O armisticio tem-se prolongado ate o dia 6 de Janeiro em consequencia de assim o ter pedido o Rei de Dinamarca. Este intervallo he sem duvida mui longo; porem o detrimento, que dahi prover aos Alliados, elles o julgaraõ de pouco momento, se antes da sua terminação estiverem estabelecidas as bazes da paz com a Dinamarca. A Suecia tem offerecido condiçoens vantajozas á este governo; e o bem geral, e os interesses daquelle governo seraõ sem duvida promovidos se ellas forem aceitadas, o que muito dezejamos. A Europa imparcial saberá apreciar a magnanimidade desta offerta, a qual dá huma nova prôva da moderação da Suecia, e do seo ardente dezejo de restaurar a paz ao Norte. A Suecia tinha jus á Noruega pelos tratados os mais sagrados, e solemnes; jamais garantia alguma teve huma assinatura mais magestosa, e jamais nação alguma insistio com maior razaõ, que a Suecia, sobre tratados, que libertavaõ a Peninsula Scandinavia da influencia e politica de Napoleaõ. As esperanças da paz tem augmentado o dinheiro papel Dinamarquez cento por cento. Este he o thermometro do juizo da nação. Apenas se renovarem as hostilidades, o papel perdera o seo valor.

Naõ obstante a suspensaõ de armas, hum comboio Anglo-Russiano e Prussiano tem sido atacado no Sunda por corsarios Dinamarquezes e Francezes, e cahiria nas maõs destes piratas, a naõ ser defendido por navios de guerra Suecos.

Este comboio estava carregado com mercadorias de grande custo, e entre outros artigos, com espingardas e fardamento.

Durante o armistício hum Official Russiano, o qual levava despachos de Frankfort para o Conde Walmoden, errando o caminho veio dar com sigo debaixo das muralhas de Rendsberg. Sendo levado á presença do commandante, se lhe tiraraõ os despachos, foraõ abertos, e lidos: e dois destes, os quaes eraõ dirigidos ao Ministro Inglez, tem sido retidos pelo commandante.

No. XXXIII.

Quartel-general de Kiel, 16 de Jan. 1814.

Naõ querendo estar o Governo Dinamarquez pelas bases que se lhe propozeraõ para a paz, as hostilidades se renováraõ esta manham.

Ja está formado o bloqueio de Rendsbourg; e os postos avançados da guarnição foraõ compelidos a retirar-se para debaixo da artilharia da Praça.

Nomeou-se hum Governador Geral para os Ducados de Holstein e Schleswick. Hum corpo inimigo de mais de 10,000 homens, com 25 a 30 peças de artilharia, fez hum ataque contra Breda; d'onde o General Benkendorff, que defendia a Praça, auxiliado por hum combinado movimento dos Generaes Bulow e Graham, o forçou a retirar-se. Aquelle General portou-se nesta oceazião, assim como em todas as outras, com hum valor e sangue frio proprio do seo character, e dos talentos que o distinguem.

O Coronel Narishkin fez huma expedição na margem esquerda do Rheno; e aprizionou o Coronel do 20 Regimento de Caçadores, com hum Official inferior, e alguns Soldados.

Huma parte do Exercito do General em Chefe, Conde Bennigsen, rendeo o Corpo do Tenente General Conde Woronzow, que estava de frente de Hamburgo. A occupação de Ochsenwerder, que as suas tropas tomáraõ, inquietou muito o Principe d'Eckmuhl. Diferentes tentativas ja este tem feito para fazer passar para li algumas tropas

em barcos ; mas tem sido constantemente repellidas pelos Caçadores Russianos. He mui consideravel a dezerção das tropas que formão a guarnição.

A Legião Hanseatica, que tinha recebido hum mez de soldo, foi immediatamente offerece-lo para soccorrer os desgraçados habitantes de Hamburgo, que foraõ dali expulsos pelo Principe d'Eckmuhl. Hum tal acto de beneficencia lhe faz huma honra extraordinaria ; porque fizeraõ donativo de hum dinheiro, de que elles mesmos muito precisavão para comprar differentes couzas necessarias.

A Fortaleza de Gluckstadt capitulou hontem á noite, e foi esta manham occupada pelás tropas Suecas. A guarnição ficou prizioneira de guerra, e será transportada para a Ilha de Alsen, debaixo da obrigação de não servir por hum anno contra os Alliados. O seo numero excede a 3,000 homens. O General Boye, e todas as suas tropas, deraõ neste cerco grandes provas de valor e perseverança. O terreno que rodea a fortaleza foi inundado, e os sitiantes tinhaõ que combater contra a chuva, e huma agoa pouco sadia. Finalmente, foi necessario formar as paralelas debaixo de hum fogo mui vivo de balas e metralha. Qualquer idea que se faça das privaçoens e soffrimentos que se passáraõ no sitio desta praça, no meio do inverno, he mui inferior ao que padeceraõ os Soldados nesta occasião.

As fadigas, que soffreraõ, não só manifestaõ os grandes talentos do General, mas o bom espirito de que a sua tropa estava animada. As operaçoens da artilharia foraõ derigidas com igual intelligencia e intrepidez pelo Capitaõ Hygrell. A artilharia Sueca e Ingleza, e os corpos destacados do Conde Woronzow tem-se eminentemente distinguido. O General Baraõ de Boye louva com a maior particularidade os talentos dos Capitaens Thersner e Melander do corpo de Engenheiros. O Capitaõ Inglez Farquhar teve com a sua flotilha huma parte mui honroza e activa no ataque da praça, e grandemente contribuiu para que ella se rendesse.

Gluckstad hé huma praça de grande importancia para a navegação do Elbo, e nella encontramos 325 peças de artilharia, 119 das quaes são de bronze. O assalto ja estava determinado, e por nada mais se esperava doque pelo gelo para apprehender esta operação. O Conde Woronzow formou hum batalhaõ de 600 granadeiros, armados de piques, para servirem de rezerva as tropas Suecas.

A cidade de Gluckstad foi edificada em 1620 por Christiano IV. em hum terreno muito pantanozo; e isto

foi cauza de grandes ciumes para a Hollanda. Em 1625 foi atacada pelo celebre Tilly, o qual, depois de 15 semanas de hum cerco não interrompido, foi obrigado a levanta-lo. Na expedição de Torstenson, Gluckstad e Krempe foraõ as unicas praças destes Ducados que as tropas Suecas não podêraõ occupar.

O exercito alliado desde a sua entrada no Holstein tem tomado 470 peças de artilharia.

Acha-se agora occupado em demolir e destruir a fortaleza de Fredericksort: assim ficará muito mais livre a navegação do Baltico e dos Belts. Tinha-se feito esta fortaleza só com o intuito de embaraçar o Commercio Inglez com as Potencias do Norte.

O Commissario Francez de guerra, Pregaud, mandado pelo Principe de Eckmuhl conseguiu chegar aos postos avançados Dinamarquezes, e entrar em Copenhagen com instrucçoens do seo Governo para o Baraõ Alquier. O General Lallemand taõbem se esperava a semana passada em Caza do Ministro Francez.

Os navios Suecos tem recebido novas ordens para meterem á pique todos os piratas, que tem feito grande mal ao Commercio dos Inglezes, Russos, Prussianos e Suecos no Baltico.

Já todos os postos da Peninsula Cimbrica estaõ abertos ás bandeiras alliadas. Este paiz, que tanto tem soffrido com a sistema continental, vai tornar a ter hum commercio florescente, e a sua antiga prosperidade. Os Noruegianos, que tem passado por todas as calamidades da fome e da miseria, seraõ bem de pressa informados, que a sua união com a Suecia terá por primeira baze todas as vantagens de que ja tornaõ agozar os habitantes da Peninsula Cimbrica: Assim a Noruega, livre e felis, nunca mais será governada como huma colonia, e gozará completamente de todos os seus direitos politicos.

AOS DESTERRADOS HAMBURGUEZES.

Por huma ordem de 16 de Dezembro o Principe de Eckmuhl vos lançou fora das vossas habitaçoens, e sepultou-vos na desgraça. Não vos descorçoéis, portai-vos com firmeza, sede superiores aos vossos infortunios! Como fiel interprete dos principios, que movem as Potencias Alliadas, o Principe

da Coroa vos offerece o seo patrocínio, e quer mitigar a vossa afflicção.—He sem duvida para lamentar, que vós, e as vossas familias não podessem prover-se de mantimentos para o espaço de seis mezes, porem seja o refrigério de hum tal infortunio a lembrança, que não presenciareis os horrores, que ameação a vossa triste cidade.—S. A. R. o Principe da Coroa sciente do proceder violento, que se praticou em Hamburgo, tem dado as seguintes ordens, as quaes manifestar-se-hão em todos os lugares occupados pelo exercito debaixo do seo commando, isto he, por todo o Holstein, e desde das portas de Hamburgo ate á aquellas da antiga França.—Todos os Hamburguezes, que, em consequencia da ordem promulgada pelo Marechal Davoust no dia 18 de Dezembro, tem sido forçados a deixar a cidade de Hamburgo, serão recebidos com o maior acatamento pelo exercito Alliado do Norte da Allemanha. Roupa e mantimentos lhes serão ministrados em proporção ás suas necessidades. Os que de entre elles quizerem contribuir para libertar a cidade de Hamburgo da tyrania, que a opprime, receberão armas, e soldo como o resto do exercito, e formaraõ parte da guarda nacional da cidade de Hamburgo.—Os velhos, as mulheres, e as crianças serão o mais benignamente hospedadas, e serão providas de todo o necessario.—Tem se assinado as villas de Oldeslohe e Segeberg, para ali se ajuntarem todos aquelles Hamburguezes, que quizerem unir-se aos estandartes, e ás tropas destinadas para libertar Hamburgo. Nas cidades de Lubeck e Bremen serão acolhidos todos os velhos, mulheres, e crianças. —Para que os infelizes Hamburguezes sejaõ sem fallencia soccorridos, e a sua situação immediatamente melhorada, tem-se ja dado 40,000 pezos, a fim de suprir-se o que logo necessitarem. Esta primeira soma sera tirada do dinheiro destinado para o pagamento, e subsidios do exercito Sueco. Em quarenta e oito horas tomar-se-hão as medidas necessarias para se restituirem á caixa militar as somas, que dahi forem extrahidas. Huma commissão especial ficará encarregada da execucao da ordem. Esta commissão constará de tres Membros, isto he, de hum dos desterrados de Hamburgo, nomeado pelo Chefe do Estado maior,—de hum habitante da cidade de Lubeck, e outro da cidade de Bremen, deputados pelos Magistrados dos respectivos lugares.—Os Membros da Commissão hiraõ ao quartel general de S. A. R., a fim de la receberem instrucçoens sobre o plano, que devem adoptar de sorte, que venhaõ a dar huma conta exacta da distribuicao dos 40,000 pezos; e estes serão entregues á Commissão pelo Intendente Geral do

exercito. Gastos que sejaõ os 40,000 pezos, a commissão esta authorisada de pedir mais dinheiro para o allivio dos Hamburguezes.

(Assignado) B. SPAARE, Major General, &c. &c.

Quartel-General Kiel,

24 de Dezembro de 1813.

CARTA

Do Principe da Coroa a seo Filho.

Meo querido Oscar.

O povo de Lubeck auxiliou Gustavo Primeiro na restauração da liberdade do seo paiz: eu acabo de pagar esta divida dos Suecos.—Lubeck está livre. Eu tive a felicidade de tomar posse desta cidade sem effusão de sangue. Esta vantagem me he mais cara, que huma victoria n'huma batalha campal, ainda mesmo se uesta perdesse poucos homens. Quaõ felizes somos nós, meo filho, quando podemos impedir, que se derrame huma só lagrima! Quaõ profundo e suave he o nosso somno! Se todos os homens se pudessem convencer desta verdade, não haveriaõ mais conquistadores; e as naçoens seriaõ governadas meramente por justos Reis. Eu parte a manhaã para Olderslohe, e no dia seguinte para onde os successas me chamarem. Eu me esforço por fazer, que elles tendaõ a promover os interesses, e felicidade do meo paiz. A unica recompensa, que eu dezejo he, que os frutos dos meos trabalhos te habitem, meo caro filho, para melhor desempenhar tudo o que depois reprehenderes para a sua prosperidade, e gloria.

Teo Pai affectuoso

CARLOS JOAÕ.

Lubeck, 7 de Dezembro de 1813.

PROCLAMAÇÃO

Das Potencias Alliadas á Nação Franceza.

Francezes,—A victoria tem conduzido os exercitos confederados as vossas fronteiras. Elles estaõ quasi a trespassa-las. Nós não fazemos guerra contra a França; mas sim

repellimos longe de nos o jugo, que o vosso Governo desejava impor sobre os nossos respectivos paizes, os quaes tem tanto direito como vos á independencia. Magistrados, proprietarios, lavradores não desampareis as vossas habitaçoens. A manutençã da ordem publica, o respeito para a propriedade privada, a mais severa disciplina haõ-de caracterizar o progresso, e demora dos exercitos alliados. Nelles não reina o espirito de vingança, elles não intentaõ retribuir á França as innumeraveis desgraças, com que ella ha vinte annos tem affligido as naçoens vizinhas, e as mais remotas. Os Monarcas Confederados são movidos por principios, e vistas differentes daquellas, que vos instigaraõ a invadir os nossos territorios. A sua gloria consistirá em ter terminado o mais cedo possivel os infortunios da Europa. A paz he o unico alvo da sua ambiçaõ, he a unica conquista, de que estaõ cobiçoços; porem ao mesmo tempo elles dezejaõ obter huma paz, cujos frutos produzaõ hum repouzo real, e permanente aos seos povos, á França, e á Europa. Grandes esperanças nos tinhamos de a poder alcançar antes de tocarmos no territorio da França; mas os nossos esforços tem sido infructuosos; e em consequencia agora ahi a vamos procurar.

O MARECHAL PRINCIPE SCHWARTZENBERG.
Commandante em Chefe do Grande Exercito
Alliado.

Quartel General de Lorrach,
21 de Dezembro, 1813.

HOLANDA.

PROCLAMAÇÃO.

Guilherme Frederico, por graça de Deus, Principe de Orange, e de Nassau, Soberano Principe dos Hollandezes Unidos, &c.

A todas as pessoas que virem, ou ouvirem as presentes, saúde. Sendo o meu mais sincero dezejo o dar aos habitantes destas Províncias huma certa segurança para a feliz revolu-

ção nos negocios, que annuncia a volta do commercio, e da navegação, e da antiga prosperidade, por assegurar ao Thesouro Nacional hum consideravel fundo de renda, o qual, segundo a bem entendida natureza do commercio, antigamente recibio o Governo deste paiz, do producto dos combois, e licenças ou direitos maritimos.

Tenho por tanto resolvido, e por este resolvemos, o seguinte:

ART. 1. O principio das Alfandegas Francezas pelo modo porque elle se praticava durante a sua direcção destas materias, he posto de parte, e annullado, por ser irreconcilavel com o interesse, e prosperidade dos habitantes.

2. Todas as fazendas e mercadorias que ja tinham sido importadas previas a este paiz ser evacuado pelos exercitos Francezes, porem que ainda não tem pago os direitos intrinsecos, e igualmente todas aquellas que houverem de ser importadas, ou exportadas, ficaraõ immediatamente obrigadas a pagar para o uso dos Hollandezes Unidos, os direitos que vaõ especificados na lista annexa ao edicto publicado por suas Altas Potencias os Estados Geraes, datado de 31 de Julho, de 1725, com aquellas alteraçoes mudanças, e amplificaçoens que nelle foram feitas ate o tempo em que as nossas provincias foram declaradas annexas á França, na conformidade das excepçoens aqui adiante mencionadas no artigo 7.

3. O direito sobre combois, e licenças, juntamente com o dinheiro dos fretes sobre o embarque, tal qual elle foi atéqui fixado pelo ditto edicto de suas Altas Potencias, de 31 de Julho, de 1725, e depois particularizado pelas outras leis e regulamentos, da mesma forma que os direitos impostos pela lei do 18 de Dezembro de 1805, sobre diversos productos a excepção de sal, e tabaco, a respeito dos quaes se haõ de fazer regulamentos particulares, haõ de tornar a ser introduzidos immediatamente depois da publicação da presente, pela mesma maneira em que elles existiam previos as dittas leis serem declaradas nullas, pela introduccão dos direitos Francezes, debaixo da direcção dos Officiaes das Alfandegas; e para a inspecção das restituçoens, e creditos concedidos pelas Regulaçoens das Alfandegas, de 18 de Dezembro, de 1805, tomaraõ-se as seguintes precauçoens:—

4. Em consequencia do que por esta se faz saber que todas as cortes, e regulamentos concernentes a este ramo da renda nacional, de qualquer denominação que sejam, saõ abolidos, e que aquelles que no já mencionado espaço de tempo, estavam em vigor, tornaraõ a ser recebidos, e re-